



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e letras

Relatório de Estágio

**O estudo da heteronomia pessoal no Ensino
Secundário. Propostas pedagógicas.**

Elsa Santos Gonçalves

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
**Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário e
de Espanhol nos Ensinos Básicos e Secundário**
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor José Henrique Rodrigues Manso

Covilhã, Setembro de 2015

“Vila nova, 3 de dezembro de 1935 - Morreu Fernando Pessoa. Mal acabei de ler a notícia no jornal, fechei a porta do consultório e meti-me pelos montes a cabo. Fui chorar com os pinheiros e com as fragas a morte do nosso maior poeta de hoje, que Portugal viu passar num caixão para a eternidade sem ao menos perguntar quem era”.

Torga, Miguel in *Diário* - vols I a IV.

Agradecimentos

A passagem pela faculdade oferece a cada estudante a possibilidade de atingir a maturidade, tanto psicológica como mental, exigida pelo mercado laboral. Muitos foram aqueles que, direta ou indiretamente, me acompanharam e, sucessivamente, formaram para que no futuro consiga desempenhar adequadamente o meu papel como docente de Português e/ou Espanhol. Apoiada quer nos bons como nos maus momentos, quero mostrar-lhes a minha gratidão por tudo aquilo que fizeram por mim agradecendo em particular:

Em primeiro lugar, aos meus pais que sempre me apoiaram independentemente das minhas decisões;

Ao Luís pelo pela paciência; pelas palavras e atitudes que me devolviam o ânimo e a vontade de ir até ao fim: por tudo;

Aos meus Avós Maternos pela constante preocupação, dedicação e carinho;

Às professoras orientadoras: à Dr.^a Sandra Espírito Santo pela amizade e apoio e à Dr.^a Celeste Nunes pela exigência e disciplina;

Aos professores supervisores: ao Prof. Doutor José Henrique Manso pela orientação e fonte de saber e ao Prof. Doutor Francisco Fidalgo pelo acompanhamento e críticas construtivas;

Aos professores da Universidade da Beira Interior, em particular ao professor Gabriel Magalhães pelos seus ensinamentos e visão do mundo, boa disposição, flexibilidade e humildade; e - como referido anteriormente - ao professor Francisco Fidalgo também pela humildade mas sobretudo pelas aulas diversificadas e enriquecedoras, pela exigência e boa disposição;

Por fim, aos alunos com quem mantive contacto durante a prática pedagógica e que foram sempre carinhosos comigo.

Resumo

Tendo sido os heterónimos Alberto Caeiro e Ricardo Reis o conteúdo central de um terço da nossa prática pedagógica, na vertente do Português, escolhemos para a parte científica do relatório este tema, tratando-o na perspetiva da sua abordagem pedagógica no Ensino Secundário. Faremos, num primeiro momento deste relatório, uma abordagem teórica centrada particularmente na génese e no valor literário dos três heterónimos pessoais. Seguidamente, averiguaremos de que forma os documentos orientadores do ensino contemplam o estudo da heteronomia pessoal, analisando criticamente o *Programa de Português* de 12º Ano e fazendo uma análise cuidadosa de cinco manuais, entre os quais o adotado na Escola Secundária Campos Melo - *Expressões 12*, da Porto Editora. Finalmente, apresentaremos duas propostas pedagógicas tomando por base textos de Pessoa-Heterónimo, onde, além do manual, faremos uso de outros instrumentos de trabalho, como as Novas Tecnologias da Informação.

No segundo capítulo, diretamente relacionado com o Estágio Pedagógico, passar-se-á à reflexão crítica sobre a prática pedagógica desenvolvida nas disciplinas de Português e Espanhol. Por fim, destinámos o último capítulo para a caracterização das turmas a quem se direcionaram as aulas e apresentaremos as diversas atividades extracurriculares desenvolvidas pelos estagiários de Português e Espanhol.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Heterónimos, manuais escolares, prática pedagógica, planificações, propostas pedagógicas.

Resumen

Ya que los heterónimos Alberto Caeiro y Ricardo Reis fueron el contenido central de una parte de nuestras prácticas, en la vertiente del portugués, elegimos para la parte científica de la disertación este tema, tratándolo según la perspectiva de su abordaje pedagógico en la enseñanza secundaria. Haremos, en primer lugar, un abordaje teórico centrado particularmente en el origen y valor literario de los tres heterónimos *Pessoanos*. A continuación, intentaremos buscar de qué forma los documentos orientadores de la enseñanza contemplan el estudio de la *heteronomia pessoana*, analizando críticamente el programa de portugués del 12º curso y haremos un análisis atento del libro de texto adoptado en la *Escola Secundária Campos Melo - Expressões 12* de Porto Editora -, no dejando de recurrir a otros libros de texto del 12º curso, con abordajes diferentes. Por fin, presentaremos propuestas pedagógicas basándonos en textos de *Pessoa - heterónimo*, dónde, además del libro de texto, utilizaremos otras herramientas, como las nuevas tecnologías de la información.

En el segundo capítulo, directamente relacionado con las prácticas, se harán reflexiones sobre las clases impartidas desarrolladas en las asignaturas de Portugués y Español. Por fin, destinamos el último capítulo para la caracterización de los grupos a quien se direccionaron las clases y presentaremos las diversas actividades extracurriculares desarrolladas por los practicantes de Portugués y Español.

Palabras-claves: Fernando Pessoa, Heterónimos, libros de texto, prácticas, planes de clase, propuestas pedagógicas.

Índice

Introdução	15
Capítulo I - O estudo da heteronomia Pessoal no Ensino Secundário. Propostas Pedagógicas.	17
1. Aspectos da vida e obra de Fernando Pessoa	17
2. Considerações em torno dos heterónimos	21
3. A heteronomia nos programas do Ensino Secundário	31
4. A abordagem dos heterónimos nos manuais de Português	42
5. Propostas pedagógicas.....	52
5.1. Alberto Caeiro	52
5.2. Ricardo Reis	65
Capítulo II - Prática pedagógica	80
2.1. Português.....	80
2.1.1. Descrição das aulas lecionadas	80
2.1.2. Reflexão sobre a prática pedagógica	83
2.2. Espanhol	84
2.2.1. Descrição das aulas lecionadas	84
2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica	87
Capítulo III - Envolvimento na Escola	89
3.1. Contextualização e caracterização da escola.....	89
3.2. Caracterização das turmas	90
3.2.1. Turmas de Espanhol.....	90
3.2.2. Turmas de Português	91
3.3. Atividades extracurriculares	92
Conclusões.....	98
Bibliografia	101
Anexos.....	104

Lista de figuras

Figura 1 - Conteúdo processual: leitura.

Figura 2 - Características dos heterónimos.

Figura 3 - Propostas de atividades.

Figura 4 - *Programas e Metas Curriculares de Português*: heteronomia pessoal.

Figura 5 - Conteúdos introdutórios à poesia de Fernando Pessoa.

Figura 6 - Cronologia dos manuais adotados.

Figura 7 - Escola Secundária Campos Melo.

Figura 8 - 10°C de Línguas e Humanidades.

Figura 9 - Alunos da Escola Secundária Campos Melo.

Figura 10 - Palestrantes: núcleo de Estágio de Português e Espanhol acompanhado da Professora Nilza Duarte.

Figura 11 - Professores Estagiários Miguel e Elsa.

Figura 12 - Biblioteca do Convento de Mafra.

Figura 13 - Professora Estagiária com alunos do 7ºA.

Figura 14 - *Ciudad Rodrigo*.

Figura 15 - Professoras Estagiárias Rita e Elsa.

Figura 16 - Professora Orientadora Sandra com Professores Estagiários.

Figura 17 - Professora Orientadora Sandra e alunos do 7ºA e 8ºA no ensaio coreográfico.

Figura 18 - Drª Isabel Fael, Professor Gabriel Magalhães e Professora Olga Fonseca.

Figura 19 - Esther Ballesteros, 8ºA.

Figura 20 - Maria Garcia, 7ºA.

Figura 21 - Alunos, Núcleo de Estágio de Português e Espanhol e Professoras de Espanhol e Inglês.

Figura 22 - Alícia, Joana e Marta: alunas do 8ºA.

Figura 23 - Cartaz de divulgação do concurso.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Análise dos manuais.

Tabela 2 - Conteúdos programáticos do 12º ano.

Tabela 3 - Conteúdos programáticos do 8º ano.

Tabela 4 - Conteúdo programático do 10º ano.

Tabela 5 - Conteúdos programáticos da Unidade 4, nível II.

Tabela 6 - Conteúdos programáticos da Unidade 5, nível I.

Tabela 7 - Conteúdos programáticos da Unidade 9, nível I.

Introdução

O presente relatório pretende refletir sobre a prática pedagógica desenvolvida no âmbito do Estágio nas disciplinas de Português e Espanhol, realizado no ano letivo 2014/2015, na Escola Secundária Campos Melo, situada na Covilhã. Além desta reflexão, centraremos ainda a nossa atenção na abordagem do estudo da heteronomia pessoal no Ensino Secundário, analisando, neste sentido, o papel e a importância que tanto os Programas de Português como os manuais escolares atribuem a este conteúdo programático.

A seleção do tema deste relatório, desenvolvido ao longo do primeiro capítulo, surgiu das aulas que foram lecionadas, durante o primeiro período, aos alunos do 12º ano do curso de Línguas e Humanidades e do íntimo desejo de conhecer mais detalhadamente - mediante o ponto “Vida e Obra de Fernando Pessoa” seguido das “Considerações em torno dos heterónimos” - um dos maiores poetas da literatura portuguesa, para depois interligar dados biográficos do autor com o processo da heteronomia pessoal colmatando, deste modo, as falhas cometidas no decorrer das aulas por falta de conhecimentos teóricos. Para além deste objetivo inicial e dada a grandiosidade do legado deixado por Fernando Pessoa, iremos averiguar até que ponto poderia a obra de Pessoa ser abordada noutros níveis de ensino, que não apenas o 12º ano, analisando criticamente dois programas de português - o homologado em 2002 e em vigor até ao ano letivo 2014/2015 e os novos *Programas e Metas Curriculares* que entrarão em vigor no próximo ano letivo. Além dos programas centraremos também a nossa atenção em cinco manuais escolares, correspondendo um deles ao adotado pelos Professores de Português da Escola Secundária Campos Melo. Assim, no decorrer da análise destes dois instrumentos, iremos descrever a abordagem que é feita relativamente à heteronomia pessoal, enumerar aspetos que poderiam ser colmatados por forma a melhorar o estudo da heteronomia pessoal em contexto de sala de aula e ver se os manuais adotados nas Escolas Portuguesas seguem ou não as diretrizes do documento regulador. Por fim, das conclusões retiradas da análise do programa em vigor até ao momento, serão apresentadas duas propostas pedagógicas baseadas nas planificações que apresentámos aquando do estudo da unidade relativa à poesia de Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Por sua vez, no Capítulo II, intitulado “Prática Pedagógica”, refletir-se-á sobre o trabalho desenvolvido durante o Estágio, quer a Português, quer a Espanhol, nomeadamente sobre os objetivos, métodos, materiais e resultados obtidos. Para terminar, no terceiro e último capítulo, denominado “Envolvimento na Escola”, apresentaremos a contextualização e caracterização da escola onde decorreu o Estágio, a caracterização das turmas com as quais se trabalhou e ainda uma descrição das atividades dinamizadas ou nas quais participou o Núcleo de Estágio de Português/Espanhol.

Para a realização da vertente científica deste Relatório de Estágio, a metodologia adotada irá desenvolver-se em três etapas. Em primeiro lugar iremos proceder a uma revisão de

literatura, através da consulta de livros disponíveis na biblioteca de Viana do Castelo, Universidade da Beira Interior e Universidade do Minho, para aprofundar conhecimentos acerca da vida e obra de Fernando Pessoa e particularmente dos heterónimos. Depois do aprofundamento teórico, prosseguiremos com a análise atenta da presença da heteronomia pessoana nos programas e nalguns manuais escolares, averiguando a fidelidade deste instrumento pedagógico ao *Programa de Português Cursos Científico-Humanístico e Cursos Tecnológicos*. Por último, partindo do aprofundamento teórico, das matrizes orientadoras do programa e da nossa experiência como professora de português, apresentaremos duas propostas pedagógicas, ambas adaptadas de duas aulas lecionadas a alunos de 12º ano, do Curso de Línguas e Humanidades, da Escola Secundária Campos Melo, no ano letivo de 2014/2015.

Gostaríamos ainda de referir uma limitação ao nosso trabalho relativamente ao tratamento da heteronomia pessoana nos manuais: a escassez de manuais adotados e disponíveis na Escola Secundária Campos Melo e em escolas secundárias de Viana do Castelo, a que tivemos acesso, não nos permitiu cumprir o objetivo inicial de analisar a curva evolutiva do estudo da heteronomia pessoana ao longo dos anos, restringindo-se este ponto à análise de alguns manuais publicados em 2011 e 2012.

Capítulo I - O estudo da heteronomia Pessoal no Ensino Secundário. Propostas Pedagógicas.

1. Aspectos da vida e obra de Fernando Pessoa

Antes de proceder com o estudo atento de uma obra poética o professor deve, em primeiro lugar, dominar os dados biográficos do autor para ser simultaneamente capaz, neste caso específico, de explicar aos alunos os motivo(s) que melhor justificam a necessidade sentida por Fernando Pessoa aquando da criação da sua obra heteronímia.

Fernando António Nogueira Pessoa, poeta do século XX, nasceu em Lisboa a 13 de junho de 1888 (Quadros, 2000: 21). Para além de poeta, foi também dramaturgo, pensador metafísico e político, teórico da economia comercial e da sociologia, autor dramático e crítico literário (Crespo, 1988: 13). António Quadros refere que não será decerto inoportuno apontar que pertencia ao signo dos Gémeos, pois os seus nativos têm características peculiares:

têm uma natureza dual, plural, balançando sempre entre o alegre e o triste, e por outro lado entre o concreto e o abstrato, o consciente e o subconsciente, o objetivo e o subjetivo. Signo eminentemente intelectual, mas predispondo os seus nativos para a versatilidade, para a mais ampla multiplicidade de inclinações e de interesses, para o desejo de ser várias coisas ao mesmo tempo (Quadros, 2000: 21).

Fernando Pessoa era filho de Joaquim de Seabra Pessoa que parecia apreciar a literatura e a música, como verificamos nas palavras de António Quadros que nos indica que “chegou a ser crítico musical no *Diário de Notícias* e publicou um opúsculo sobre *O navio Fantasma* de Wagner” (Quadros, 2000: 22).

A sua mãe, D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira, de origem açoriana, “teve uma educação mais apurada do que era então usual, falando várias línguas como o francês, inglês e alemão, lendo muito e escrevendo versos” (Quadros, 2000: 22). Possivelmente terá vindo daqui a veia poética de Fernando Pessoa.

Os primeiros anos de vida de Pessoa foram tranquilos e felizes, mas tudo mudou a partir do dia 13 de julho de 1893, quando a tuberculose levou Joaquim de Seabra Pessoa, seu pai, para longe daqueles que mais amava. A partir desse dia, vários foram os acontecimentos que, de modo gradual, contribuíram para o desmoronamento do mundo do menino que viria a ser o nosso futuro poeta: três meses após a morte do pai, D. Maria Nogueira “foi obrigada a leiloar a mobília e a mudar-se para uma casa mais modesta. No ano seguinte, logo no dia 2 de janeiro, Fernando Pessoa perde também o irmão mais novo” (Quadros, 2000: 25). À perda do pai e irmão, junta-se o segundo casamento por procuração da mãe com o comandante João

Miguel Rosa, em 1895, que Fernando Pessoa aceita com dificuldades. Exercendo o marido o cargo de cônsul interino em Durban, D. Maria Madalena parte para a África do Sul, levando consigo Fernando Pessoa. Este perde rapidamente o privilégio da atenção exclusiva da mãe, já que passa a reparti-la com o padrasto e com os sucessivos filhos que nascem deste segundo casamento de D. Maria Pessoa. Assim, Fernando Pessoa encontra refúgio no seu isolamento, na sua imaginação e atração pelo ficcional: aos seis anos de idade, cria o seu primeiro heterónimo, chamado *Chevalier de Pas*, e, em 1903, o heterónimo Charles Robert Anon, resultado das suas leituras de Shakespeare, Milton, Byron, entre outros.

Em Durban, Fernando Pessoa recebe uma educação inglesa, frequenta inicialmente o Convento de West Street, mas muda-se rapidamente para a *High School* (Quadros, 2000: 26). A língua inglesa estará sempre presente na vida de Fernando Pessoa e, em 1908, em Lisboa, trabalhará como tradutor e correspondente de várias casas comerciais (Quadros, 2000: 45). Estas atividades permitir-lhe-ão obter independência económica suficiente para se dedicar à sua intensa atividade literária e intelectual.

Em agosto de 1905, após passar a maior parte da juventude em África, Fernando Pessoa regressa à cidade natal e matricula-se na Faculdade de Letras, que frequentará por muito pouco tempo. Tal como o afirma o seu meio-irmão, João-Maria Nogueira Rosa:

Nos seus primeiros tempos na Universidade de Lisboa foi um dos instigadores de uma greve de estudantes em 1907. Isto levou-o a desistir do Curso Superior de Letras. Suponho que não foi expulso. Parece-me que ele não concordava com o modo como a Universidade era orientada e decidiu desistir (Quadros, 2000: 68).

O assassinio do rei D. Carlos, a revolução, a proclamação da República são acontecimentos capitais na sua formação. Fernando Pessoa segue de perto a atividade dos escritores que, no Porto, lançam a revista *A Águia* (1910) e mais tarde o movimento da *Renascença Portuguesa* (1912), orientada por Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra: duas personalidades distintas que pretendiam a regeneração nacional.

A adesão de Fernando Pessoa aos ideais da *Renascença Portuguesa*, que coincide com a sua estreia literária, manifesta-se então em 1912, com a publicação na revista *A Águia* de vários artigos sobre “A Nova Poesia Portuguesa”.

Entre 1912 e 1914, Fernando Pessoa tinha criado, em Lisboa, o seu próprio círculo de amigos, de entre os quais se destacam Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra e Afonso Lopes Vieira, nascidos, respetivamente em 1887, 1893 e 1878. Como vemos, estas três personalidades eram mais velhas que Pessoa e adotavam simultaneamente estilos e pensamentos diferentes em relação a ele. Pascoaes, para além de Saudosista, possuía a sua ortodoxia íntima e muito pessoal, ao passo que Lopes Vieira tinha uma força de convicção idealista e um pouco ingénua, cultivando uma linguagem requintada (Quadros, 2000: 31). Juntaram-se duas

gerações distintas e Fernando Pessoa sentiu desde o início as divergências entre eles, tal como explica António Quadros.

Ao mesmo tempo que o seu pensamento se orienta para horizontes inéditos, o seu estilo acentua uma modernidade e uma originalidade que já causam estranheza. Um escritor novo, uma geração nova precisam de se afirmar, mesmo através de uma certa injustiça, pelo ato ritual da execução dos mestres (Quadros, 2000: 31).

Assim procedeu Fernando Pessoa aquando a publicação do seu artigo satírico *Naufrágio de Bartolomeu* (Pessoa, 1966: 29) com o fim de ridicularizar o livro para crianças da autoria de Lopes Vieira. Ainda que reticente em relação à sua adesão ao movimento da Renascença, permaneceu até que “a recusa, ou pelo menos o desinteresse dos dirigentes da *Águia* em publicarem *O Marinheiro*” (Quadros, 2000: 32) precipitasse a rutura definitiva do poeta com o grupo da *Renascença* onde confessou ter ficado magoado com a atitude deste.

Liberto de compromissos com a *Renascença Portuguesa*, Fernando Pessoa começa a conviver com novos escritores da sua geração, talentosos e vanguardistas, que posteriormente viriam a ser grandes amigos seus, a saber: Mário de Sá-Carneiro, Santa Rita Pintor, Amadeo de Sousa Cardoso e Almada Negreiros (Quadros, 2000: 33). O grupo sustentava uma excelente relação, juntavam-se nos cafés até altas horas onde discutiam vários assuntos e faziam planos.

Por volta de 1914-1915, de modo a pregar uma partida ao seu amigo Sá-Carneiro, afirma ao longo da Carta a Adolfo Casais Monteiro que criou “um poeta bucólico de espécie complicada” (Sena, 2000: 201) a quem iria chamar Alberto Caeiro, mestre de Fernando Pessoa. Apesar de a carta somente apontar para a famosa partida ao amigo, existem fortes probabilidades de este heterónimo, ter surgido no âmbito de atacar indiretamente Teixeira de Pascoes. Após o nascimento deste heterónimo, surgiram Ricardo Reis e Álvaro de Campos, mas iremos esmiuçar esta questão no subcapítulo seguinte.

Passado pouco tempo do nascimento dos heterónimos, surgiu a revista *Orpheu* (1915), financiada pelo pai de Mário Sá-Carneiro, que tinha como principal característica ser uma revista de grupo. Esta publicação surgiu com o intuito de “arrancar o país mental da sua estagnação que Fernando Pessoa criou movimentos literários [...] como o paulismo, o sensacionismo e o interseccionismo; animou e dirigiu o *Orpheu*” (Quadros, 2000: 40). Nesta revista foram publicados textos bastante provocatórios como o *Opiário* (1914), a *Ode Triunfal* (1914) e a *Ode Marítima* (1915), do heterónimo Álvaro de Campos assim como o poema interseccionista *Chuva Oblíqua* (1914) de Fernando Pessoa ortónimo (Quadros, 2000: 40). Sendo esta revista escandalosa, apesar de o seu financiador lhe ter retirado o seu apoio económico, conseguiu marcar o advento do Modernismo em Portugal.

Ao longo da sua vida, desde a revista *A Águia*, passando pela criação da revista *Orpheu*, Fernando Pessoa exerceu a sua atividade literária através de inúmeras publicações. Destacamos a colaboração, com a publicação do poema *Ultimatum* de Álvaro de Campos, na

revista *Portugal Futurista* (1917), de Almada Negreiros, e na *Contemporânea* (1922), dirigida por José Pacheco, onde publicou o início da *Mensagem* e *O Banqueiro Anarquista* (Quadros, 2000: 40-41). Em 1924 criou e dirigiu a sua própria revista de arte chamada *Athena*, na qual constaram, evidentemente, as *Odes* de Ricardo Reis (Quadros, 2000: 42). Já em 1926, juntamente com o cunhado, dirigiu a *Revista do Comércio e da Contabilidade*, onde publicou diversos artigos de carácter económico que foram menosprezados (Quadros, 2000: 45).

Com o suicídio de Mário de Sá-Carneiro, em 1916, o caminho de Fernando Pessoa desviou-se pouco a pouco para outras paragens, e o poeta iniciou então um itinerário de interiorização, de solidão e por outro lado de apostolado das suas ideias patrióticas, esotéricas e literárias, mas num plano cada vez mais individualista. Assim, por volta de 1918 e até 1935, Fernando Pessoa mergulhou no campo do ocultismo e mistério no intuito de se compreender a si próprio (Quadros, 2000: 191). O documento que melhor atesta a sua confessa mediunidade é a carta que escreveu à tia Anica, datada de 24-6-1916. Do extenso relato, Fernando Pessoa suscitou a nossa curiosidade quando ao longo da carta transcreve o seguinte:

Há mais curiosidade do que susto, ainda que haja às vezes coisas que me metem certo respeito, como quando, várias vezes, olhando para o espelho, a minha cara desaparece e me surge uma fâcies de homem de barbas, ou um outro qualquer (são quatro, ao todo, os que assim me aparecem) (Quadros, 2000: 203).

Dada a apurada capacidade imaginativa de Pessoa e conseqüente capacidade ingovernável para a despersonalização, nestes “homens de barbas” podemos - apesar de serem descritos na carta a Adolfo Casais Monteiro como tendo a “cara rapada” - muito bem perceber quem viria a ser Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e quiçá António Mora ou Fernando Pessoa o fingidor.

Nem todos os homens têm o poder de amar. Fernando Pessoa, apesar da sua peculiar personalidade, disfrutou esporadicamente do amor que sentiu por Ofélia Queirós. Esta foi por momentos uma fuga ao isolamento do poeta, bem como a revelação de si próprio como um ser capaz de amar. Mas foi sobretudo uma revelação da sua complexidade psíquica que contribuiu para justificar o desfecho da sua história de amor com Ofélia. A relação ocorreu em dois momentos distintos: o primeiro, de 1 de maio a 29 de novembro de 1920 (Quadros, 2000: 168), e o segundo, de 11 de Setembro de 1929 a 11 de janeiro de 1930 (Quadros, 2000: 172). Este reencontro, nove anos depois, foi motivado pela oferta de Pessoa de uma fotografia sua a beber vinho no Abel Ferreira da Fonseca a Carlos Queirós, sobrinho de Ofélia. Esta, ao ver a fotografia, sentiu necessidade de possuir uma igual, e o poeta enviou-lhe uma com a seguinte dedicatória: “Fernando Pessoa em flagrante delíto” (Quadros, 2000: 170). Este trocadilho revela-nos que Fernando Pessoa para além de intelectual era dotado de um apurado sentido de humor.

Fernando Pessoa trocou a perspectiva de um amor e de uma família para tentar encontrar-se a si próprio, mas em vão. Tal como indica António Quadros Sem amigos [Mário de Sá-Carneiro

morrera em 1916 e Santa Rita Pintor assim como Amadeo de Sousa Cardoso morreram em 1918], sem Ofélia, afastado da mãe, desistente da faculdade, Fernando Pessoa refugia-se no álcool acabando por morrer, conscientemente, de cirrose hepática a 30 de novembro de 1935, “quando começava a ser reconhecido pelos poetas e críticos da revista *Presença* como um mestre indiscutível” (Crespo, 1988: 17).

Após estas breves considerações iniciais, podemos perceber melhor Fernando Pessoa e a necessidade dos seus heterónimos. Sendo um indivíduo imerso numa atmosfera de dúvida, de contradições constantes, de abandono (por parte da mãe) e de descrença, tornam-se mais claro para os alunos os motivos que o levaram a criar os heterónimos tão distintos entre si. Em primeiro lugar, a obra de Fernando Pessoa procura, por um lado, responder à pergunta original: *quem sou eu?* Ao interesse que Pessoa sempre manifestou pela cultura clássica juntam-se as sucessivas perdas - o pai, irmão e amigos - experienciadas pelo poeta. A junção destas duas componentes poderá ter estado na base do surgimento do heterónimo Ricardo Reis: depois de se aperceber que nunca mais iria poder ver quem outrora lhe fora importante, o poeta consciencializa-se do quão breve é a vida e que devemos aproveitá-la ao máximo, convidando os leitores a seguir o *carpe diem* horaciano, ideal de vida que nos permite viver isentos de sofrimento. Estas perdas atormentaram para sempre a alma do autor, contribuindo para que se tornasse numa pessoa reservada e solitária. Frustrado com a sucessão de acontecimentos trágicos que sucederam durante a sua infância, é por um lado compreensível o tema da “nostalgia da infância” de Fernando Pessoa ortónimo e heterónimo (Álvaro de Campos), mas, por outro, é provável que o poeta tenha criado o heterónimo Alberto Caeiro no intuito de ser como ele: um ser antimetafísico e conseqüentemente feliz. Por outro, “visa provocar o sossego habitual da atmosfera lisboeta - conseguido através do heterónimo Álvaro de Campos - o da adesão à inquietude desses anos em que o modernismo assim como o futurismo lançam o ataque final contra o século XIX romântico e neoclássico, puritano e espartilhado, enfim uma crítica a que não é indiferente a sua torturada ansiedade patriótica” (Quadros, 2000: 35).

2. Considerações em torno dos heterónimos

Fernando Pessoa é o poeta dos heterónimos; o poeta que se desmultiplica ou despersonaliza na figura de vários heterónimos e semi-heterónimos, dando forma por esta via à amplitude e complexidade dos seus pensamentos, conhecimentos e percepções da vida e do mundo.

Apesar de Fernando Pessoa ter criado vários heterónimos, como António Mora e o *Chevalier de Pas*, por exemplo, os mais conhecidos e com produção literária mais consistentes são: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e por último, Álvaro de Campos, estudados no 12º ano de escolaridade. Mas quem são estas personalidades, cujas biografias Fernando Pessoa delineou?

São várias as definições do termo “heterónimo”. Fernando Pessoa na “Tábua bibliográfica”, publicada na *Presença* nº 17 definiu o conceito da seguinte forma:

A obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heteronímia é do autor fora da sua pessoa; é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu (Coelho, 1998: 161).

Vejamos outra definição da autoria de Crespo:

Pessoa chamou heterónimos (...) a partir de 1914 (...) porque não se limitou a ir escrevendo, de acordo com os seus eventuais estados de ânimo, uns poemas que depois atribuía, conforme o seu carácter, a um ou a outro dos heterónimos, mas foi, além disto, calculando minuciosamente os elementos biográficos, intelectuais e até sentimentais, segundo os quais havia de desenvolver-se a obra poética destas personagens, cuja existência dependia, naturalmente, dos escritos a elas atribuídos (Crespo, 1988: 67).

Uma vez esclarecido o termo e após o professor se certificar de que todos os alunos são capazes de fazer a distinção entre “pseudónimo” e “heterónimo”, pode dar-se início ao estudo da heteronomia pessoana com a leitura e análise da carta que Fernando Pessoa endereçou a Adolfo Casais Monteiro, a 13 de janeiro de 1935, para se dar a conhecer aos alunos os motivos que conduziram o poeta à criação dos seus heterónimos. Nesta carta, Fernando Pessoa procurou responder às três perguntas colocadas pelo seu destinatário: “(1) plano futuro da publicação das suas obras, (2) génese dos heterónimos e (3) ocultismo” (Sena, 1946: 196). Constatamos, porém, que o manual do aluno somente compila excertos relativamente à segunda questão.

Já após a publicação da *Mensagem* (1934), o autor informa ao longo da carta que pretende remodelar uma versão do *Banqueiro Anarquista* para posteriormente publicar e reunir em volume os poemas pequenos do Fernando Pessoa, ele mesmo, e continua, referindo-se aos heterónimos:

Referi-me, como viu, ao Fernando Pessoa só. Não penso nada do Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos. Nada disso poderei fazer, no sentido de publicar, exceto quando (...) me for dado o Prémio Nobel. E contudo - penso-o com tristeza - pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida (Sena, 1946: 197).

Para além de considerar os heterónimos como partes dele próprio, autor em segundo grau, autor de autores, e consciente de que o seu trabalho enquanto Fernando Pessoa Heterónimo não teria o privilégio de ser publicado, o autor persiste em explicar a Casais Monteiro a génese dos três heterónimos, começando por alegar o seguinte:

Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos - felizmente para mim e para os outros - mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo (Sena, 1946: 198).

Fernando Pessoa informa, nas entrelinhas da missiva, que esta tendência orgânica para a simulação e despersonalização surgiu ainda em criança, quando tinha seis anos:

Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. (...) Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente - um certo *Chevalier de Pas* (...) (Sena, 1946: 199).

As fortes transmutações sofridas pelo poeta - ilustradas ao longo do primeiro ponto deste Capítulo - contribuíram para abalar e desequilibrar o seu psicológico. Ao sentir-se sozinho, num país e continente cujo idioma e pessoas desconhecia, o jovem poeta sentiu a necessidade de imaginar um amigo que o ajudasse nesta nova fase: o *Chevalier de Pas*. A relação entre os dois era epistolar: Fernando Pessoa endereçava cartas ao *Chevalier* e este respondia-lhe. No fundo, encontramos o poeta emergido num monólogo desmesurado que lhe trazia conforto e o livrava da solidão que sentia nas terras áridas e quentes. Ainda segundo Pessoa:

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura - cara, estatura, traço e gesto - imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles (Sena, 1946: 200).

Depois de *Chevalier de Pas*, outros, mais literários, surgiram:

Aí por 1912, salvo erro (...) veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis) (Sena, 1946: 201).

Fernando Pessoa considera que este heterónimo foi o primeiro a revelar-se-lhe, ainda que não tenha sido o primeiro a iniciar a sua atividade literária. Apesar de a gestação mental de

Ricardo Reis ocorrer em 1912, foi Alberto Caeiro quem, “ano e meio, ou dois anos depois”, ganhou vida:

(...) lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro - de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já não me lembro como, em qualquer espécie de realidade (Sena, 1946: 201).

Este jogo de espelhos ou de máscaras por detrás das quais se oculta o enigma da identidade individual pode ter surgido primeiro em Sá-Carneiro do que em Fernando Pessoa (Quadros, 1984: 34). Escrevia aquele em 1913: “Eu não sou eu nem sou o outro,/ Sou qualquer coisa de intermédio:/ Pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro” (Sá-Carneiro, 1996: 37).

Ainda assim, Fernando Pessoa prossegue no âmbito de justificar a génese do seu primeiro heterónimo:

Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira - foi em 8 de março de 1914 - acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei deste logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre (Sena, 1946: 201).

Apesar de a carta a Adolfo Casais Monteiro ser o marco introdutório para o estudo da heteronímia pessoana, o professor deve facultar a autonomia dos discentes e ocultar, numa primeira fase, a referência ao “mestre”. Com o decorrer das aulas, os alunos já possuirão conhecimentos suficientes para entender e justificar o motivo que conduziu Fernando Pessoa a eger Alberto Caeiro como seu mestre e mestre de Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Depois do nascimento de Alberto Caeiro, no âmbito de acabar com um ciclo cultural português - o saudosismo de *A Águia* defendido por Teixeira de Pascoaes (Crespo, 1988: 73) -, Fernando Pessoa “tratou logo de lhe descobrir, -instintiva e subconscientemente -, uns discípulos”:

Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos.

Criei então, uma *coterie*¹ inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim (Sena, 1946: 201 - 202).

¹ Círculo social

A carta acrescenta que, uma vez nascidos os heterónimos, Pessoa procurou fixar-lhes os traços biográficos, determinar diferenças de critério, graduar influências. Tratou-se de uma complexa tarefa intelectual incompatível com a afirmação de Pessoa de que tudo, nesta história da génese dos heterónimos, foi alheio ao seu arbítrio. Tudo indica que Fernando Pessoa simulou ao forjar os heterónimos. Por mais que sejam seres imaginários, o certo é que Fernando Pessoa conseguiu humanizá-los, conforme depreendemos das palavras que recorre para os descrever:

Eu vejo *diante* de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente do Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase nenhuma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (à 1.30 da tarde, diz-me Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos - o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma - só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivía com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o *Opiário*. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre (Sena, 1946: 204 - 205).

Esta humanização é ainda conseguida através da missiva onde Álvaro de Campos nos fala do seu encontro com Alberto Caeiro, como veremos mais adiante, ou quando Fernando Pessoa informa Casais Monteiro que o poema *Opiário*, de Álvaro de Campos, surgiu quando este ainda não conhecia o Mestre:

Quando foi da publicação de “Orpheu”, foi, preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema “antigo” do Álvaro de Campos - um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Alberto Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o *Opiário*, em que tentei dar todas as tendências latentes de Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre

Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver (Sena, 1946: 203).

Analisados alguns dos aspetos mais relevantes da carta a Adolfo Casais Monteiro, o professor poderia iniciar o estudo dos poemas pré-selecionados, sendo Alberto Caeiro o primeiro heterónimo a ser estudado.

Alberto Caeiro

O mestre é aquele de cuja biografia menos se ocupou Fernando Pessoa: “a vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nela mais que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida. Em tudo o mais houve incidentes, nem há história”, como infere Ricardo Reis (Pessoa, 1966: 330).

Sensacionista por excelência, Alberto Caeiro “baseia-se na substituição do pensamento pela sensação” (Zenith, 2007: 161). Campos, num poema que dedica à sua memória, define-o dizendo que possui a “alma abstrata e visual até aos ossos”. Num documento intitulado *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, Campos descreve o seu encontro com o mestre dizendo o seguinte:

(...) parti numa viagem ao Oriente; no regresso, desembarcando em Marselha, e sentido um grande tédio de seguir; vim por terras até Lisboa. Um primo meu levou-me um dia de passeio ao Ribatejo; conhecia um primo de Caeiro, e tinha com ele negócios; encontrei-me com o que havia de ser meu mestre em casa desse primo (Sena, 1946: 155).

Este encontro prova que o que Caeiro “vê a cada momento/ é aquilo que nunca antes tinha visto”. Depois de Álvaro de Campos citar versos de Wordsworth - “Uma flor à margem do rio para ele era uma flor amarela, e não era mais nada” -, Caeiro reflete sobre eles e procura consciencializar Campos de que a ideia de Wordsworth não está totalmente correta, acrescentando o seguinte:

O que esse seu poeta inglês queria dizer é que para o tal homem essa flor amarela era uma experiência vulgar, ou coisa conhecida. Ora isso é que não está bem. Toda a coisa que vemos, devemos vê-la sempre pela primeira vez, porque realmente é a primeira vez que a vemos. E então cada flor amarela é uma nova flor amarela, ainda que seja o que se chama a mesma de ontem. A gente não é já o mesmo nem a flor a mesma. O próprio amarelo não pode ser já o mesmo. É pena a gente não ter exatamente os olhos para saber isso, porque então éramos todos felizes (Sena, 1946: 158).

Caeiro sente, assim, satisfação pessoal quando convive com a Natureza o que lhe permite “nascer a cada momento/ para a eterna novidade do mundo”. A Natureza é aceite sem necessidade de explicações. Caeiro jamais pergunta a si mesmo o porquê das coisas nem da sua natureza. Tão-pouco busca neles sentidos ocultos, isto é, transcendentais, uma vez que “(...) o único sentido oculto das coisas/ É elas não terem sentido oculto nenhum”. Assim, é um

heterónimo que vive com o espírito concentrado numa atividade suprema: olhar. Os pensamentos de Caeiro não passam de sensações visuais porque segundo Caeiro, “O mundo não se fez para pensarmos nele/ (Pensar é estar doente dos olhos)/ Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo”.

Ainda como indica Jacinto do Prado Coelho:

A sua posição teórica é um realismo ingénuo: não discriminando percepção e objeto, atribui ao objeto as qualidades do conteúdo da percepção, como forma, cor, etc. As coisas existem de facto como as vemos; só não possuem as qualidades abstratas de que a nossa imaginação as dota: “Uma flor acaso sem beleza? / Tem beleza acaso um fruto? / Não: têm cor e forma” (Coelho, 1988: 30).

Ao privilegiar a visão, Caeiro recusa qualquer atividade metafísica, porque pensar, segundo ele, “incomoda como andar à chuva”. À medida que adota esta postura anti-metafísica, Caeiro defende que o ato de criação poética deve nascer espontaneamente e repelia os poetas que “(...) trabalham nos seus versos/ Como um carpinteiro nas tábuas!...”. Mediante o uso da comparação, Caeiro deixa claro que menospreza o trabalho formal, minucioso e exigente dos poetas que se preocupam demasiado com o conteúdo formal da poesia. Segundo Caeiro, o poema deve nascer ao ritmo dos pensamentos e não interessa que careça de esquema rimático e regularidade estrófica e/ou métrica. Por outras palavras, e como nos indica Jacinto do Prado Coelho:

Aceitava-se que os seus versos (...) alvejassem pelo combate direto ou pela ironia os homens que interpretam, esquadrinham, fazem metafísica, esquecendo a superfície maravilhosa das coisas, ou seja, o que existe, para tentarem escrutar a essência das coisas, que dizer, o que não existe, porque a Natureza é só superfície (Coelho, 1998: 28).

Por outro lado, este heterónimo menospreza o tempo cronológico, que trespassa a esfera do tempo presente. Segundo o mesmo, recordar vivências do passado atraiçoa a Natureza e pensar no futuro conduz o indivíduo para o campo das miragens (Coelho, 1998: 24). Assim, Caeiro é um poeta do real objetivo. Esta objetividade inclui, para além da valorização do tempo presente, preferência pela exterioridade. Caeiro afirma que “(...) antes de sermos interior somos exterior/ Por isso somos exterior essencialmente” defendendo a precedência da existência em relação ao pensamento, do corpo em relação ao espírito.

À semelhança de Cesário Verde, recordemo-nos do poema *Num Bairro Moderno*, o deambulismo é outra das características de Caeiro. Este afirma que tem “o costume de andar pelas estradas/ Olhando para a direita e para a esquerda”. Deste modo, adora andar constantemente e sem destino, absorvido pelo espectáculo da variedade das coisas como se verifica nos seguintes versos: “Minha alma é como um pastor,/ Conhece o vento e o sol/ E anda pela mão das Estações/ A seguir e a olhar”.

Caeiro busca, através das palavras, transmitir a sua inocência, a nudez da sua visão. Daí, algumas vezes, a simplicidade quase infantil do estilo, a familiaridade de algumas expressões e as comparações mezinhas que se verificam na sua poesia (Coelho, 1998: 26). Segundo Jacinto do Prado Coelho:

Satisfaz-se calmamente com o manejo hábil de um número reduzido de vocábulos, o que aliás provoca uma impressão de monótona pobreza condizente com a mentalidade supostamente primitiva do mestre não livresco (...) não poupa as antíteses, os paradoxos, os silogismos bem desenrolados. (...) Acumula copulativas, emprega os termos pitorescos da fala popular, repisa os demonstrativos neutros, atenua a aridez dos raciocínios com imagens e comparações caseiras, recorre ao oxímoro, paradoxos e aliteração vocálica e consonântica (Coelho, 1998: 124 - 125).

Esteticamente, Ricardo Reis censura o seu mestre pelo facto de os seus poemas carecerem de disciplina exterior mas perdoa-o por defender que aos inovadores muito se perdoa (Crespo, 1988: 83).

De acordo com a descrição psicológica que Fernando Pessoa lhe atribuiu e tendo em conta as características temáticas e formais enumeradas, Caeiro surge, então, como poeta lírico espontâneo, intuitivo e inculto. Mas este antimetafísico é, no entanto, autor de poemas. Não estaremos perante um paradoxo? Já vimos que Caeiro critica os poetas que intelectualizam a poesia ou ainda como acrescenta Coelho:

Aceitava-se ainda que Alberto Caeiro increpasse os devaneadores, que atribuem alma às coisas, chamam freiras às estrelas, povoam a Natureza das criaturas da sua fantasia, refugiam-se no irreal, nas mentiras do subjetivo, como se o mundo objetivo não fosse melhor que todos os imaginados (Coelho, 1998: 39).

Mas não estará Caeiro a ser incoerente ao declarar-se inimigo de todo o pensar sob o pretexto de que o pensamento é uma função derivada, acrescentada e equivale a não compreender? Não implica intervenção da inteligência a própria saboreada contemplação das coisas como objetos originais, sempre diferentes? A este propósito, diz Jacinto do Prado Coelho:

Pessoa, ao forjar Caeiro, partiu de uma imagem mental, de uma atitude apenas vivida pela inteligência, que “ilustrou” dando voz a uma “personagem” típica. Por isso, apesar de Caeiro, ao falar de si próprio, e Campos, ao evocar o mestre, quererem convencer-nos de que o pensamento de Caeiro é o pensamento ingénuo de um poeta, o fruto verde de uma experiência intuitiva, a poesia deste nos deixa uma impressão totalmente contrária. Medularmente, Caeiro é um abstrator paradoxalmente inimigo de abstrações: daí a secura, a pobreza lexical do seu estilo. Em regra, ouvimo-lo argumentando, criticando, não transmitindo sensações mas discorrendo sobre sensações. (...) É sintomático da qualidade do seu espírito que o conteúdo da sensação lhe seja indiferente, que sublinhe o ato de ver, não objeto da visão. (...) Igualmente sintomática a preponderância da vista sobre os outros sentidos, porque a vista (...) pode metaforicamente indicar a percepção, a compreensão (Coelho, 1998: 28).

Concluimos que Caeiro é, na verdade, um ser pensante, como os demais indivíduos. Apesar de a biografia e de a poesia nos tentar transmitir o contrário, Caeiro é muito mais perspicaz do que podemos julgar. Anti-metafísico formalmente, a sua poesia foi pensada para que até visualmente - note-se aqui o primado da visão, uma vez mais - chamasse à atenção. Vejamos um exemplo através do seguinte poema:

XI

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos e amar a
Natureza.

Montalvor, 1997: 41.

Se rodarmos o poema no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio, conseguimos perceber uma das partes fundamentais do piano: as teclas. Caeiro terá pensado que o leitor pudesse ver na primeira estrofe uma tecla branca e uma tecla preta na segunda estrofe. Embora involuntariamente, Caeiro é como os demais poetas, um poeta intelectual.

Ricardo Reis

Contrariamente a Caeiro que defende que, as coisas devem ser sentidas tal como são, para Ricardo Reis, “as coisas devem ser sentidas, não só como são, mas também de modo a enquadrar-se num certo ideal de medida e regras clássicas” (Zenith, 2007: 164). Neste sentido, “Reis essaye de condenser son émotion, préalablement disciplinée para la pensée, dans le moule des strophes régulières de l’ode” (Lopes, 1985: 414) composta na sua maioria por “estrofes com dois versos em dez sílabas e mais dois com seis sílabas, quase todos sem rima” (Filho, 2012: 255).

Segundo Maria Teresa Rita Lopes, “Ricardo Reis a été créé por exercer un pouvoir viril, paternel (...). Pessoa lui demande de lui apprendre à maîtriser ses faiblesses et ses angoisses” (Lopes, 1985: 411). Para o efeito, encontramos um Ricardo Reis emergido nas doutrinas clássicas, o epicurismo e estoicismo. Com Epicuro, Reis aprendeu a encarar a morte como algo natural e inevitável. Segundo os epicuristas, “a verdadeira sabedoria da vida consiste em caminhar para o Supremo Bem, através do prazer (...) sem paixões, sem inquietação, em repouso, um prazer natural, em equilíbrio com a Natureza: viver o momento presente, evitando a dor física e a perturbação da alma” (Martins e Moura, 2012: 68). Com os estóicos, Reis aprendeu a libertar-se das paixões, suprimir os afetos, chegar à apatia e submeter-se ao destino que é imodificável. Deste modo, na poesia de Ricardo Reis e segundo Jacinto do Prado Coelho:

Reis experimenta a dor da nossa miséria estrutural, sofre com as ameaças inelutáveis e permanentes do *Fatum*, da velhice e da morte. Vai à conquista do prazer relativo, sempre toldado pela tristeza de saber que o é.”: “Depois pensemos, crianças adultas, que a vida/ Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,/ Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,/ Mais longe que os Deuses (Coelho, 1998: 34).

A poesia de Reis acusa a influência de Horácio: tão repetidamente glosa Reis certos temas horacianos, “decalcando atitudes e processos de estilo, que as suas odes chegam a dar a impressão de exercícios literários tornados possíveis por afinidades de temperamento e gosto” (Coelho, 1998: 38-39), onde Fernando Pessoa acrescenta que “deve haver, no mais pequeno poema de um poeta, qualquer coisa por onde se note que existiu Homero” (Pessoa, 1966: 393). Como nos é indicado por Jacinto do Prado Coelho:

Ambos descrevem em pequenos apontamentos o Inverno e o regresso da Primavera, evocam o dançar cadenciado das Ninfas, lembram a brevidade da existência humana, (...) aconselham a não querer desvendar o futuro, (...) sentem acerbamente a fuga inelutável das horas. (...) Ambos pregam a moderação nos desejos e nos prazeres, as delícias do viver campestre, a vantagem se iludir o sofrimento com o vinho e o espetáculo das flores (Coelho, 1998: 39).

Embora de veia estoica, Reis formula uma filosofia de vida cuja orientação é, na verdade, epicurista, propondo um duro esforço de autodisciplina. O primeiro objetivo é a submissão voluntária a um destino involuntário que, deste modo, cumprimos altivamente sem um queixume: “Teu íntimo destino involuntário/ Cumpre alto. Sê teu filho”. O homem de sabedoria chega a antecipar-se ao próprio destino, aceitando livremente a morte, como expõe o poema *Mestre, São Plácidas*, por exemplo. O segundo objetivo desta autodisciplina consiste em depurar a alma de instintos e paixões que nos prendam ao transitório, alienando a nossa vida (Coelho, 1998: 37).

Citado por Maria Teresa Rita Lopes, Frederico Reis “a defini l’oeuvre de Ricardo Reis comme étant un «épicurisme triste» que resulta num “effort lucide et discipline pour obtenir un calme quelconque” (Lopes, 1985: 417). Efetivamente, “ce personnage presente au moins deux visages différents: celui que se veut épicurien-stoïque pour ne souffrir ni de la vie ni de la mort, et l’autre, celui que se trouve sous ce masque, le monologueur angoissé, incapable de suivre la discipline qu’il prêche, ne cherchant qu’à peupler sa solitude avec des ombres de lui-même (Cloe, Lídia, Neera)” (Lopes, 1985: 417). Reis, como Caeiro, é expressão abstrata de um modo de conceber e sentir a vida. É a expressão abstrata de como Fernando Pessoa gostaria de conceber a vida.

Na poesia de Reis é constante a desconfiança perante a Fortuna, os sentimentos fortes, o prazer. Tão grato a Epicuro, cumpre fugir aos laços do amor demasiado intenso. A amante de Reis, Lídia, é apenas a companheira de viagem; não se beijam nem sequer entrelaçam as mãos, para que, morrendo um deles, a sua lembrança não fira o coração do outro. A este

propósito e para Jacinto do Prado Coelho a felicidade consiste em “gozar ao de leve os “instantes volúveis”, buscando o mínimo de dor ou gozo, colhendo flores para logo as largar das mãos, iludindo o curso dos dias com promessas, vagamente distraídos, mas distraídos por cálculo, por malícia. Tudo o mais é inútil” (Coelho, 1998: 38).

Note-se que a lúcida abstinência epicurista não permite alegria, produz, quando muito, um calmo contentamento. Sempre que Ricardo Reis concretiza uma ação, tem consciência de que a mesma carregará consigo repercussões que o levarão à morte. Quando coroa alguém com rosas, sabe que as rosas hão-de murchar; quando bebe vinho, não esquece que tudo, a taça, a mão que a empunha, os lábios, está condenado a perecer: “Com mão mortal levo à mortal boca/ Em frágil taça o passageiro vinho...” (Coelho, 1998: 38).

A crença da existência de divindades pagãs e o lado neoclássico de Reis, fazem dele um puro sensacionista. Assim como o refere Zenith, “a sua atitude face à natureza é tão agressiva para com o pensamento como a de Caeiro; não vê quaisquer significados nas coisas. Vê-as apenas e, se as vê de forma diferente da de Caeiro, é porque, apesar de as ver de modo tão pouco intelectual e não poético como este, vê-as através de um conceito religioso definido do universo - paganismo (...), e isto altera necessariamente a sua forma muito direta de sentir” (Zenith, 2007: 162).

Formalmente, Reis faz-nos recuar a uma época determinada, e em consequência o seu estilo é intencionalmente antigo, anacrónico e artificial:

Escrupuloso, solene, enche os versos, brancos e medidos, de troços de linguagem aforística, retesa e obrigar o leitor a uma espécie de ascese para compreender e aderir. Estilo abstrato e difícil, elíptico, da inteligência para a inteligência, entrecortado de incidentes (Coelho, 1998: 131).

Relativamente à linguagem, encontramos vocabulário erudito - materializado em termos como *estígio* e *óbolo*, como se verifica em “E se antes do que eu levasse o óbolo ao barqueiro sombrio”, e ainda arcaísmos como o uso de *vedar* no sentido de *proibir*, *per* em vez de *por*, entre outros. Por outro lado, Reis atribui às palavras sentidos próximos do etimológico como se verifica com o termo *volucres* que significa *instáveis*: “Essas volucres amo, Lídia, rosas”. O poeta faz ainda uso da mitologia grega para comparar realidades ou defender teses: “Não se resiste/ ao Deus atroz/ que os próprios filhos/ Devora sempre”. Por fim, verificamos que o heterónimo recorre com abundância à comparação, ao hipérbato e à aliteração, quer consonântica quer vocálica.

Álvaro de Campos

Como já se disse, surge o último heterónimo, cujas primeiras composições poéticas datam de 1914. Contrariamente a Caeiro e Reis, Álvaro de Campos intervinha no dia-a-dia de Fernando Pessoa como o puderam confirmar Ofélia e amigos de Fernando Pessoa:

Ofélia, (...) teve que aturar a intromissão (...) desse “engenheiro” que às vezes se lhe dirigia em viva presença (ela contou que, em curtos dias, Pessoa declarava (...) que quem tinha ido nesse dia ter com ela era o Álvaro de Campos...) (...) Menos desenvoltura tiveram (...) Gaspar Simões e José Régio, que ficaram ofendidos (...) quando, de visita a Lisboa para conhecer o Mestre, este se lhes apresentou declarando preliminarmente que quem estava ali a recebê-los não era o Fernando Pessoa mas o Álvaro de Campos (Martins, 2000: 123).

Uma das particularidades deste heterónimo é que foi o único a dar entrevistas e a responder a inquéritos, um deles no âmbito de “provocar a homofobia nacional exibindo a sua sexualidade” (Martins, 2000: 124). Ainda segundo Martins, “na apresentação que Pessoa faz de Campos a Casais Monteiro (...), pode perceber-se que Campos é o retrato melhorado, física e moralmente, do seu criador” (Martins, 2000: 125). A este propósito, diz Fernando Cabral Martins que “Campos funcionou como o abcesso de fixação de Pessoa (...) que encarnou outras doenças de Pessoa: a abulia e a insónia” e era supersticioso, tal como Pessoa o foi. Assim, “Campos teve, pois, esse papel: o de catarticamente viver os seus males e deles, assim, o libertar” (Martins, 2000: 126). Na poesia de Álvaro de Campos, Pessoa cometeu todas as irreverências pessoais e políticas de que se abstinha: “foi anarquista, disse todos os palavrões e indecências que os amigos (...) tinham o cuidado de não pronunciar diante dele para não o chocar, (...) e conheceu intimamente mulheres e homens” (Martins, 2000: 126).

Poeta sensacionista e por vezes escandaloso, dos três heterónimos é aquele que mais sensivelmente percorre, conscientemente, uma curva evolutiva. Tem três fases: a decadente ilustrada no *Opiário* (março de 1914); a do sensacionismo e futurismo Whitmaniano, documentado na *Ode Triunfal* (abril de 1914), *Ode Marítima* (publicada no nº2 do *Orpheu*, 1915), *Saudação a Walt Whitman* (1915); enfim, uma terceira fase pessimista retratada no poema *Lisbon Revisited* (1923), por exemplo, até 1935, ano da morte de Pessoa (Coelho, 1998: 57).

De modo a entender melhor a obra poética de Campos, não será decerto inoportuno contextualizar historicamente o seu nascimento. Em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* Fernando Pessoa oferece-nos a caracterização de Portugal do século XX apresentando também a conceção da arte, que, segundo ele, deveria de corresponder à sociedade da época:

Sobre uma vida social agitada, direta como inteletualmente, pelas complexas consequências da irrupção para a prática das ideias da Revolução Francesa, veio cair todo o complexo e confuso estado social resultante da proliferação sempre crescente das indústrias, do enxamear cada vez mais intenso das atividades comerciais modernas. O aumento das facilidades de transporte, o exagero das possibilidades do conforto e da vantagem, o acréscimo vertiginoso dos meios de diversão e de passatempo – todas essas circunstâncias, combinadas, interpenetradas, agindo cotidianamente, criaram, definiram um tipo de civilização em que a emoção, a inteligência, a vontade participam da rapidez, da instabilidade e da violência das manifestações propriamente, diariamente típicas do estágio civilizacional. Em cada homem moderno há um neurasténico que tem de

trabalhar. A tensão nervosa tornou-se um estado normal na maioria dos incluídos na marcha das coisas públicas e sociais. A hiperexcitação passou a ser regra. (...)

Qual a arte que deve corresponder a este estado de civilização?

Vimos já que o papel da arte é de, ao mesmo tempo, interpretar e opor-se à realidade social sua coeva (...)

A arte moderna deve portanto:

1) ou cultivar serenamente o sentimento decadente, escrupulizando em todas as coisas que são características da decadência – a imitação dos clássicos, a limpidez da linguagem, a cura excessiva da forma, característica da impotência de criar;

2) ou fazendo por vibrar com toda a beleza do contemporâneo, com toda a onda de máquinas, comércio, indústrias... (Pessoa, 1966: 164-168).

Fase decadente

Em Álvaro de Campos, Fernando Pessoa fez todas as viagens para as quais não teve impulso ou dinheiro, ou quiçá as duas. Assim, “nous trouvons d’abord un Campos poète-décadent, un Campos marqué par le Décadentisme, comme il le déclare lui-même” (Lopes, 1985: 336) ao longo de *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*. E a autora acrescenta: “le monologue *Opiário* est la composition la plus significative de cette attitude” (Lopes, 1985: 336). Pessoa contou, ao longo da carta a Adolfo Casais Monteiro, que teve de proceder a uma “dupla despersonalização” para escrever este poema, e a intenção seria a seguinte: “donner un Campos «en herbe» avant sa rencontre avec Caeiro, dont l’influence vá désormais, dit-il, chasser «les miasmes du Décadentisme” (Lopes, 1985: 336).

Poema decadente, o *Opiário* foi escrito propositadamente para integrar o primeiro número da revista *Orpheu*, em março de 1915 (Coelho, 1994: 748). Neste poema, elaborado a bordo de um navio, numa viagem ao Oriente, evidenciam-se características próprias de um inadaptado da civilização, *snob*, embriagado pelos sonhos do Oriente e pelo ópio. Em *Opiário*, Campos lamenta-se - “esta vida de bordo há-de matá-[lo]” -, e “por mais que procure até que adoeça,/ já não encontr[a] a mola pra adaptar-[s]e”, de modo que para se consolar “ca[i] no ópio como numa vala”. Indivíduo desmoralizado, “ach[a] que não vale a pena ter/ ido ao Oriente e visto a Índia e a China”, uma vez que “a terra é semelhante e pequenina”. Confessa ter sido “sempre um mau estudante”, fingindo que estudou engenharia, e diz que “[tem] conhecido gente inglesa/ que diz que [ele sabe] inglês perfeitamente”, tal como Fernando Pessoa. Ambicioso, “gostava de ter poemas e novelas/ publicados por Plon e no *Mercure*” e lamenta-se, dizendo que “a vida a bordo é uma coisa triste/ embora a gente se divirta às vezes”. Apesar dele “fal[ar] com alemães, suecos e ingleses”, a sua mágoa de viver persiste, daí o consumo abusivo do ópio que considera ser o “remédio” para os seus males. No poema também nos diz Campos que “gostava de ter crenças e dinheiro/ ser várias gente insípida que vi[u]”, ou seja, reconhecido por todos os seus contemporâneos. O medo de não ficar na história é tanto que pondera “um dia fa[zer] escândalo cá a bordo/ só para dar que falar [dele] aos mais”. Por outro lado, afirma que, para além de “não [ter] personalidade alguma”,

é um “s[er] doente e fraco”, tal como Pessoa o foi. Contrário às rotinas quotidianas, repelia as “almas honestas”, que têm “horas pra dormir e pra comer”. Para concluir o poema, confia aos leitores que tudo o que mais deseja é ter calma “e não ter estas sensações confusas” para poder morrer em paz.

Formalmente, a poesia de Álvaro de Campos é definida por Lopes nos seguintes termos: “qui sais si, avec ses composition en vers réguliers (...), Campos ne voulait pas prouver à Ricardo Reis, qui lui avait reproché l’absence de rythme régulier et de rime de ses vers, que, lorsqu’il le voulait, il était aussi capable d’accepter cette “discipline”...” (Lopes, 1985: 338).

Fase sensacionista/ futurista

Depois de Álvaro de Campos conhecer o mestre, o heterónimo “aceitou de Caeiro não o essencial e objetivo, mas a parte deduzível e subjetiva da sua atitude. (...) Para Campos, a sensação é tudo, de facto, mas não se trata necessariamente da sensação das coisas tal como são, mas sim das coisas como são sentidas” (Zenith, 2007: 163). Campos, na *Ode Triunfal*, pede para que o “atirem para dentro das fornalhas!”, o “metam debaixo dos comboios!”, o “espanquem a bordo de navios!” porque para este Campos masoquista importa “sentir tudo de todas as maneiras/ sentir tudo excessivamente”. Além das influências de Caeiro, surgiu Whitman, poeta norte-americano (1818-1892), que também contribuiu para inspirar o Álvaro de Campos da segunda fase. Após a descoberta do futurismo Whitmaniano:

Campos, adotou, além do verso livre, já usado pelo seu outro mestre Caeiro, um estilo esfuziante, torrencial, espreado em longos versos de duas ou três linhas, anafórico, exclamativo, interjectivo, monótono pela simplicidade dos processos, pela reiteração de apóstrofes e enumerações de páginas e páginas, mas vivificado pela fantasia verbal perdulária, inexorável” (Coelho, 1998: 61).

Ainda segundo Jacinto do Prado Coelho, “compreende-se que este Álvaro de Campos (...) com a sua vitalidade transbordante, o seu amor ao ar livre e ao belo feroz” tenha condenado “a literatura decadente (...) e fê-lo ao defender uma estética não aristotélica baseada não já na ideia de beleza (...) mas sim na ideia de força, na emotividade individual pela qual o escritor subjuga os outros sem procurar captá-los pela razão”, acrescentando que “grassou então (...), nos meios literários avançados, o entusiasmo por uma poesia que espelhasse a civilização industrial da época” (Coelho, 1998: 59). Nestes poemas, o heterónimo pôde cantar “ora a hipertrofia de uma personalidade viril que tudo integra em si e não respeita limites (...), ora os impulsos que emergem da lava sombria do inconsciente, o masoquismo, a volúpia sensual de ser objeto, vítima, a prostituição febril às máquinas, à humanidade, ao mundo” (Coelho, 1998: 62).

Fase intimista

Depois de concluído o ciclo das grandes odes, e sobretudo a partir de 1916, Jacinto do Prado Coelho, citado pelos autores do manual *Página seguinte*, esclarece que:

os poemas de Campos perdem o fôlego juvenil da fase Whitmaniana; a sua voz diminui de volume; cansado, afogado em tédio, se Campos tritura e repete é para vincar a sensação de esgotamento (...); predominam agora as frases curtas e desprendidas, às vezes as frases nominais (...). O vocabulário mantém-se o mesmo, menos rico, é certo, de termos coloridos, sensoriais, retumbantes, próprios de uma *Ode Triunfal* de um poeta sensacionista (Martins e Moura, 2012: 95).

Nesta última fase, presenciamos um Campos “decaído, cosmopolita, melancólico, devaneador, irmão do Pessoa ortónimo no cepticismo, na dor de pensar e nas saudades da infância” (Coelho, 1998: 65). A este propósito Robert Bréchon afirma que, contrariamente a Alberto Caeiro e Ricardo Reis, Campos não morre: “muda, como se fosse uma pessoa realmente viva, modelada pelos acontecimentos, pelos encontros, pelo destino. Muda, como Pessoa. Mais, muito mais do que Pessoa. Ele é sempre Campos; a escrita, a personalidade, a “voz” continuam a ser dele. Porém, o entusiasmo que o movia quebrou-se” (Martins e Moura, 2012: 95).

3. A heteronomia nos programas do Ensino Secundário

Passamos agora a analisar a presença da heteronomia pessoal no *Programa de Português Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, a que doravante nos referiremos simplesmente por *Programa de Português*, em vigor até ao presente ano letivo, e nos *Programas e Metas Curriculares de Português - Ensino Secundário*, doravante referidos como *Metas Curriculares*, que entrarão em vigor no ano letivo 2015/2016. Convém desde logo esclarecer o que entendemos por programa:

O conjunto de orientações curriculares, sujeitas a aprovação nos termos da lei, específicas para uma dada disciplina ou área curricular disciplinar, definidora de um percurso para alcançar um conjunto de aprendizagens e de competências definidas no currículo nacional (...) do ensino secundário (Diário da República, 2006: 6213).

O *Programa de Português* homologado a 25 de março de 2002 esteve em vigor até o ano letivo de 2014/2015. Apesar de, como veremos, ser este um programa à partida bem estruturado e orientador, não nos deixa indiferente o facto de ter sido o guia orientador dos professores no decorrer de treze anos letivos. O ensino, devido a fatores de natureza diversa, sofre constantes mudanças com o fim último de melhor formar os jovens. Durante a vigência do *Programa de Português*, vários foram os manuais adotados que pelas instituições escolares passaram. Considerando que este instrumento pedagógico reflete o programa, de onde surgiu a necessidade de adotar um manual para cada ano letivo? Será tudo uma questão gráfica ou a

consciência de que a esfera do ensino precisa de acompanhar os avanços tecnológicos e comunicacionais dos quais dependem os nossos alunos?

O programa segue uma estrutura organizada onde apresenta os “processos de operacionalização das competências”, a “visão geral dos conteúdos”, as “sugestões metodológicas gerais” para os alunos do 10ºano adquirirem um patamar comum mínimo, os “recursos”, as “indicações gerais sobre avaliação”, os “conteúdos”, a “gestão do programa” onde são apresentadas sequências de ensino-aprendizagem e ainda os “objetivos” do programa. Assim, o programa “pretende ser um instrumento regulador do ensino-aprendizagem nas componentes Compreensão Oral (CO), Expressão Oral (EO), Expressão Escrita (EE), Leitura (L) e Funcionamento da Língua (FL)” (ME, 2002: 4). Indica o documento que a interação entre as componentes é realizada mediante seleção de vários tipos de textos, capazes de preparar os jovens para uma integração na vida sociocultural e profissional de modo a consciencializá-los para a língua e cultura. Por outro lado, o programa “concede importância à reflexão sobre a estrutura e funcionamento da língua, proporcionando a aprendizagem e a sistematização de conhecimentos e o desenvolvimento de uma consciência metalinguística” (ME, 2002: 4). Este documento promove não só os conteúdos necessários ao nível de ensino em questão como, também atividades e estratégias bastante pertinentes para trabalhar as diferentes competências, proporcionando situações de aprendizagem que desenvolvem as aptidões e os conhecimentos linguísticos dos alunos. Por último, o programa indica que seja instituída uma oficina de escrita e postos em prática contratos de leitura.

Uma vez que neste ponto se pretende analisar criticamente o modo como os programas abordam o estudo da heteronomia pessoal, iremos cingir a nossa atenção em torno de uma competência: a “leitura”. Quanto a este conteúdo processual, o programa estrutura a atividade em três etapas distintas e apresenta as seguintes estratégias de leitura:

P R O C E S S U A L S	LEITURA
	<p>Estruturação da actividade em três etapas:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Pré-leitura: activação de conhecimentos sobre o tópico e o género/tipo de texto e antecipação de sentidos a partir de indícios vários . Leitura: construção dos sentidos do texto . Pós-Leitura: organização da informação e reinvestimento dos conhecimentos adquiridos <p>Estratégias de leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Leitura global: leitura exploratória do texto para determinar o seu interesse e captar o sentido global . Leitura selectiva: pesquisa de informação precisa . Leitura analítica: análise pormenorizada do texto

Figura 1 - Conteúdo processual: leitura

Tendo como base o documento orientador, é-nos indicado que o professor deve fazer preceder a leitura de uma atividade de “pré-leitura”, como motivação inicial, e concluir o estudo com uma atividade de pós-leitura. Estes dois momentos, para além de ativarem e consolidarem conhecimentos prévios, facultam ao docente a possibilidade de dinamizar a aula, enriquecendo-a com o uso de recursos pedagógicos como *trailers* de filmes, curtas-

metragens, músicas, entre outros. Por outro lado, indica o programa que a “leitura global” (ou silenciosa), a “leitura seletiva” e a “leitura analítica” do poema garantem estrategicamente uma melhor compreensão do texto.

Relativamente ao estudo da heteronomia pessoal, o programa esquematiza os conteúdos a serem abordados do seguinte modo:

<p>- Heterónimos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alberto Caeiro - a poesia das sensações - a poesia da natureza - Ricardo Reis - o neopaganismo - o Epicurismo e o Estoicismo - Álvaro de Campos - a Vanguarda e o sensacionismo - a abulia e o tédio
--

Figura 2 - Características dos heterónimos

<p>Exercícios de escuta activa</p> <p>Produção de textos orais e escritos</p> <p>Entrevistas imaginárias aos heterónimos</p> <p>Discussão entre os heterónimos</p> <p>Visitas de estudo</p> <p>Dramatização</p> <p>Pesquisa em vários suportes</p> <p>Elaboração de vídeos a partir de poemas</p> <p>**Oficina de Escrita</p> <p>**Contrato de Leitura</p>
--

Figura 3 - Propostas de atividades

Conforme ilustra a primeira imagem, o programa não faz alusão à carta sobre a génese dos heterónimos, mas caracteriza de forma bastante clara cada um deles, referindo algumas das características principais. Ainda assim, verificamos que, apesar de a poesia de Álvaro de Campos se organizar em três fases, só são consideradas objeto de estudo as duas últimas: a “vanguarda/sensacionismo” e a “abulia e tédio”. O programa indica também que não limita o estudo da lírica pessoal, o que não deixa de ser positivo, uma vez que dá liberdade ao professor para abordar cada heterónimo do modo que entender. Embora consideremos esta liberdade gratificante, nem todos os professores a usam em prol da diversidade da prática pedagógica, acabando por restringi-la ao estudo dos poemas habituais. Por fim, apesar de a organização em sequências de ensino-aprendizagem se assumir “como uma proposta de organização da atividade letiva, (...) limitando-se a ser uma sugestão que poderá servir de referência à gestão do programa a fazer pelos professores” (ME, 2002: 48), algumas das atividades que este programa sugere como a “discussão entre os heterónimos” e a “dramatização” não são de todo adequadas para o contexto de sala de aula, uma vez que exigem um conhecimento mínimo sobre os heterónimos e tempo para que das atividades se possam obter resultados positivos. Porém, quando nos deparamos com alunos que fazem teatro, como os alunos do 12ºC que acompanhamos ao longo da prática pedagógica, torna-se possível aplicar estas propostas de atividades em contexto extracurricular com o intuito de, por exemplo, antecipar a celebração do aniversário de Fernando Pessoa (a 13 de junho os alunos já estão de férias). Em contrapartida, se aquando o estudo de *Memorial do Convento*, de José Saramago, faz todo o sentido a realização de uma visita de estudo ao Convento de Mafra, neste caso específico não conseguimos pensar numa eventual visita de estudo que pudesse auxiliar os alunos na aprendizagem dos conteúdos. Por último, das inúmeras sugestões que o programa faculta para que os alunos desenvolvam a compreensão oral,

consideramos que os “poemas musicados” podem ser excluídos da lista sugerida, porque quando é possível trabalhar com alunos expressivos e disciplinados não há necessidade de recorrer a este tipo de recurso, uma vez que estas versões musicadas muitas vezes não refletem a melhor expressividade da composição poética.

Ainda que o programa apresente, de um modo geral, boas matrizes orientadoras para o estudo da heteronomia pessoal, consideramos que a obra de Fernando Pessoa, à semelhança do que ocorre com o legado de Camões - autor estudado no 9º ano (*Os Lusíadas*), 10º ano (Camões lírico) e 12º ano (*Os Lusíadas* e a *Mensagem*) - mereceria ser estudada ao longo de vários níveis, mesmo que superficialmente. Assim, ao longo da análise do documento verificamos que um dos conteúdos do 10º ano compreende o estudo de “poetas do séc. XX”, onde poderia surgir pelo menos um poema de Fernando Pessoa ortónimo ou heterónimo. Com base no manual *Entre Margens 10*, da Porto Editora, podemos infelizmente concluir que, de entre a seleção dos poetas do século XX, não consta nenhum registo da poesia de Pessoa. Da nossa pesquisa apenas destacamos o manual *Expressões 10*, da Porto Editora, que apresenta o poema *Para ser grande, sê inteiro*, de Ricardo Reis. Por outro lado, embora no Programa do Ensino Básico verificamos que o 8º ano possua uma secção sobre “literatura contemporânea”, constatamos que o manual (*Para*) *Textos 8*, da Porto Editora, apenas apresenta poesia de Eugénio de Andrade e Fernando Pinto do Amaral. Esta situação repete-se no decorrer da unidade “O amor é...TEXTO POÉTICO”, do manual *Conto Contigo 8*, da Areal: numa compilação de obras poéticas de diversos autores, como Sophia de Mello Breyner e Camões, não há registo algum da poesia de Fernando Pessoa. Conseguirá o novo programa colmatar estas falhas?

No ano letivo de 2015/2016, entrarão em vigor as *Metas Curriculares* que vêm reformular os conteúdos programáticos, dando novas e mais alargadas orientações. Segundo o Despacho nº868-B/2014, “estes programas substituirão progressivamente os anteriores” e acrescenta ainda que a sua elaboração adveio da adoção de uma estrutura curricular sequencial e de uma aprendizagem progressiva, na qual se avança etapa a etapa. Em relação ao programa anterior, as *Metas Curriculares* são mais sucintas, apresentando a seguinte divisão: “conteúdos programáticos”; “projeto de leitura”, que pressupõe a leitura, por ano, de uma ou duas obras de literatura de língua portuguesa ou traduzidas para português; “metodologia”, que engloba a proposta de atribuição de tempos letivos”; e “objetivos”. Este documento organiza-se em cinco domínios - oralidade, leitura, escrita, educação literária e gramática -, tendo em vista a articulação dos conteúdos e a promoção do exercício da cidadania. Este documento procura, mediante a articulação dos diferentes domínios, proporcionar a aprendizagem, a sistematização de conhecimentos e o desenvolvimento, por parte dos alunos, de uma consciência metalinguística. O novo programa valoriza e promove o diálogo entre culturas, recorrendo ao projeto de leitura que permite o contacto direto com outros textos em português. O documento preconiza ainda a produção de textos de complexidade crescente e de diversos géneros, com diversas finalidades e em diferentes

situações de comunicação, para os alunos demonstrarem um domínio adequado da língua e das técnicas de escrita. Por fim, é valorizado o texto literário e privilegiado o contacto direto com os textos e a construção de leituras fundamentadas, que combinam reflexão e fruição.

Assim, relativamente ao estudo da heteronomia pessoal, o novo programa esquematiza os conteúdos a serem abordados do seguinte modo:

<p>1.3. Poesia dos heterónimos</p> <p>1.3.1. Alberto Caeiro Escolher 2 poemas.</p> <p>1.3.2. Ricardo Reis Escolher 3 poemas.</p> <p>1.3.3. Álvaro de Campos Escolher 3 poemas.</p>	<p>O fingimento artístico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alberto Caeiro, o poeta "bucólico"; - Ricardo Reis, o poeta "clássico"; - Álvaro de Campos, o poeta da modernidade. <p>Reflexão existencial:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alberto Caeiro: o primado das sensações; - Ricardo Reis: a consciência e a encenação da mortalidade; - Álvaro de Campos: sujeito, consciência e tempo; nostalgia da infância. <p>O imaginário épico (Álvaro de Campos):</p> <ul style="list-style-type: none"> - matéria épica: a exaltação do Moderno; - o arrebatamento do canto. <p>Linguagem, estilo e estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - formas poéticas e formas estróficas, métrica e rima; - recursos expressivos: a aliteração, a anáfora, a anástrofe, a apóstrofe, a enumeração, a gradação, a metáfora e a personificação; - a onomatopeia.
--	---

Figura 4 - Programas e Metas Curriculares de Português: heteronomia pessoal.

Numa primeira análise da tabela ficamos desde logo com a sensação de que o programa contempla mais conteúdos que o anterior, o que não deixa de ser verdade, mas numa análise atenta concluímos que o novo programa veio alternar a sequência lógica dos conteúdos: na secção relativa ao estudo de Fernando Pessoa ortónimo, que precede evidentemente toda a obra heterónima, surge curiosamente "a questão da heteronímia" que nos desperta para a eventual abordagem da carta a Adolfo Casais Monteiro aquando o estudo introdutório da poesia do ortónimo:

EDUCAÇÃO LITERÁRIA	
1. Fernando Pessoa	Contextualização histórico-literária. A questão da heteronímia.

Figura 5 - Conteúdos introdutórios à poesia de Fernando Pessoa

Por outro lado, na medida em que defendemos a diversidade da prática pedagógica e sendo a obra poética de Fernando Pessoa Heterónimo riquíssima, o facto de o programa oferecer ao corpo docente autonomia na seleção dos poemas que irão ser objeto de estudo é, por si só, bastante gratificante. Contrariamente ao estipulado para o estudo da poesia de Cesário Verde, onde o professor não tem margem de manobra na seleção dos poemas, o professor do

12º ano pode, se assim o entender, diversificar e dar a conhecer à turma, desde que reflitam com clareza as características dos heterónimos, poemas para além dos mais conhecidos.

Face à liberdade de escolha dos poemas, verifica-se que o programa divide as características dos heterónimos em duas categorias: “o fingimento artístico”, que caracteriza sumariamente cada heterónimo, seguido de uma “reflexão existencial”, que procura acentuar a característica temática que melhor os define. Tendo o programa a intenção de dar novas e alargadas orientações, achamos que esta apresentação dos heterónimos em subcategorias não era necessária, pois, além de tornar a leitura do programa mais complicada e confusa, não reflete as principais características dos heterónimos nem são usados os termos doutrinários de Reis (Epicurismo, Estoicismo e Neopaganismo) e fases de Campos (Fase futurista e intimista); no caso de Alberto Caeiro, convém notar que para além de mestre influenciou uma parte do pensamento e da poesia de Álvaro de Campos, como já vimos no capítulo anterior. Deste modo, devemos destacar “o primado das sensações” de Caeiro, que é o suficiente, visto incluir implicitamente a sua postura anti-metafísica, principal característica que o distingue do seu criador Fernando Pessoa. Ainda que os autores do programa tenham sintetizado adequadamente as características deste heterónimo, o mesmo não se repete relativamente a Ricardo Reis por serem insuficientes as que são apontadas. Dizer que Ricardo Reis só tem “consciência e encena a morte” é muito vago. Em primeiro lugar, ter-se-ia conseguido uma caracterização mais pormenorizada e clara se os autores do programa tivessem recorrido aos termos Neopaganismo, Epicurismo e Estoicismo, que definem na perfeição a essência de Reis. Uma vez que não o fizeram, resta-nos analisar minuciosamente a única característica que é enfatizada pelo programa: “consciência e encenação da morte”. Como foi dito anteriormente, afirmar que Reis tem consciência da morte, por si só não chega. Apesar desta consciência, Reis imita os Epicuristas convidando os leitores a caminharem para o supremo bem, através do prazer sem paixões, sem inquietação, um prazer natural em equilíbrio com a Natureza. Reis convida a que se viva o momento presente, evitando a dor física e a perturbação da alma. Por outro lado, o heterónimo procura, à semelhança dos Estóicos, aceitar o destino afirmando que de nada vale ao homem tentar modificar situações externas da vida porque ninguém resiste ao destino, nem mesmo os próprios deuses (note-se aqui o neopaganismo de Reis). Por outro lado, apesar de ser Caeiro o mestre, o programa ainda dedica um “tópico extra para Campos”, que destaca a segunda fase do heterónimo e caracteriza-o como “sujeito, consciência e tempo; nostalgia da infância”. A questão que se coloca é a seguinte: porquê complicar e tornar a leitura confusa quando os termos “Futurismo/Sensacionismo” e “fase intimista” resumiriam com eficácia as duas fases de Campos? Segundo esta mesma linha de pensamento, verificamos que este programa também exclui o estudo da fase decadentista de Campos. Será que o poema *Opiário* não consta nos programas pelo preconceito errado de que possa ser um incentivo para os jovens consumidores de drogas?

Por último, este documento inclui uma nova secção chamada “Linguagem, estilo e estrutura”, onde deveriam ser evidenciados os recursos estilísticos mais frequentes na poesia dos heterónimos. Porém, inferimos que o programa falhou mais uma vez, na medida em que enumera os recursos expressivos usados, na sua maioria, por Álvaro de Campos. Apesar de Caeiro ser o poeta bucólico, a “comparação” e o “polissíndeto” são as características que adornam a sua poesia. É com base naquela que Caeiro explicita a sua postura deambulatória e sensacionista (“O meu olhar azul como o céu”) e é através do polissíndeto (e anáfora) que concluímos que escreve ao ritmo dos pensamentos. Atendendo à estrutura formal da obra de Ricardo Reis, constatamos que o uso intensivo do hipérbato caracteriza a sua poesia, pelo que esta figura de estilo também deveria de constar na lista de recursos sugeridos pelo programa.

O programa recomenda a abordagem de dois poemas de Alberto Caeiro e três de Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Apesar de termos lecionado aulas sobre os heterónimos à luz do programa anterior, concordamos com a sugestão do novo documento orientador por razões de natureza diversa: em primeiro lugar, e dada a aparente simplicidade da obra de Alberto Caeiro, o estudo de dois poemas chega perfeitamente para que os alunos possam compreender a essência do mestre; em contrapartida, no que concerne a poesia de Ricardo Reis, dada a complexidade do seu pensamento e estilo, achamos adequado o estudo de três poemas do heterónimo, uma vez que o estudo de dois poemas de Ricardo Reis - um em cada aula - não favorece a criação, por parte dos alunos, de uma relação harmoniosa com o pensamento do heterónimo; finalmente, no que diz respeito à poesia de Campos, uma vez que o estudo da primeira fase continua a não fazer parte do programa, três blocos de noventa minutos é o indicado para estudar alguns dos poemas das duas últimas fases.

Contrariamente ao antigo programa, podemos ver que são sugeridas um total de dez tempos letivos para a leção dos conteúdos relativos à obra de Fernando Pessoa heterónimo. Tendo em conta a obra poética deste autor, cremos que este número permite ao aluno adquirir um conhecimento satisfatório da obra pessoal. Para além disso, tendo em conta as interrupções letivas (greves, atividades extracurriculares, visitas de estudo...) e demais conteúdos programáticos, por mais extensa que seja a obra de Pessoa, entendemos que se trata de um número de aulas adequado sobre o poeta. Destas dez aulas, oito dizem respeito ao estudo da obra poética dos heterónimos, sobrando duas. Apesar de este conteúdo ser referido aquando o estudo introdutório da poesia de Fernando Pessoa, caberia ao professor introduzir, ao longo destas duas aulas iniciais, o estudo da carta a Adolfo Casais Monteiro.

Uma vez que, como já vimos, os manuais em vigor até ao ano letivo de 2014/2015 não aproveitaram os conteúdos do programa para alargar o estudo de Fernando Pessoa pelos vários níveis, resta-nos esperar para ver se a situação se mantém - com os manuais adotados para o ano letivo 2015/2016. Infelizmente, mais nenhuma unidade do secundário permite incluir Fernando Pessoa uma vez que os conteúdos declarativos do 10º ano abordam “poesia

trovadoresca”, “Fernão Lopes, Crónica de D. João I”, “Gil Vicente”, “Luís de Camões” e “*História Trágico-Marítima*”.

Mediante as considerações tecidas em torno deste ponto e tendo como base comparativa o antigo programa de português, verificam-se no novo programa algumas melhorias ao nível das diretrizes orientadoras que o documento proporciona ao corpo docente, como a sugestão de tempos letivos e um número fixo de poemas a estudar em sala de aula. Ainda assim, consideramos que o atual programa, por mais orientador que seja, peca no sentido de não ser explícito e organizado, por não selecionar devidamente as características que delineiam biograficamente cada heterónimo e de enfatizar as temáticas de Álvaro de Campos em vez de apresentar os heterónimos equilibradamente. Por outro lado, julgamos tratar-se de uma lacuna deveras grave o facto de nunca ser contemplada a primeira fase da poesia de Álvaro de Campos. Cabe ao professor contornar a situação e adaptar, se achar conveniente, a sua prática pedagógica, no que concerne à escolha dos textos deste heterónimo.

4. A abordagem dos heterónimos nos manuais de Português

Servindo o presente ponto para analisar criticamente a abordagem dos heterónimos nos manuais escolares, convém num primeiro momento esclarecer que eles “desenvolvem o conteúdo de uma área ou disciplina para um grau ou curso, distribuindo os conteúdos por lições ou unidades” (Aran, 1997: 36), mas também “apoiam os alunos no incremento do seu conhecimento ou das suas capacidades” (Sheldon, 1987, cit. por Cabral, 2008: 38). É pertinente a definição apresentada pelo Decreto-Lei nº47/2006:

“Manual Escolar” o recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino (...), apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de atividades didáticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor.

Pensa-se que a expressão “manual escolar” foi introduzida pela primeira vez no Reino Unido, na década de 1750. No entanto, “o passo decisivo na vulgarização do uso do manual nas escolas deu-se aquando da constituição das nações-estado da Europa, em meados do século XIX, altura em que se organizaram os sistemas educativos por níveis e por disciplinas” (Minguez e Beas, 1995, cit. por Morgado, 2004: 37).

Apesar de o avanço das novas tecnologias permitir o uso mais recorrente de recursos educativos e didáticos cada vez mais sofisticados, não ficou substancialmente diminuída a preponderância que os manuais escolares têm tido no quotidiano educativo de docentes e estudantes, não só por se revelarem instrumentos de trabalho vistos por muitos como auxiliares importantes da prática pedagógica, mas também por serem considerados um meio

facilitador da aprendizagem dos alunos (Morgado, 2004: 36). Apesar de Cabral identificar três tipos de professores - professor consumidor/realizador, professor realizador e professor consumidor - a verdade é que assistimos a um número cada vez maior de “professores consumidores” que se “centram, fundamentalmente, nos conteúdos, transmitindo-os em consonância com o ME e levando a cabo todas as atividades nele incluídas numa forma acrítica” (Cabral, 2005: 51). Dada esta dependência dos professores relativamente ao manual escolar tentaremos no decorrer deste ponto debruçarmo-nos sobre a abordagem dos heterónimos nos manuais adotados tendo sempre como base o programa de português.

Para que a análise resulte frutuosa, iremos orientar o nosso trabalho em torno dos tópicos de análise sugeridos por Morgado, a saber: “averiguar a maior ou menor fidelidade do manual escolar ao programa disciplinar”, “identificar o modelo de ensino-aprendizagem subjacente ao manual escolar”, “avaliar o tipo de informação veiculada pelo Manual escolar” e “avaliar a forma de organização do conhecimento” (Morgado, 2004: 62).

No âmbito de proceder à análise atenta da abordagem dos heterónimos em manuais escolares, iremos num primeiro momento descrever a sequência dos conteúdos para no final refletir sobre as deficiências encontradas e os aspetos que poderiam ser melhorados. Apresentamos a sequência cronológica dos manuais que irão ser objeto de análise:

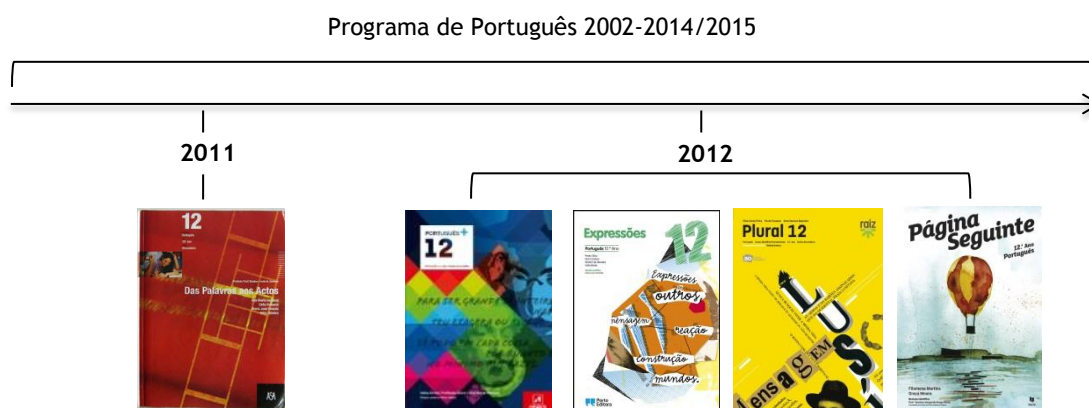


Figura 6 - Cronologia dos Manuais Adotados

Manual *Das palavras aos actos*

Autores: Ana Maria Cardoso, Célia Fonseca, Maria José Peixoto e Vítor Oliveira

Edições ASA, 2011

O manual *Das palavras aos actos*, adotado no ano letivo 2009/2010, apresenta os conteúdos de forma sequencial e organizada. A unidade começa com a apresentação da carta sobre a génese dos heterónimos, com supressões, através da qual os alunos podem sistematizar a informação através do preenchimento de um esquema que sintetiza biograficamente cada heterónimo (Anexo 1 - pág. 105). Ainda sobre esta parte introdutória, os autores do manual

apresentam um exercício de compreensão oral que pode ser aproveitado para explicar que a capacidade para a fragmentação do “eu” pode ter surgido primeiro em Mário de Sá-Carneiro e posteriormente em Pessoa (**Anexo 2 - pág. 106**). Nas margens do manual encontramos sugestões de obras que podem auxiliar os alunos para o estudo da heteronomia pessoal e ainda textos (in)formativos relevantes sobre Fernando Pessoa e heterónimos. Cada texto (in)formativo vem acompanhado de uma secção chamada “tópicos de leitura”, que sintetiza os aspetos que devem ser tomados em consideração no decorrer da leitura (**Anexo 3 - pág. 107**). Para acompanhar os poemas dos heterónimos, o manual apostou em ilustrações referenciais que podem servir de motivação inicial e complemento do estudo. Para além das oficinas de escrita e atividades que permitem ativar e comprovar conhecimentos prévios, verificamos que o manual oferece exercícios que ativam a capacidade de reflexão e crítica.

Sobre a poesia de Alberto Caeiro, podemos verificar que surge de modo bastante completa com um total de oito poemas - *Poemas I, II, VI, XXII, XXIII, XXVIII, XXXV, XXXIV e XLII*, de *O Guardador de Rebanhos* - que ilustram adequadamente a sua postura anti-metafísica, deambulatória e o primado das sensações, principais características deste heterónimo. Relativamente aos exercícios de compreensão escrita, apesar de as perguntas serem pertinentes oferecendo ao aluno a possibilidade de averiguar o seu nível de conhecimentos, apenas três poemas de Caeiro são acompanhados de “orientações de leitura”. Por fim, dos cinco textos informativos destacamos os textos III e IV, por apresentarem as características formais e temáticas do heterónimo. Para o estudo de Reis, foram selecionados um total de sete poemas - *Mestre, são plácidas; Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio; Só o ter flores pela vista fora; Anjos ou deuses, sempre nós tivemos; Só esta liberdade nos concedem os Deuses; Sofro, Lídia, do medo do destino; Uma após uma as ondas apressadas* -, que mais uma vez refletem as principais características do heterónimo patentes no programa de português. Porém, à semelhança do sucedido com a poesia de Caeiro, somente o poema *Mestre, são plácidas* vem acompanhado de “orientações de leitura”. Ainda assim, o manual apresenta cinco textos informativos - sobre neopaganismo, estoicismo, epicurismo e características formais e temáticas, que são fundamentais para que a obra de Reis possa ser entendida com mais facilidade. Por fim, o estudo de Álvaro de Campos inicia-se com duas atividades: uma auditiva, que visa a abordagem das três fases do heterónimo; e uma de expressão oral, que permite dinamizar conhecimentos relativos às características de Fernando Pessoa ortónimo e heterónimo. O manual reúne cinco poemas - *Ode Triunfal, Saudação a Walt Whitman, Esta velha angústia, Dobrada à moda do Porto e Na ampla sala de jantar das tias velhas* -, dois poemas que ilustram a fase sensacionista e três que ilustram a fase pessimista, sendo que *Ode Triunfal* e *Saudação a Walt Whitman* surgem com supressões. Mais uma vez, o manual só apresenta adequadas “orientações de leitura” para o poema *Saudação a Walt Whitman* (os demais poemas ou carecem de perguntas de compreensão escrita ou surgem sob forma de uma só questão pouco significativa); e nas margens do livro, podemos encontrar umas notas biográficas sobre Whitman, principal influência de Campos. Por forma a

comprovar conhecimentos o manual apresenta, no final do estudo da heteronomia pessoal, um exercício de ligação e encerra com os seguintes textos informativos: “Alberto Caeiro visto por Álvaro de Campos”, “Ricardo Reis visto por Álvaro de Campos” e “Alberto Caeiro visto por Ricardo Reis”. No final aparecem diversas propostas de atividades.

Apesar de *Das palavras aos actos* contemplar os cinco domínios - compreensão oral, expressão oral, expressão escrita, leitura e funcionamento da língua - mediante exercícios e material bastante pedagógico, o manual carece de atividades de pré e pós-leitura e reparamos que não existem registos das influências dos heterónimos, à exceção de uma pequena secção biográfica e do poema dedicado a Whitman. Seria deveras interessante se o manual confrontasse um poema de Caeiro com um excerto da poesia deambulatória de Cesário, ou se as odes de Ricardo Reis - como a tão conhecida *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* - fossem cotejadas com a sua principal fonte, o poeta latino Horácio. Por outro lado, o manual apresenta poucos recursos que permitam aos alunos comprovar conhecimentos. No que diz respeito ao estudo da poesia de Caeiro, os autores só destacam “orientações de leitura” para o poema *Eu nunca guardei Rebanhos* e duas perguntas para os poemas II e VI. O mesmo acontece com os outros heterónimos, sendo que no caso de Reis e Campos algo de muito curioso acontece: só o poema *Mestre, são plácidas* e *Saudação a Walt Whitman* é que apresentam “orientações de leitura”. Uma vez que o programa dá liberdade aos professores para a seleção dos poemas que são objeto de estudo da disciplina, não estipulando um número mínimo de poemas, faz todo o sentido que sejam estudados com mais pormenor os seguintes poemas, visto refletirem as características prezadas pelo programa de português: no poema *Eu nunca guardei Rebanhos* encontramos o poeta do objetivo, das sensações e da postura anti-metafísica; em *Mestre, são Plácidas*, a consciência e aceitação da brevidade da vida e a presença de elementos clássicos; no poema *Saudação a Whitman* é ilustrada a fase sensacionista e futurista de Campos. Embora possamos defender a diversidade da prática pedagógica, achamos que não devem ser menosprezados os poemas que definem Reis e Campos - *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* e *Ode Triunfal* - sendo que o professor terá de elaborar o questionário de compreensão escrita. Por último, apesar de o manual apresentar textos informativos variados e pedagógicos, o recurso a quadros-síntese teria sido um bom complemento, uma vez que os alunos se adaptam melhor a este tipo de documento.

Manual Português + 12

Autores Idalina Ferreira; Purificação Silvano e Sónia Valente Rodrigues

Areal, 2012

Antes de analisar a abordagem dos heterónimos no manual *Português + 12*, devemos salientar que para consolidar conhecimentos relativos ao estudo da unidade, o manual faculta no final do estudo singular de cada heterónimo uma secção de “reflexão sobre a língua e o literário”, onde o aluno tem a possibilidade de desenvolver a capacidade de síntese, “escrita” e “oralidade” (Anexo 4 - pág. 108 à 111).

A unidade começa com a apresentação de dois documentos relativos à carta sobre a génese dos heterónimos endereçada a Adolfo Casais Monteiro o que suscitou a nossa curiosidade, uma vez que não compreendemos o motivo que conduziu os autores do manual a recorrer a esta estratégia. Para avaliar conhecimentos, são colocadas três perguntas de compreensão sobre ambos os documentos e é apresentada uma ilustração que os alunos devem analisar. Para o estudo singular dos heterónimos, os autores do manual agruparam os poemas de cada um segundo os temas estipulados pelo programa de português, o que possibilita uma melhor organização dos conteúdos:

1. Alberto Caeiro:

- “A poesia das sensações e da natureza” - poemas *I, II, XIV e XXXVI*.

2. Ricardo Reis:

- “O neopaganismo” - *Acima da verdade estão os deuses; Quero dos deuses só que me não lembrem e Aos deuses peço só que me concedam*;
- “O Epicurismo e o Estoicismo” - *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio e Não tenhas nada nas mãos*.

3. Álvaro de Campos:

- “A vanguarda e o sensacionismo” - *Ode Triunfal e Ode Marítima*;
- “A abulia e o tédio” - *O que há em mim é sobretudo cansaço e Lisbon Revisited*.

A par da organização dos conteúdos por temas, o manual oferece perguntas adequadas de compreensão escrita para todos os poemas e textos (in)formativos diversos e pedagógicos.

Conforme o exposto, apesar de o manual apresentar uma vasta gama de exercícios que, fomentam, por exemplo, a consciência do funcionamento da língua - um dos objetivos do programa -, peca no sentido de não facultar exercícios de pré e pós-leitura, quadros-síntese (como os evidenciados no final da unidade do manual *Plural 12*) e exercícios e/ou atividade dinâmicas sem que se perca a vertente pedagógica. Além disso, apesar de considerarmos os textos (in)formativos essenciais para a compreensão dos conteúdos, estes deveriam surgir após o estudo dos poemas de modo a permitir que os alunos pudessem aprender pela descoberta. Em contrapartida, apesar de o manual não contemplar devidamente as influências dos heterónimos, é de louvar a secção relativa a “Álvaro de Campos e as diferentes fases da sua poesia”, que reflete adequadamente sobre o percurso evolutivo do heterónimo.

Manual *Expressões 12*

Autores: Pedro Silva; Elsa Cardoso; Maria Céu Moreira e Sofia Rente

Porto Editora, 2012

O manual *Expressões 12*, adotado na Escola Secundária Campos Melo para o presente ano letivo, foi o guia orientador da nossa prática pedagógica, nas aulas lecionadas ao 12ºano.

Além de apresentar os conteúdos de um modo geral bastante completo sugere pré e pós-atividades sugestivas e diversificadas para a quase totalidade dos poemas dos heterónimos. Contrariamente à situação que se evidencia no manual *Das palavras aos actos*, os autores deste manual apostam na secção de “Leitura. Compreensão” que acompanha todos os textos (in)formativos e poemas.

Antes de os alunos iniciarem o estudo da unidade com a abordagem da carta a Adolfo Casais Monteiro (categorizada como atividade de pós-leitura), os autores do manual propõem uma atividade de pré-leitura que pretende, através da leitura da crónica “Heterónimos mais que perfeitos” e estabelecendo elos de ligação com o texto “Tábua bibliográfica - Fernando Pessoa” explorar o possível significado do termo “heterónimo” (Anexo 5 - pág. 112). Depois desta parte introdutória, é-nos apresentado o texto “Mural de Pessoa” e dois poemas de Fernando Pessoa, seguindo-se uma atividade de pós-leitura que consiste em completar, com expressões disponíveis, o texto “A novidade de Alberto Caeiro” relativo às características da sua poesia. Por fim, é apresentada uma atividade oral relativa à postura anti-metafísica de Caeiro.

Antes de analisar detalhadamente o manual, gostaríamos de apontar quatro características comuns ao tratamento que o manual faz dos três heterónimos: o desenvolvimento da competência de “Leitura. Compreensão” para todos os poemas; um conjunto considerável de poemas; Poemas musicados e atividades de escrita, com destaque para a “oficina de escrita” no final de cada heterónimo, que permite aos alunos ativar conhecimentos prévios e a sua capacidade reflexiva e crítica. Assim, relativamente à poesia de Caeiro, o manual dispõe de oito poemas - *I, IX, XXXVI, XXV, XXIV, XXVI, XXXIV, XXXIX* de *O Guardador de Rebanhos* -, que ilustram adequadamente as características do programa. Por forma a concluir o estudo da obra de Caeiro, é-nos apresentado o texto “Poesia e poética de Alberto Caeiro” com mera função informativa. Posteriormente, surge o poema *Mestre, são plácidas* de Ricardo Reis, seguido de uma atividade de pós leitura. Para além deste poema, os autores apostaram em mais cinco textos - *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio; As rosas amo dos jardins de Adónis; Cada um cumpre o destino que lhe cumpre e Anjos ou Deuses, sempre nós tivemos* -, que refletem adequadamente o estoicismo e epicurismo de Reis. No sentido de auxiliar os alunos no estudo deste heterónimo, o manual apresenta dois textos informativos sobre o epicurismo e estoicismo, que nos parecem suficientes para que a poesia de Reis possa ser entendida com mais clareza, e o texto formativo “O Dr. Ricardo Reis, Estoico Epicurista” para fechar o estudo deste heterónimo. Mudando de heterónimo, o manual recorre aos textos informativos “O filho indisciplinador da sensação” e “Eu, Álvaro de Campos” para abrir o estudo de Álvaro de Campos. Uma vez que aqueles textos revelam as características temáticas de Campos, achamos que faria mais sentido se os autores do manual tivessem trocado a ordem dos conteúdos, colocando estes documentos no final do estudo da poesia de Campos. Apesar de o programa não incluir a primeira fase de Campos, este manual apresenta uma estrofe do poema *Opiário*, que pode, se o professor bem entender, ser sumariamente

estudado. De modo a contemplar a segunda fase do poeta, o texto formativo “A arte futurista” surge para introduzir o estudo de *Ode Triunfal* (com supressões). Para além de *Opiário* e *Ode Triunfal*, o manual comporta um total de seis poemas - *O que há em mim é sobretudo cansaço*; *Aniversário*; *Lisbon Revisited*; *Tabacaria* e *Tenho uma grande constipação* -, indicativo de que os autores do manual apostaram sobretudo na terceira fase do heterónimo. Para finalizar o estudo da heteronomia pessoal, o manual apresenta os textos informativos “O percurso poético do engenheiro-poeta”, “O rosto e as máscaras da heteronímia”, “Ser é ousar” e uma oficina de escrita que implicam conhecimentos globais acerca da heteronomia pessoal.

Como podemos ver com base na análise do manual, este instrumento pedagógico responde às necessidades educativas dos estudantes, com sugestões de atividades diversas, atuais e lúdicas. Ainda assim, continuamos a não encontrar documentos relativos às influências dos heterónimos nem quadros sínteses das características temáticas e formais da poesia dos mesmos. Por último, e sendo que o aluno deve aprender pela descoberta, achamos que a unidade poderia sofrer uma ligeira reorganização estrutural.

Manual *Plural 12*

Autores: Elisa Pinto Costa; Paula Fonseca e Vera Saraiva Baptista

Raiz Editora, 2012

O manual *Plural 12* inicia a unidade com um texto informativo relativo à biografia e as características temáticas da poesia de Alberto Caeiro, seguido de um vasto conjunto de poemas - *I, II, VII, IX, X, XIV* - e perguntas de compreensão. Depois, o manual propõe que seja feita a leitura do texto informativo “Sonho de Fernando Pessoa, poeta e fingidor” e respondidas as perguntas de compreensão escrita para posteriormente ser analisado o poema XXXIX. Para introduzir o estudo da poesia de Álvaro de Campos, que curiosamente antecede a poesia de Reis, é sugerida a leitura de um texto informativo que contempla, mais uma vez, as características temáticas do heterónimo. Para este heterónimo, o manual reúne um total considerável de poemas - *Ode Triunfal, Ode Marítima, Dactilografia, Acaso, Aniversário, Perdi a esperança como uma carteira vazia, O que há em mim é sobretudo cansaço, Lisbon Revisited* e *Apontamento* -, intercalados por um texto informativo sobre futurismo. O estudo da poesia de Campos encerra com uma atividade de compreensão oral, onde os alunos devem com base na audição do poema musicado *Tabacaria* registar no caderno diário cinco aspetos da poesia do heterónimo que estejam presentes no poema. A abordagem do terceiro heterónimo segue a mesma sequência de conteúdos: em primeiro lugar surge um texto informativo que reflete as tendências temáticas de Reis seguido de um total de sete poemas - *Uns, com os olhos postos do passado, Não quero recordar nem conhecer-me, Pois que nada que dure, ou que, durando, Quero dos Deuses só que me não lembrem, Cada um cumpre o destino que lhe cumpre e Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* -, e respetivas perguntas de compreensão escrita. Destaca-se um texto formativo relativo ao Epicurismo e

Estoicismo, que auxilia os alunos na compreensão dos ideais de vida de Reis, e ainda o objetivo de fomentar a capacidade de escrita através da realização de um texto expositivo-argumentativo sobre as doutrinas de Reis. Para finalizar a unidade, o manual reúne um conjunto de exercícios sobre funcionamento da língua, apresenta três propostas de oficinas de escrita sobre os três heterónimos e ainda um quadro que sintetiza biográfica, temática e estilisticamente Fernando Pessoa ortónimo e heterónimo (**Anexo 6 - pág. 113-114**).

Na unidade relativa a Fernando Pessoa heterónimo poderíamos sugerir uma melhor organização, na medida em que a carta sobre a génese dos heterónimos é estudado aquando Fernando Pessoa ortónimo e o estudo da poesia de Campos antecede a de Reis. Por outro lado, o manual não reflete determinados pontos do programa exigindo do professor um trabalho redobrado uma vez que terá de criar o seu próprio material - atividades de pré e pós-leitura - para complementar o oferecido pelo manual.

Manual *Página seguinte*

Autores: Filomena Martins e Graça Moura

Textos Editores, 2012

O manual *Página seguinte* inicia o capítulo com a carta a Adolfo Casais Monteiro e perguntas de compreensão escrita onde os alunos podem comprovar conhecimentos e sistematizar biográfica e estilisticamente cada heterónimo. Para o estudo singular dos heterónimos, os autores do manual agruparam os poemas de cada um por temas, o que possibilita uma melhor organização dos conteúdos:

1. Alberto Caeiro:

- “A fruição do real através das sensações” - poemas *I e II*;
- “Misticismo, filosofia, paganismo” - poema *V*;
- “Campo/ cidade” - poema *VII*;
- “A aprendizagem de desaprender” - poema *XXIV*;
- “A arte poética de Caeiro” - poema *XXXVI*.

2. Ricardo Reis:

- “Epicurismo e Estoicismo” - *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio e Não tenhas nada nas mãos*;
- “A passagem do tempo” - *Mestre, são plácidas e Prefiro rosas, meu amor, à pátria*;
- “*Carpe Diem*” - *Uns, com os olhos postos no passado*;
- “O Fado, o destino” - *Cada um cumpre o destino que lhe cumpre*;
- “A arte poética de Ricardo Reis” - *Ponho na altiva mente o fixo esforço*.

3. Álvaro de Campos:

- “A fase decadentista” - *Opiário*;

- “A fase futurista e sensacionista” - *Ode Triunfal*, *Ode Marítima* e *Saudação a Walt Whitman*;
- “A fase intimista - o reencontro com o criador” - *Lisbon Revisited (1923)*, *Lisbon Revisited (1926)*, *Aniversário*, *Dactilografia* e *O que há em mim é sobretudo cansaço*.

A par da organização dos conteúdos mediante temas, o manual oferece “orientações de leitura” para todos os poemas, textos (in)formativos pertinentes, quadros-síntese das características formais e temáticas no fim do estudo de cada heterónimo e ainda “fichas de controlo” para avaliar e comprovar conhecimentos (**Anexo 7 - pág. 115**).

O manual apresenta uma sequência lógica e organizada dos conteúdos permitindo orientar adequadamente os alunos para o estudo da heteronomia pessoal, porém não reflete adequadamente as orientações do *Programa de Português*, na medida em que não apresenta sugestões de pré e pós-atividades e inclui o estudo da fase decadentista de Campos. Por outro lado, apesar de fomentar as cinco competências, verificamos que os autores do manual não apostam o suficiente em exercícios de compreensão e expressão oral, evidenciando-se um notório desequilíbrio por parte das destrezas que podem ser trabalhadas. Ainda assim, este manual destaca-se dos restantes pela capacidade de síntese e pela inserção de textos sobre Horácio e Marinetti, principais influências de Reis e Campos.

Na sequência da análise do programa verificou-se que os autores dos manuais não foram totalmente fiéis ao documento orientador na medida em que a maioria dos manuais resume o estudo dos poemas à sua exclusiva leitura ou apresentam exercícios que estão diretamente relacionados com a primeira fase de escrita de Álvaro de Campos. Em contrapartida, os conteúdos seguem, na sua maioria, uma sequência lógica à exceção de um manual específico, o *Plural 12*, que os apresenta conforme o dito no novo programa de português: estipula o estudo da génese dos heterónimos aquando Fernando Pessoa Ortónimo. Ainda assim, foi possível ver que quase todos os manuais facultam exercícios que fomentam as cinco competências expressas no documento orientador apesar de os autores apostarem no fomento da expressão e compreensão escrita, persistindo um notório desequilíbrio nas competências a desenvolver. Por fim, é de louvar todo o trabalho desenvolvido pelos autores do manual *Das palavras aos actos* aquando a seleção dos poemas para o estudo de Álvaro de Campos. Contrariamente aos outros manuais escolares, *Das palavras aos actos* ilustrou as duas últimas fases do heterónimo com poemas que vão para além dos tradicionais *Aniversário*, *O que há em mim é sobretudo cansaço* e *Lisbon Revisited*. Esta atitude por parte dos autores do manual ilustra o que estivemos a defender ao longo do ponto três do relatório: uma vez que o programa oferece autonomia aos professores na escolha dos poemas que contribuirão para estudar singularmente cada heterónimo, porque não dar a conhecer aos alunos poemas para além dos mais conhecidos? Sendo o legado de Pessoa vastíssimo, esta estratégia atuaria em prol do enriquecimento cultural dos alunos e professores.

Tabela 1 - Análise dos Manuais

			<i>Das palavras aos actos</i>	<i>Português + 12</i>	<i>Expressões 12</i>	<i>Plural 12</i>	<i>Página seguinte</i>		
Organização e sequencialização dos conteúdos			Bom	Muito Bom	Bom	Insuficiente	Muito Bom		
Averiguar a fidelidade do manual ao Programa	Estruturação das atividades		Leitura	Leitura	Pré - leitura, leitura, pós-leitura	Leitura	Leitura		
	Competências		Todas	Todas	Todas	CO, EE, L, FL	Todas		
	Exercícios		Insuficiente	Muito Bom	Bom	Bom	Muito Bom		
	Conteúdos declarativos	Alberto Caeiro	Poesia das sensações e da Natureza	<i>Eu nunca guardei rebanhos; O meu olhar é nítido como um girassol.</i>					
		Ricardo Reis	Neopaganismo	<i>Quero dos deuses só que não me lembrem; Anjos ou deuses sempre nós tivemos.</i>					----
			Epicurismo e Estoicismo	<i>Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio; Não tenhas nada nas mãos.</i>					
		Álvaro de Campos ²	Vanguarda e Sensacionismo	<i>Ode Triunfal (com supressões).</i>					
Abulia e tédio	<i>Saudação a Whitman (com supressões); Dobrada à moda do Porto.</i>		<i>Aniversário; Lisbon Revisited (1923); O que há em mim é sobretudo cansaço.</i>						
Avaliar o tipo de informação veiculada pelo manual	Esquemas		Insuficiente	--	--	Muito Bom	Muito Bom		
	Textos (in)formativos	Carta a ACM	Muito Bom	Bom	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom		
		Alberto Caeiro	Sensacionismo	Muito Bom	Suficiente	Suficiente	Muito Bom	Muito Bom	
		Ricardo Reis	Epicurismo e estoicismo	Muito Bom	Muito Bom	Muito Bom	Bom	Muito Bom	
			Neopaganismo	Muito Bom	--	--	Bom	--	
			<i>Carpe Diem</i>	Insuficiente	--	Suficiente	Suficiente	Muito Bom	
		Álvaro de Campos	Horácio	Insuficiente	--	Suficiente	Insuficiente	Muito Bom	
			W. Whitman	Bom	--	--	Insuficiente	Muito Bom	
			2ª e 3ª fase	Bom	Bom	Muito Bom	Bom	Muito Bom	

² Os manuais *Expressões 12*, *Plural 12* e *Página seguinte* incluem a primeira fase de escrita do heterónimo.

5. Propostas pedagógicas

Tecidas as considerações em torno da presença da heteronomia pessoal no *Programa de Português*, manuais escolares e com base nos conhecimentos adquiridos aquando a realização de todo o capítulo iremos no decorrer deste último ponto apresentar duas propostas pedagógicas relativas a Alberto Caeiro e Ricardo Reis, heterónimos que marcaram a nossa prática pedagógica.

5.1. Alberto Caeiro

FUNDAMENTAÇÃO

A proposta pedagógica que a seguir apresentamos foi adaptada de uma das planificações executada no decorrer de uma das aulas relativas ao heterónimo Alberto Caeiro, sem consulta prévia do *Programa de Português*. Para essa aula e a pedido da Professora Orientadora Celeste Nunes, os Estagiários tiveram de preparar uma aula relativa ao poema *II* da antologia poética intitulada *O Guardador de Rebanhos* de forma autónoma, recorrendo, para o efeito, dos conhecimentos teóricos adquiridos no decurso da cadeira de *Didática do Português Língua Materna* lecionada pela Professora Graça Sardinha.

Sendo que aquando o estudo deste poema os alunos já possuíam conhecimentos mínimos relativos à poesia de Caeiro, a aula iniciou-se com uma atividade de pré-leitura (ou motivação inicial), a visualização do *trailer* do filme *Into The Wild*, onde no final os alunos tinham de ser capazes de relacionar o conteúdo do *trailer* com duas características do heterónimo estudadas no decorrer da última aula, a saber: o deambulismo e o amor pela Natureza. De seguida, procedeu-se à leitura silenciosa e analítica do poema *II*, onde no final foi pedido aos alunos que respondessem por escrito a um questionário previamente elaborado pela Professora Estagiária, tendo sido este corrigido oralmente entre todos. De modo a consolidar os conteúdos, foi pedido à turma que lesse e completasse o texto da página 75 do manual *Expressões 12*, uma vez que sintetizava adequadamente a essência formal e temática do heterónimo. Por fim, os alunos puderam fomentar a expressão escrita com a elaboração de um texto expositivo-argumentativo sobre um dos seguintes temas à escolha: “Escreve um texto bem estruturado, de cento a duzentas palavras onde apontas as diferenças entre a poesia de Fernando Pessoa ortónimo e Alberto Caeiro” ou “Escreve um texto bem estruturado, de cento a duzentas palavras onde caracterizas a poesia de Alberto Caeiro”.

Esboçado o roteiro da aula dada no dia 14 de outubro de 2014 e feito o estudo atento da presença da heteronomia pessoal no *Programa de Português* concluímos que a planificação tinha algumas lacunas. Ainda que conscientes de que numa aula seja muito difícil trabalhar todas as competências, não podem ser descuradas em cada aula a leitura, os aspetos gramaticais e a expressão oral ou escrita. Assim, mediante a descrição da aula podemos ver que apesar de a aula ter contemplado as três fases - pré-leitura, leitura e pós-leitura -, os alunos só trabalharam a vertente literária e a escrita, sendo que os temas para o texto

expositivo-argumentativo não foram pensados para que os alunos pudessem ativar a capacidade de reflexão e crítica. Deste modo, pretendemos, à luz do programa, fomentar, para além da leitura, o funcionamento da língua, recorrendo aos exercícios do manual *Página seguinte*, uma vez que aquando a análise dos manuais foi-nos possível verificar que as perguntas de compreensão escrita, propostas pelos autores do manual, eram pertinentes e satisfatórias e, propor uma oficina de escrita promotora de reflexão por parte dos discentes e permitir-lhes um contacto direto com textos oficiais e pedagógicos para além da Carta a Adolfo Casais Monteiro, único documento estudado no decorrer das aulas sobre Fernando Pessoa heterónimo. Para esta proposta pedagógica, ainda foi reaproveitar algum material da aula que foi dada aos alunos do 12ºC da Escola Secundária Campos Melo, a saber: o *trailer* do filme, adaptado, uma vez que os alunos reagiram positivamente ao solicitado pela Professora Estagiária; o poema por ser claro e ilustrar as características sugeridas pelo programa (Poeta das sensações e da Natureza) e ainda o exercício de desfecho do estudo da obra de Caeiro proposto pelos autores do manual.



2014/2015

Alberto Caeiro, *O meu olhar é nítido como um girassol*



Professora Estagiária: Elsa Gonçalves.

Plano de aula

Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Antecipar significados acerca do conteúdo a partir do trailer do filme; • Identificar características temáticas e formais presentes no poema de Alberto Caeiro; • Aperfeiçoar a capacidade de análise de texto poético; • Desenvolver três competências: leitura, funcionamento da língua e expressão escrita; • Ativar a capacidade crítica e reflexiva; • Permitir o contacto com outros documentos oficiais e pedagógicos; • Fomentar o interesse pela poesia. 	
Competências: <ul style="list-style-type: none"> • Leitura; • Expressão escrita; • Funcionamento da Língua. 	Conteúdos: <ul style="list-style-type: none"> • Poema <i>O meu olhar é nítido como um girassol</i>, do heterónimo Alberto Caeiro; • As características temáticas e formais da poesia de Alberto Caeiro; • O texto de reflexão.
Estratégias: <ul style="list-style-type: none"> • Motivação inicial - Confrontar o trailer do filme <i>Into The Wild</i> com o poema; • Leitura silenciosa do poema <i>O meu olhar é nítido como um girassol</i> de Alberto Caeiro; • Esclarecimento de possível vocabulário desconhecido; • Leitura expressiva do poema; • Análise oral do poema realizada com a participação ativa dos alunos; • Realização em pares de perguntas de compreensão escrita; • Correção oral e escrita do exercício anterior; • Realização do exercício da página 75 do manual <i>Expressões 12</i>; • Redação de um texto de reflexão relativo ao Sensacionismo de Caeiro. 	
Material: <ul style="list-style-type: none"> • Lista de presenças; • Computador; • Internet; • Poema <i>O meu olhar é nítido como um girassol</i> fotocopiado (21 cópias); • Retroprojektor; • Caneta; • Oficina de Escrita fotocopiado (21 cópias) 	
Registo do sumário: <ul style="list-style-type: none"> • Estudo do poema <i>O meu olhar é nítido como um girassol</i> de Alberto Caeiro; 	

<ul style="list-style-type: none"> • Resolução de perguntas de compreensão escrita; • Resolução do exercício da página 75 de manual; • Redação de um texto de reflexão - O Sensacionismo. 	
Motivação inicial: <ul style="list-style-type: none"> • Visualização do <i>trailer</i> do filme <i>Into The Wild</i> onde os alunos devem posteriormente procurar no poema e de forma individual, versos que ilustram adequadamente a atitude do protagonista ao longo do vídeo. 	
Desenvolvimento da aula: A aula começa com a saudação aos discentes e prossegue com a chamada onde a docente regista os alunos presentes, atrasados e ausentes.	Duração: 5 min.
Pré-leitura Partindo do princípio que a aula adaptada serviria de introdução ao estudo da obra de Caetano, esta iria iniciar com a visualização do <i>trailer</i> do filme <i>Into The Wild</i> (Anexo 1 - p. 58) onde os alunos teriam posteriormente de procurar no poema (Anexo 2 - p. 59) e de forma individual, versos que ilustram adequadamente a atitude do protagonista ao longo do vídeo. Os versos escolhidos pelos alunos, depois de escritos no quadro, seriam comentados até que a turma descobrisse duas das características fundamentais do sujeito poético: o deambulismo - “Tenho o costume de andar pelas estradas”, v. 2 - e o amor pela Natureza - “Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é, / Mas porque a amo, e amo-a por isso”, vv. 20-21.	15 min.
Leitura A aula procederia com a leitura silenciosa do poema; ao posterior esclarecimento de vocabulário desconhecido e finalmente, à leitura expressiva do poema que seria realizada por um voluntário. Depois, a docente prosseguiria com a análise oral quer interna quer externa do poema. Para o efeito, a docente optaria por fomentar a autonomia dos alunos, colocando-lhes perguntas sobre o poema. Sempre que os alunos interpretassem indevidamente o texto, a docente procuraria orientar os alunos para a correta interpretação dos versos.	5 min.
Tópicos de análise	
Análise externa: irregularidade estrófica (uma estrofe de doze versos, uma sextilha, uma quintilha e um dístico), versos irregulares e brancos.	
Análise interna: <ul style="list-style-type: none"> • Conteúdo da primeira estrofe: Postura deambulatória que permite ao sujeito poético estar atento à diversidade que o rodeia. 	20 min.

<ul style="list-style-type: none"> ✚ Conteúdo da segunda estrofe: abre com uma comparação que visa atingir uma realidade abstrata dado que reside apenas no pensamento. No entanto, estes versos provam que, apesar do esforço por parte do sujeito poético em afirmar o contrário, é um ser pensante. ✚ Conteúdo da terceira estrofe: presença da recusa da metafísica, defendendo o primado dos sentidos. ✚ Conteúdo da última estrofe: Não pensar é uma espécie de amor sem objeto. É um amor pela Natureza sem questões. ✚ Figuras de estilo: Comparação (vv. 1 - 13) e anáfora. ✚ Gramática: Oração subordinada adversativa (vv.16 - 18) ✚ Características temáticas: sensacionismo: o primado das sensações; a postura anti-metafísica. 	
<p>Posto isto, e para a docente se certificar que todos entenderam o poema, pedir-se-ia aos alunos que respondessem por escrito às perguntas de compreensão que compreendem uma secção sobre funcionamento da língua (Anexo 3 - p. 60). A correção ocorreria de forma oral e escrita.</p>	15 min.
<p>Pós-leitura</p> <p>De maneira a consolidar conhecimentos, os alunos iriam realizar o exercício da página 75 do manual que visa resumir as temáticas mais importantes da poesia de Alberto Caeiro (Anexo 4 - p. 62). Para finalizar a aula, os alunos teriam de redigir um texto de reflexão sobre o sensacionismo de Caeiro com base numa passagem do livro <i>Páginas de Doutrina Estética</i> de Fernando Pessoa prefaciado por Jorge de Sena (Anexo 5 - p. 64). Queremos com esta oficina de escrita permitir que os alunos ativem a capacidade crítica e reflexiva como possibilitar o contacto com outros textos de cariz pedagógico para evitar que se restrinja o estudo da poesia dos heterónimos à famosa carta a Casais Monteiro.</p>	10 min
<p>O docente dá a aula por concluída, pede aos alunos para arrumarem o material e despede-se deles.</p>	20 min.
	TOTAL: 90 min

Anexo 1



Into the Wild - Trailer

https://www.youtube.com/watch?v=2LAuzT_x8Ek

Anexo 2

GOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAEscola Secundária
Campos Melo

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES

2014/2015

Poema II

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...

E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...

Ser ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo...

Creio no mundo como um malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...

O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de
acordo.

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o
que ela é,

Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é
amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...
Alberto Caeiro.

Anexo 3

SEQUÊNCIA 1

PROFESSOR

Orientação de leitura

1. É através do órgão da visão que Caeiro capta, em primeira instância, a realidade da Natureza que o rodeia. Para tal, necessita da luz do sol que dá cor e luz às coisas. Também o girassol, no seu contraste de intensidade cromática, necessita de sol, movimentando-se no seu sentido.

2. a) «É o que vejo a cada momento.
É aquilo que nunca antes eu tinha visto»
b) «Tenho o costume de andar pelas estradas.
Olhando para a direita e para a esquerda.
E de vez em quando olhando para trás...»

3. «Olhar» é observar distraidamente, sem reter na mente. «ver» é «olhar» de forma seletiva de modo a obter um registo.

4. É o sensorialismo radical que rejeita o conhecimento adquirido por analogia. O poeta identifica-se com o real e o imediato.

4.1 A expressão «pasma essencial» significa a captação da realidade apenas através dos sentidos.

5. Para o sujeito poético, a verdade das coisas está no que se capta através da visão, rejeitando o pensamento, o saber adquirido através da reflexão sobre aquilo que é percebido.

6. «Pensar é estar doente dos olhos».

7. Alberto Caeiro utiliza letra maiúscula nas palavras Mundo e Natureza devido ao seu paganismo-panteísmo. (Ele vê perfeição absoluta em toda a natureza).

8. Amar é captar a perfeição da natureza, sem juízos de valor.

9. O poema é constituído por quatro estrofes com um número irregular de versos. Os versos são livres, sem rima e com métrica irregular como é próprio da poesia de Alberto Caeiro.

Orientação de leitura

- Interpreta a comparação do primeiro verso.
- Mostra, através de expressões textuais, que Caeiro
 - valoriza, sobretudo, o sentido da visão.
 - vive em constante deambulismo.
- Esclarece a diferença entre «olhar» e «ver».
- Identifica o processo que Caeiro utiliza para compreender o mundo.
 - Explicita o sentido da expressão «pasma essencial». (v. 8)
- Explica a oposição ver / pensar-saber, presente no poema.
- Transcreve a expressão que, de uma forma mais evidente, rejeita a intelectualização.
- Os vocábulos «Mundo» e «Natureza» apresentam-se escritos com letra maiúscula. Apresenta uma explicação para o facto.
- Explicita a relação estabelecida entre os conceitos de «amar» e «inocência», na última estrofe.
- Faz a análise formal do poema.

Funcionamento da Língua

- Identifica a classe a que pertence «olhar». (v. 1)
 - 1.1 Esclarece o processo de formação da palavra.
- O verbo «olhar» repete-se. (vv. 3 e 4)
 - 2.1 Classifica a forma «olhando».
 - 2.2 Justifica a sua utilização reiterada.
- Classifica o marcador discursivo «deveras». (v. 10)
- Refere os tipos de coesão interfrásica predominantes no texto. Exemplifica-os.
- A expressão «pensar é não compreender» (v. 15) só ganha coerência dentro do contexto do poema. Esclarece a afirmação.
- Designa as seguintes orações:
 - a) «que nunca antes eu tinha visto» (v. 6)
 - b) «Que tem uma criança» (v. 9)
 - c) «que nascera deveras...» (v. 10)
 - d) «Porque o vejo.» (v. 14)
 - e) «Se falo na Natureza» (v. 20)
- 6.1 Explicita a função sintática desempenhada pelas palavras / expressões destacadas nas alíneas anteriores.

Escrita

Num texto de 80 a 130 palavras, apresenta uma posição pessoal face às seguintes afirmações do autor em estudo:

«Porque quem ama nunca sabe o que ama / Nem sabe porque ama, nem o que é amar...»

20 AULA DIGITAL

■ Áudio
Declamação
*O meu olhar é nitido
como um girassol*

56

Misticismo, filosofia, paganismo

Antes de ler

A sua extrema lucidez permitiu ao nosso escritor compreender sem demora que Caeiro tinha lançado, com a sua obra poética, os alicerces de um novo paganismo cujo espírito era anterior, pela sua simplicidade e ingenuidade, ao do classicismo greco-romano. Pois bem, não há dúvida de que o paganismo pode ser compreendido e sentido de diferentes maneiras, como demonstra a história da religião clássica, daí que cada um dos heterónimos fosse assumindo uma fé pagã claramente diferenciada, tanto no aspeto moral como nas suas consequências estéticas, através dos versos que lhe outorgavam existência. (...)

Dai que Reis afirmasse com razão que «a obra de Caeiro representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nele e por isso não o pensaram nem o puderam fazer. A obra, porém, e o seu paganismo, não foram pensados nem até sentidos. Foram vindo com o que quer que seja que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão»; «para Caeiro, objetivista absoluto, os próprios deuses pagãos eram uma deformação do paganismo; objetivista abstrato, os deuses já eram a mais no seu objetivismo. Ele bem via que eles eram feitos à imagem e semelhança das coisas materiais; mas não eram as coisas materiais, e isso bastava-lhe para que nada fossem».

Angel Crespo, *Estudos sobre Fernando Pessoa*
(texto com supressões), Editorial Teorema, Lisboa, 1984

Leitura

V

Há metafísica bastante em não pensar em nada
O que penso eu do Mundo?
Sei lá o que penso do Mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso,

- 5 Que ideia tenho eu das coisas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
- 10 E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).
(...)
Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
- 15 E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me: *Aquí estou!*
(...)
Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
- 20 Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos. (...)



Funcionamento da Língua

1. «olhar» é um nome comum.
1.1 Conversão (derivação imprópria).

2.1 «olhando» está no gerúndio, forma não finita.

2.2 É utilizada para exprimir o aspeto durativo - ação prolongada e para valorizar o ato de olhar.

3. Operador discursivo.

4. Coesão interfrásica sumativa, explicativa e contrastiva.
Sumativa: «É o que vejo a cada momento»; explicativa: «Porque o vejo»; contrastiva: «Mas para olharmos para ele».

5. A expressão ganha coerência com base nos argumentos apresentados pelo poeta, numa sequência lógica: «Creio no Mundo como num malmequer. Porque o vejo. Mas não penso nele / Porque pensar é não compreender... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (Pensar é estar doente dos olhos)».

6. a) Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

b) Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

c) Oração subordinada substantiva completiva.

d) Oração subordinada adverbial causal.

e) Oração subordinada adverbial condicional.

6.1 «eu»: sujeito; «uma criança»: sujeito; «o»: complemento direto; «na Natureza»: complemento oblíquo.

Anexo 4

75

1 Outro(s) eu

PÓS-LEITURA

1. No teu caderno, integra as expressões abaixo transcritas no texto de Fernando Pessoa sobre a poesia de Alberto Caeiro, garantindo a sua coerência.

a. "ausência de sentimento" e. "nenhum pensamento" i. "novidade absoluta"
 b. "dados imediatos" f. "forma de expressão" j. "vida do homem"
 c. "Natureza Absoluta" g. "atitude da alma" k. "espécies de subjetivismos"
 d. "todos os poetas" h. "civilizada e natural" l. "estado de espírito"

A NOVIDADE DE ALBERTO CAEIRO

Caeiro é estranho e terrível, atterradoramente novo. Até na nossa época, em que julgamos que nada nos pode surpreender ou sobressaltar-nos com a sua novidade, Caeiro surpreende-nos realmente e respira uma _____ (1) _____. [...]

Vê as coisas apenas com os olhos e não com a mente. Não permite que _____ (2) _____ surja quando observa uma flor. Longe de ver sermões nas pedras, nem sequer se permite imaginar que uma pedra sirva de tema para um sermão. O único sermão que uma pedra encerra, para ele, é o de que esta existe. A _____ (3) _____ única coisa que uma pedra lhe diz é que não tem rigorosamente nada para lhe dizer. Pode conceber-se um _____ (4) _____ parecido com este. *Mas não pode ser concebido num poeta.* Esta forma de olhar para uma pedra _____ (5) _____ pode definir-se como a forma totalmente não poética de a olhar. O que Caeiro tem de assombroso é o facto de fazer poesia a partir deste sentimento, ou melhor, da _____ (6) _____. Sente positivamente [...].

23 Diz-se que Alberto Caeiro ficou descontente com a designação de "sensacionismo" que um discípulo seu – discípulo bastante estranho, é certo – o Sr. Álvaro de Campos, atribuiu à sua atitude, e à atitude que criou. [...] É que a mera sugestão de escolas e movimentos literários soa mal quando aplicada a um tipo de poesia tão pouco _____ (7) _____. [...]

25 A verdade, porém, é que – pondo de parte estas considerações – nenhum nome poderia descrever melhor a sua atitude. A sua poesia é "sensacionista". Baseia-se na substituição do pensamento pela sensação, não só como base da inspiração – o que é compreensível –, mas como _____ (8) _____, se assim podemos dizer. [...]

30 Claro que um sensacionista puro e integral como Caeiro não tem, logicamente, religião alguma, já que a religião não figura entre os _____ (9) _____ da sensação pura e direta. [...]

A sensação é tudo, sustenta Caeiro, e o pensamento uma doença. Por sensação, Caeiro entende a sensação das coisas tais como são, sem lhes adicionar



Robert Delaunay, *Construção simultânea: Sol e Lua*, c. 1912-1913

GUIA DO PROFESSOR

5.1. Marcado apenas pelas datas do seu nascimento e da sua morte, a biografia do eu lírico é "simples" porque prescreve apenas pelas experiências concretas que vive. "Entre uma e outra coisa há dias" lhe pertencem, pois são dedicados ao aproveitamento sensível de todos os momentos, sem que se gatem em pensamentos sobre outras coisas que não a sua própria poesia.

6. Em termos formais, a poesia de Alberto Caeiro difere bastante da de Pessoa autónimo. O que neste texto de regularidade estilística, métrica e musical, heqare perdido, dando lugar a uma estrutura externa marcada pela liberdade. As estrofes são irregulares, assim como a métrica e o ritmo, aproximando-se de versos longos e breves, preenchidos por um registo linguístico muito próximo do diálogo.

T. A. 2. 3. 1. 1. 2. 4. 7. 1. 1. 2

PÓS-LEITURA

1. (1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) (8) (9)

35 quaisquer elementos de pensamento pessoal, convenção, sentimento ou qualquer
outra (8) [...]

Qual é, afinal, o valor de Caeiro, a sua mensagem para nós, como se costuma
dizer? Não é difícil determiná-lo. A um mundo mergulhado em várias (9),
traz o Objetivismo Absoluto, mais absoluto do que os objetivistas pagãos algum dia o
conceberam. A um mundo supercivilizado traz de novo a (10). A um mundo
40 submerso em humanitarismos, problemas dos trabalhadores, sociedades éticas,
movimentos sociais, traz um absoluto desdém pelo destino e pela (11), o
qual, ainda que se considere excessivo, é, pelo menos, natural nele [...].

A primeira impressão que temos de Caeiro é a de que todos sabem o que ele nos
diz, não sendo, por isso, necessário dizê-lo. Mas é a velha história do ovo de
45 Colombo. Se todos o sabem por que razão ninguém o disse? Se não vale a pena dizê-
-lo, mas é verdadeiro, por que motivo (12) disseram o contrário?

PESSOA, Fernando, 2007. *Prosa íntima e de autoconhecimento*. Lisboa: Assírio & Alvim

GUIA DO PROFESSOR

ORALIDADE

1.1. Resposta pessoal. *Sugestão de resposta:* O excerto do poema aborda a oposição sentir/pensar, numa perspetiva de recusa do pensamento, por constituir um acrescentamento artificial da realidade. Se "A Realidade é apenas real e não pensada." (v. 1), ou seja, se possui apenas existência física, tudo o que nela acontece deve ser apenas percebido pelos sentidos. Nada do que pensemos sobre ela altera o seu curso (vv. 6-7), pelo que se justifica a atitude antimetafísica do sujeito poético, que se deseja também natural e espontâneo.

1.2.1. "opiniões" (v. 1), "sabedoria" (v. 3), "ciência" (v. 5) e "raciocínio" (v. 9).

1.2.2. O pensamento é diferente da Natureza e inferior a ela, porque não é algo em que o eu lírico "pudesse pegar" (v. 4), isto é, não possui uma representação material com uma vivência e um desenvolvimento próprios e nunca fez "crescer uma erva ou nascer uma flor" (v. 2). Ao contrário da intelectualização, a Natureza possui consistência empírica, acentuada através do pleonasma "uma realidade tão real" (v. 8), que propicia ao sujeito poético todo o conhecimento sensorial de que necessita, dispensando o raciocínio ("Não preciso de raciocínio onde tenho espátulas", v. 9).

CD áudio Faixa 9.

Transcrição de registos áudio

Transcrição do poema disponível no CD de Recursos.

ORALIDADE

1. Segundo Jacinto do Prado Coelho, Alberto Caeiro é "um poeta do real objetivo", que assume uma atitude antimetafísica. Por isso, recusa a explicação racional da realidade, que lhe confere sentidos que ultrapassam a sua existência empírica.

1.1. Comprova as afirmações, com base no seguinte excerto de um dos "Poemas Inconjuntos".

A Realidade é apenas real e não pensada.
O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos.
A minha ideia da noite é que anoitece pelos meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente [...].

PESSOA, Fernando, 2010. *Poesia dos Outros Eus*. Lisboa: Assírio & Alvim (2.ª ed.)

1.2. Escuta com atenção a leitura do poema "Todas as opiniões que há sobre a Natureza" de Alberto Caeiro, que avalia o valor do pensamento.

1.2.1. Regista os quatro nomes usados como sinónimos de pensamento que contribuem para a coesão lexical do texto.

1.2.2. Depois de uma segunda audição, resume as características do pensamento que, de acordo com o eu lírico, o tornam diferente da Natureza e inferior a esta.

5.2. Ricardo Reis

FUNDAMENTAÇÃO

A proposta pedagógica que a seguir apresentamos foi adaptada de uma das planificações executada no decorrer de uma das aulas relativas ao heterónimo Ricardo Reis, sem consulta prévia do *Programa de Português*. Para essa aula e a pedido da Professora Orientadora Celeste Nunes, os Estagiários tiveram de preparar uma aula relativa ao poema *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* de forma autónoma, recorrendo, para o efeito, aos conhecimentos teóricos adquiridos no decurso da cadeira de *Didática do Português Língua Materna* lecionada pela Professora Graça Sardinha.

Sendo que aquando o estudo deste poema os alunos já possuíam conhecimentos mínimos relativos à poesia de Reis, a aula iniciou-se com uma atividade de pré-leitura, a visualização do trailer do filme *The Fault in Our Stars*, onde os alunos tiveram de relacionar atitudes concretas da protagonista com os ideais defendidos pelo heterónimo. De seguida, procedeu-se à leitura silenciosa e analítica do poema, tendo sido posteriormente pedido aos alunos que respondessem por escrito ao questionário da página 99 do manual *Expressões 12*. Para concluir o estudo de Reis, os alunos praticaram a expressão escrita com a elaboração de um texto de reflexão sobre a filosofia de vida de Reis.

Esboçado o roteiro da aula dada no dia 24 de outubro de 2014 e feito o estudo atento da presença da heteronomia pessoal no *Programa de Português* concluímos que, apesar de a planificação incluir uma oficina de escrita sugestiva, apresentava algumas lacunas na medida em que não foi estruturada mediante as três etapas, restringindo-se o estudo do poema à pré-leitura e à leitura. Deste modo, procedemos a algumas alterações, adequando-a melhor ao que está exposto no documento orientador, e passando a nossa proposta a contemplar claramente as três fases. Além disso, pretendemos, à luz do programa, fomentar a compreensão escrita recorrendo aos exercícios do manual *Página seguinte*, uma vez que o grupo II resume toda a essência do poema estudado e o pensamento do heterónimo. Através desta planificação serão ainda realizadas atividades que permitem não só manter o contacto direto com textos de Horácio, principal influência de Reis, como viabilizar a aprendizagem com base no jogo.

Ainda que conscientes de que numa aula se deveria trabalhar, para além da leitura, o funcionamento da língua e a expressão escrita ou oral, com esta planificação os alunos só irão trabalhar duas competências expressas no programa - a leitura e a expressão escrita -, por forma a incluir na aula uma nova estratégia de aprendizagem: uma adaptação do jogo televisivo *Quem quer ser milionário?* À semelhança do sucedido com a última aula de Espanhol dada aos alunos do 10ºano (**Anexo 11 - pág. 138**), que concluiu com uma atividade intitulada *¿Quién quiere ser millonario?*, ficou claro que este tipo de recurso cativa os alunos e permite criar um bom ambiente dentro da sala de aula. Assim, apesar de numa aula de língua materna ser mais difícil para o professor criar o seu próprio material, apresentamos

uma adaptação da actividade, que visa sobretudo a revisão e consolidação dos conteúdos sobre Fernando Pessoa ortónimo e heterónimo. Por fim, e como ocorreu com a planificação anterior, algum material da aula que foi dada aos alunos do 12ºC da Escola Secundária Campos Melo foi reaproveitado, a saber: o poema, por ser claro e ilustrar duas das características sugeridas pelo programa (Epicurismo e Estoicismo), e ainda a oficina de escrita, por responder ao solicitado pelo programa.

Com a nossa planificação cremos ter apresentado uma proposta pedagógica que vem comprovar que a vertente lúdica, para além de viabilizar a aprendizagem eficaz e rápida, pode ser aplicada numa aula de língua materna.



2014/2015

Ricardo Reis

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira
do rio.*

Professora Estagiária: Elsa Gonçalves



Plano de aula

<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar <i>Odes</i> Horacianas com o poema <i>Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio</i>; • Identificar características temáticas e formais presentes no poema de Ricardo Reis; • Aperfeiçoar a capacidade de análise de texto poético; • Desenvolver três competências: leitura, funcionamento da língua e expressão escrita; • Ativar a capacidade crítica e reflexiva; • Permitir o contacto com outros documentos oficiais e pedagógicos; • Fomentar o interesse pela poesia. 	
<p>Competências:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura; • Expressão escrita; • Funcionamento da Língua. 	<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Odes</i> Horacianas: a morte e o <i>Carpe Diem</i>; • Poema <i>Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio</i>, do heterónimo Ricardo Reis; • As características temáticas e formais da poesia da sua poesia; • <i>Quem quer ser Pessoaano?</i> • O texto de reflexão.
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Motivação inicial - Confrontar duas <i>Odes</i> Horacianas com o poema; • Leitura silenciosa do poema <i>Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio</i> de Ricardo Reis; • Esclarecimento de possível vocabulário desconhecido; • Leitura expressiva do poema; • Análise oral do poema realizada com a participação ativa dos alunos; • Realização em pares de perguntas de compreensão escrita; • Correção oral e escrita do exercício anterior; • <i>Quem quer ser Pessoaano?</i> • Redação de um texto de reflexão relativo ao Epicurismo e Estoicismo de Reis. 	
<p>Material:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Lista de presenças; • Computador - Power Point; • Manual <i>Expressões 12</i> da Porto Editora; • Retroprojektor; • Caneta; • Oficina de Escrita fotocopiado (21 cópias). 	

Registo do sumário:	
<ul style="list-style-type: none"> • Estudo do poema <i>Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio</i> de Ricardo Reis; • Resolução de perguntas de compreensão escrita; • <i>Quem quer ser Pessoa?</i> • Redação de um texto de reflexão - O Epicurismo e Estoicismo. 	
Motivação inicial:	
<ul style="list-style-type: none"> • Confrontar duas <i>Odes</i> de Horácio com o poema de modo a encontrar semelhanças temáticas entre ambas. 	
Desenvolvimento da aula:	Duração:
A aula começa com a saudação aos discentes e prossegue com a chamada onde a docente regista os alunos presentes, atrasados e ausentes.	5 min.
Pré-leitura	
Para dar início à aula, a docente reparte a turma em dois grupos e é realizada a leitura expressiva do poema <i>Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio</i> , sendo esclarecido algum possível vocabulário desconhecido no início da leitura para evitar dificuldades interpretativas. Depois, é distribuída uma Ode (Anexo 1 - p. 71) a cada um dos grupos e informa-se que deverão encontrar oralmente elos de ligação entre a Ode que lhes corresponde e o poema. Com este exercício inicial procura-se dar aos alunos a oportunidade de manter um contacto direto com obras de Horácio, principal influência do heterónimo.	15 min.
Leitura	
Familiarizados com os diversos textos, a aula segue com a análise formal e temática do poema. Para o efeito, a docente opta por fomentar a autonomia dos alunos, colocando-lhes perguntas sobre o poema.	20 min.
Tópicos de análise	
Análise externa: esta ode é composta por oito quadras, verso longo e branco.	
Análise interna:	
<ul style="list-style-type: none"> • Divisão por partes: <p>O poema é composto por três partes lógicas, a saber - a primeira parte (duas estrofes iniciais) onde o sujeito poético pede à amada que goze com ele o momento presente - o <i>Carpe Diem</i> horaciano. A segunda parte, que diz respeito às quatro estrofes seguintes, trata da recusa de compromissos. Para o sujeito poético é preferível evitar as grandes paixões porque a vida é efémera. Segundo ele mais vale estarem “sentados ao pé um do outro” à beira-rio, amando-se tranquilamente sem “trocar beijos [,] abraços e carícias”. Finalmente a terceira parte abarca as duas estrofes finais onde o</p>	

<p>sujeito poético justifica a renúncia aos prazeres fugazes da vida, afirmando que não sendo “mais do que crianças”, os dois evitarão o sofrimento causado pela antevisão da morte, conservando a serenidade.</p> <p>✚ Figuras de estilo: Anástrofe (v.2); paradoxo (v.5); eufemismo (vv.7, 25 e 29), polissíndeto (v.18, 27-28); perífrase (v.29).</p> <p>✚ Gramática: Oração coordenada disjuntiva (v.10)</p> <p>✚ Presença da simbologia mitológica clássica:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Rio: sugere o caminhar para a morte. O filósofo Heráclito afirmava que ninguém mergulha duas vezes no mesmo rio (símbolo da constante mudança do homem); ▪ Fado: símbolo da força inexorável, superior aos próprios deuses; ▪ Flores: simboliza a brevidade da vida; ▪ Sombra: simboliza a morte; ▪ Barqueiro sombrio: Caronte que transportava os mortos através do rio dos infernos. 	
<p>Posto isto, e para a docente se certificar de que todos entenderam o poema, pede-se aos alunos que respondam por escrito às perguntas de compreensão escrita (Anexo 2 - p. 75). A correção ocorre de forma oral e escrita.</p>	15 min.
<p>Pós-leitura</p> <p>Feita a análise do poema, os alunos podem agora testar os seus conhecimentos relativos a Fernando Pessoa ortónimo e heterónimo mediante a atividade adaptada intitulada <i>Quem quer ser Pessoa?</i>. (Anexo 3 - p. 76) Esta atividade oferece aos alunos um momento de “lazer pedagógico” uma vez que poderão rever e consolidar conteúdos através do jogo. Para o efeito, a docente forma sete grupos de três alunos que deverão, à vez, responder à pergunta que lhes foi colocada. Para cada resposta correta soma-se um ponto e vice-versa. Sempre que o grupo não souber a resposta é dada oportunidade ao outro grupo que pode somar um total de dois pontos por cada resposta correta. No final, todos os grupos terão direito a um prémio simbólico sendo o grupo vencedor destacado e devidamente premiado.</p>	20 min
<p>Para concluir a aula, é redigido um texto de reflexão sobre o Epicurismo e Estoicismo de Reis com base num texto de Sigmund Freud, o que permite aos alunos ativar a capacidade crítica e reflexiva (Anexo 4 - p. 79).</p>	15 min.
<p>O docente dá a aula por concluída, pede aos alunos para arrumarem o material e despede-se deles.</p>	TOTAL: 90 min

Anexo 1



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES



Escola Secundária
Campos Melo

2014/2015

Grupo A

Depois de leres com atenção o poema *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* do heterónimo Ricardo Reis, procura elos de ligação entre o poema e a seguinte *Ode* de Horácio. Justifica a tua resposta com fragmentos textuais.

Lembra-te de manter nos maus momentos,
e não menos nos bons, o equilíbrio da tua mente,
apartando-a dos excessos da alegria,
tu, Délio, que hás-de morrer,

- 5 Quer se triste todo o tempo tiveres vivido,
quer se, reclinando-te num remoto relvado,
durante os dias de festa reconfortado te tiveres
com um selete vinho falerno.

(...)

- Manda para aqui trazer vinhos, perfumes,
10 e as demasiado breves flores da amena rosa,
enquanto o momento, a idade,
e das três irmãs os negros fios o permitirem.

- Então deixarás os bosques que compraste, a tua casa,
a tua vila que o flauto Tibre banha, tudo deixarás,
15 e um herdeiro senhor se tornará
das riquezas que até ao cimo amontoaste.



2014/2015

Grupo B

Depois de leres com atenção o poema *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio* do heterónimo Ricardo Reis, procura elos de ligação entre o poema e a seguinte *Ode* de Horácio. Justifica a tua resposta com fragmentos textuais.

Tu não perguntes (é-nos proibido pelos deuses saber) que fim a mim, a ti,
os deuses deram, Leucónoe, nem ensaies cálculos babilónicos.

Como é melhor suportar o que quer que o futuro reserve,
quer Júpiter muitos invernos nos tenha concedido, quer um último,

5 este que agora o tirreno mar quebranta ante os rochedos que se lhe opõem.

Sê sensata, decanta o vinho, e faz de uma longa esperança

Um breve momento. Enquanto falamos, já invejoso terá fugido o tempo:

colhe o dia, confiando o menos possível no amanhã.

Horácio in *Odes*, p: 69.

É-nos proibido... : proibição de origem divina, de tal forma e rigorosa que o seu desrespeito sugere algo como uma violação à própria ordem do mundo.

Cálculos babilónicos: Referência à arte da astrologia desenvolvida na Babilónia.

Colhe cada dia: *Carpe Diem*.

PROPOSTA DE SOLUÇÕES

Grupo A

	Ode	Poema
Epicurismo / Estoicismo.	“Lembra-te de manter nos maus momentos, e não menos nos bons, o equilíbrio da tua mente,/ apartando-a dos excessos da alegria, tu, Délio, que hás-de morrer.”	“Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos/ se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias/ Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro/ ouvindo correr o rio e vendo-o”.
	“Manda para aqui trazer vinhos, perfumes, e as demasiado breves flores da amena rosa”.	“Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as”.

Grupo B

	Ode	Poema
<i>Carpe Diem</i>	“(…) e faz de uma longa esperança/ um breve momento”. “Colhe o dia”.	“(Enlacemos as mãos)”.

Anexo 2

SEQUÊNCIA 1

PROFESSOR

Orientação de leitura

1. Ricardo Reis convida Lídia a partilhar com ele, em ataraxia, a consciência da passagem do tempo.

2. A expressão significa que eles têm uma consciência «adulta» de que a passagem do tempo é inexorável e de que a vida é efémera. Por isso, adotam uma postura de rejeição estoica ao envolvimento amoroso, mantendo uma ligação pura e sem paixão, como se fossem crianças.

2.1 «Desenlacemos as mãos»; «passamos como o rio»; «Mais vale saber passar silenciosamente»; «Sem amores, nem ódios, nem paixões».

3. «rio» tem o valor simbólico de vida. A expressão significa que a passagem do tempo é inexorável e que o destino do ser humano é a morte.

4. É uma atitude de disciplina estoica (consciente e voluntária).

5. O objetivo é evitar o sofrimento inerente à separação que a morte implica.

II

1. j); 2. c); 3. b); 4. q); 5. e); 6. h); 7. i); 8. f); 9. g); 10. a); 11. k); 12. o); 13. m); 14. n); 15. l); 16. p); 17. d).

- a) proximidade
- b) tempo
- c) beira do rio
- d) estoico
- e) passagem
- f) pagão
- g) abster-se
- h) plural
- i) retrocede
- j) Lídia
- k) estoica
- l) liberdade
- m) colher
- n) sossegadamente
- o) breve
- p) sofrimento
- q) disciplina

70

Orientação de leitura

1. Interpreta o convite de Ricardo Reis a Lídia.
2. Justifica a utilização da expressão «crianças adultas» (v. 5) no contexto em que se insere. (estrofe 2)
 - 2.1 Fundamenta a resposta à questão anterior em expressões selecionadas das estrofes 3 e 4.
3. Interpreta o valor simbólico da palavra «rio» (v. 15) e o significado da expressão «o rio sempre correria». (estrofe 4)
4. Refere a atitude filosófica subjacente à seguinte afirmação: «pensando que podíamos, / Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias». (vv. 17 e 18, estrofe 5)
5. A disciplina de vida defendida por Reis tem um objetivo. Identifica-o nas duas últimas estrofes.

II

Preenche, no teu caderno, corretamente os espaços com as palavras que te são dadas.

O sujeito poético dirige-se a Lídia que não será, com certeza, o nome da sua amada, mas a óbvia influência horaciana na sua produção literária. Horácio dirigiu-se, na sua poesia, a 1, Cloé e Neera e estes são os nomes que surgem na poesia de Reis por ter sofrido a influência do poeta latino, tanto na forma como no conteúdo.

O autor convida Lídia a sentar-se com ele à 2 (metáfora de vida), observando calmamente o seu «curso». Para ele, a mulher é apenas a amiga, a companheira na passagem do 3, não havendo lugar a envolvimento amoroso (estrofe 1). A sua regra é nada desejar para além do que possuímos, nada esperar e não amar. Esta 4 tem por base a adesão a duas filosofias da Antiguidade: o epicurismo e o estoicismo. O seu desencanto perante a vida fugidia, perante a 5 inexorável do tempo que nos conduz inevitavelmente à morte, leva-o a querer viver em permanente ataraxia e abstenção de todo o desejo.

Usando a primeira pessoa do 6 (tal como Horácio), o poeta caracteriza-se a si e a Lídia como «crianças adultas» (v. 5), esvaziamento deliberado de todo o conhecimento, com o fim de tornar menos penosa a consciência de que o tempo passa e nunca 7, de que o Destino (Fado) comanda a nossa vida, nem os deuses nos podem valer. O poeta usa o plural, «deuses», porque se assume 8, sendo a moral pagã orientação e disciplina para o ser humano (estrofe 2).

Nas terceira e quarta estrofes, convida Lídia a renunciar ao prazer, a 9 de qualquer desejo ou sentimento, porque este é o caminho certo para se viver com serenidade. O apego à vida, através de sentimentos, provoca agitação interior, acelerando a passagem do tempo, logo a 10 da morte.

A poesia de Reis é cerebral («pensando que podíamos, / Se quiséssemos» – vv. 17 e 18), sendo evidente o desinvestimento voluntário do eu em si mesmo, numa renúncia 11 («Mas que mais vale estarmos sentados» – v. 19), que o ajuda a saber aceitar que o ser humano é efémero, que a vida é uma 12 passagem.

Na quinta estrofe, exorta a companheira a 13 flores, ato associado ao *carpe diem* horaciano: aproveita o momento presente, porque o amanhã é desconhecido. No entanto, aconselha também a que as deixe no colo para que o momento seja vivido, 14, numa perspetiva niilista do mundo «não cremos em nada» (v. 23), o paganismo os disciplina a não terem uma consciência aguda da sua fragilidade e da falta de 15 do ser humano.

As duas últimas estrofes dizem-nos que toda esta disciplina das emoções e dos sentimentos tem como fim evitar o 16. Assim, quando o Destino dita a sentença da morte, que aparece referida através da perífrase que remete para a mitologia pagã «E se antes do que eu levars o óbolo ao barqueiro sombrio» (v. 29), o ser humano não sofrerá se tiver vivido de modo epicurista e 17.

Anexo 3



1. Em que ano nasce, um dos ícones da Literatura Portuguesa, Fernando Pessoa?
2. Que motivos estiveram na origem da sua ida para a África do Sul?
3. Cita um heterónimo para além dos estudados nas aulas.
4. A estreia literária de Pessoa decorreu como e quando?
5. Enumera dois motivos que estiveram na génese do heterónimo Alberto Caeiro.
6. Em que ano nasceram os heterónimos literários?
7. Em que ano é que foi publicada a Revista Orpheu?
8. Que advento marcou a revista?
9. Que motivos acabaram com ela?
10. Quantos números teve a revista?
11. Fernando Pessoa publicou uma obra em vida. De qual se trata?
12. Apesar da personalidade psíquica, Fernando Pessoa amou uma mulher: quem?
13. Em que contexto surgiu a frase «Fernando em flagrante delitro»?



14. Quem foi a principal influência de Ricardo Reis?
15. Identifica dois recursos estilísticos frequentes na poesia de Caeiro.
16. Para Alberto Caeiro a captação do real é conseguida de que maneira?
17. Refere a atitude subjacente aos versos «pensando que podíamos, / se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias».
18. Que filosofia de vida está presente nos versos «Colhe / o dia, porque és ele».
19. Que motivos conduzem Ricardo Reis à utilização de latinismos?
20. Fernando Pessoa foi poeta de que século?
21. Que heterónimo tem por tema «a dor de pensar»?
22. Define «a arte de saber viver» segundo Reis.
23. Onde decorriam os longos encontros amigáveis e diversos debates?
24. Que heterónimo tem, à semelhança de Cesário Verde, «o costume de andar pelas estradas»?
25. De quantas fases é composta a escrita de Álvaro de Campos?



PROPOSTA DE SOLUÇÕES

1. 1888.
2. Segundo casamento por procuração da mãe de Fernando Pessoa.
3. Bernardo Soares.
4. 1912 com a publicação na Revista A Águia de vários artigos sobre “A nova poesia Portuguesa”.
5. Partida a Sá-Carneiro; provocar Pascoes.
6. 1912.
7. 1915.
8. Modernismo.
9. A publicação de poemas escandalosos.
10. Dois números.
11. A Mensagem.
12. Ofélia Queirós.
13. Descrição de uma fotografia que fez renascer a relação entre Pessoa e Ofélia.
14. Poeta latino Horácio.
15. Comparação e anáfora.
16. Através dos sentidos.
17. Estoicismo.
18. *Carpe Diem* Horaciano.
19. As influências do poeta latino Horácio.
20. Século XX.
21. Alberto Caeiro.
22. Assim como se não devem rezear os deuses, também a morte nos deve ser indiferente. A verdadeira sabedoria da vida é caminhar para o bem supremo, através do prazer sem paixões, sem inquietação, um prazer natural, em

equilíbrio com a Natureza: viver o momento presente. Por fim, importa que despojemos de todos os desejos de modificar a situação externa da nossa vida, e que nos submetamos ao destino.

23. Na Brasileira do Chiado.

24. Alberto Caeiro.

25. Três.

Capítulo II - Prática pedagógica

2.1. Português

No decorrer do Estágio Pedagógico, foram lecionadas um total de nove aulas a alunos do ensino regular - quatro blocos de noventa minutos ao 12ºC de Humanidade; mais quatro blocos de noventa minutos ao 8ºA e, finalmente, um bloco de noventa minutos aos alunos do 10ºC de Ciências e Tecnologias.

2.1.1. Descrição das aulas lecionadas

No início do ano letivo, e mediante acordo prévio estipulado pelas professoras orientadoras, os professores estagiários iniciaram a prática pedagógica com Português. Para o efeito, e relativamente ao primeiro período, a Professora Orientadora Celeste Nunes deu-nos a liberdade de escolher o ano a quem gostaríamos de dar as devidas aulas. Deste modo, enquanto o Professor Estagiário Miguel Marcos se responsabilizou pelos alunos do 8ºA - Direção de Turma da Professora Orientadora - assim como a Professora Estagiária Rita Fazendeiro pelos alunos do 10ºC, eu optei, de livre e espontânea vontade, estrear-me como docente ao lado dos alunos do 12ºC de Línguas e Humanidades. O processo de repartição das turmas, ao longo dos outros períodos manteve-se, e os estagiários souberam proceder civilizadamente. Todas as aulas, que a seguir apresentamos, contaram com a presença dos professores estagiários e da nossa professora orientadora Celeste Nunes, sendo que também esteve presente o professor Henrique Manso, supervisor da Universidade da Beira Interior, em três delas³. De seguida, apresentamos uma tabela que inclui os conteúdos programáticos abordados no decorrer dos três períodos:

Primeiro período - 12ºC:

Tabela 2 - Conteúdos programáticos do 12º ano.

		10.Out.2014	14.Out.2014	17.Out.2014	24.Out.2014
Fernando Pessoa Heterónimo	Conteúdos programáticos	Alberto Caeiro - <i>Poema XXXVI.</i>	Alberto Caeiro - <i>Poema II.</i>	Ricardo Reis - <i>Mestre, São Plácidas.</i>	Ricardo Reis - <i>Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.</i>
	Funcionamento da Língua	Consolidação dos conteúdos dos 10ºs e 11º anos			

³ As aulas supervisionadas pelo professor Henrique Manso são destacadas a negrito.

	Oficina de Escrita	Texto de Reflexão - o pensamento antimetafísico.	Texto expositivo-argumentativo com tema à escolha.	---	Texto de Reflexão sobre a filosofia de vida de Reis.
--	---------------------------	--	--	-----	--

Servindo o presente Relatório de Estágio para aprofundar os nossos conhecimentos sobre a heteronomia Pessoana, ao fazer uma retrospectiva dos conteúdos abordados com os alunos do 12^oC, inferimos que as aulas poderiam ter sido mais proveitosas: discutir com os alunos os motivos que podem ter estado na origem dos heterónimos para além da referida por Pessoa na carta a Adolfo Casais Monteiro, entre outros.

Apesar de se verificar que houve, por parte dos estagiários, melhorias no à-vontade na sala de aula com o avançar das aulas, a relação com a turma apenas funcionou devidamente ao longo do estudo da poesia de Alberto Caeiro. A interação entre professora-alunos conseguida ao longo do estudo da poesia do mestre, com maior incidência na segunda aula, não se repetiu aquando o estudo da poesia de Reis por culpa dos Estagiários. A falta de experiência de vida, e conhecimentos teóricos, impediram-nos de compreender, com clareza, os motivos que levam Reis a incentivar os seus leitores para viver com moderação. Esta falta de insegurança por parte dos Professores refletiu-se nos alunos que também apontavam para a não compreensão do pensamento do discípulo de Horácio. Para além disso, ao constrangimento inicial que levou à utilização de um tom de voz inadequado para o contexto de sala de aula acrescenta-se a falta de assertividade por parte dos Estagiários. Ainda assim, destacam-se pontos positivos como o cumprimento das planificações, a eleição das motivações iniciais mediante o tema do poema e os interesses dos alunos, a eleição do vocabulário utilizado e a capacidade de introdução dos conteúdos.

Segundo período - 8^oA:

Tabela 3 - Conteúdos programáticos do 8^oano.

		13.fev.2015	24.fev.2015	25.fev.2015	27.fev.2015	3.mar.2015
Literatura Medieval e Clássica.	Conteúdos programáticos	<i>Cantiga de amigo</i> , Meendinho.	<i>Cantiga sua</i> , partindo-se, João Roiz de Castel Branco.	<i>O sol é grande, caem co'a calma as aves</i> , Francisco Sá de Miranda.	Continuação do estudo do soneto da aula anterior.	Ficha de Trabalho.

	Funcionamento da Língua	Orações coordenadas e subordinadas; Funções sintáticas; Derivação e Composição; Tipos e formas de frase;				
	Oficina de Escrita	----	----	Texto de opinião sobre o tema do amor.	Texto de opinião sobre o tema da mudança.	----

Dar aulas a alunos do Ensino Básico, uma vez que não são expostos a Exame Nacional no final do ano, permite aos Professores Estagiários preparar aulas com mais flexibilidade sem carregar o fardo de responsabilidade como aconteceu na hora de planificar as aulas para o 12ºano. É evidente que as aulas devem conter, na mesma, conteúdo, mas os lapsos dados pelos Estagiários já não são tão condenáveis a partir do momento em que se remedeiam na aula seguinte.

Uma vez que já conhecíamos a turma, das aulas de Espanhol no primeiro período, vários aspetos melhoraram em relação ao primeiro período: o à-vontade dentro da sala de aula, a interação com a turma - manteve-se sempre o contacto visual com os alunos - o manejo dos conteúdos, a seleção do vocabulário assim como as próprias planificações que foram, mais uma vez, sempre cumpridas.

Terceiro período - 10ºC:

Tabela 4 - Conteúdo programático do 10ºano.

		16.Abr.2015
O conto de autores do século XX	Conteúdos programáticos	<i>As mãos de pretos</i> , Luís Augusto Bernardo Manuel Honwana.
	Funcionamento da Língua	----
	Oficina de Escrita	Redação do final do conto.

Esta última aula permitiu consciencializar os Estagiários dos seus progressos enquanto professores e indivíduos. Apesar de desconhecer a turma, coordenaram-na do início ao fim sem se deixar intimidar pelos alunos.

Se as atividades apresentadas respondiam, por um lado, ao tema da aula, as mesmas contribuíram, por outro lado, para destabilizar o normal funcionamento da aula, uma vez que os alunos pareciam esquecer estar dentro de uma sala de aula. Apesar de os Professores Estagiários terem sentido dificuldades em manter a ordem dentro da sala de aula, vários são os aspetos positivos a apontar: o uso de um tom de voz expressivo, assertividade, bom domínio dos conteúdos - à exceção de uma gralha cometida - à vontade na sala de aula, uso de vocabulário adequado à faixa etária dos alunos e planificação praticamente cumprida.

Cada uma das aulas vinha acompanhada de uma planificação que era lida e corrigida previamente pela Professora Orientadora que, por sua vez, dava sugestões com fim último de enriquecer a aula do Professor Estagiário. Sempre que o professor Henrique Manso vinha supervisionar as aulas, a planificação sofria uma segunda revisão e correção por parte do mesmo. Este documento era distribuído pelos colegas estagiários e pelos Professores, no início da aula, para que todos pudessem estar a par do roteiro da mesma e acompanhar o trabalho que estava a ser desenvolvido pelo colega supervisionado. De modo a respeitar o planificado e não cair no erro de saltar exercícios/ atividades previstas para a aula, as planificações eram utilizadas como guia e permitiam ao Professor Estagiário manter o foco de concentração. Cada planificação apresenta: os objetivos da aula, as competências que irão ser desenvolvidas, os conteúdos, as estratégias, o sumário, o material, a motivação inicial e por fim, o roteiro da aula seguida da duração estipulada para cada momento.

Como foi referido inicialmente, apesar de cada estagiário possuir um total de nove planificações, somente iremos apresentar dois exemplos adaptados referentes à poesia de Fernando Pessoa heterónimo, nomeadamente Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Uma vez que o corpo deste relatório envolve a heteronomia pessoal, achamos conveniente apresentar planificações sobre o tema que nos levou a refletir sobre a problemática do ensino da poesia de Fernando Pessoa no Ensino Secundário.

2.1.2. Reflexão sobre a prática pedagógica

Ter realizado esta jornada longe dos nossos pais foi um desafio pessoal mas cumprido com êxito e satisfação.

Há quem diga que o tempo facilita o crescimento, para além de física, mentalmente de um indivíduo mas na verdade, é a relação que mantemos com os outros que delinea a nossa personalidade. Ao longo do Estágio Pedagógico, aprendemos com os nossos próprios erros mas foram as chamadas de atenção e/ ou críticas da Professora Orientadora Celeste Nunes que, depois de nos deixar de rastos e desmotivados, nos fizeram ganhar forças para provar que éramos capazes de representar devidamente o círculo docente. Assim, só temos a agradecer as árduas palavras que nos tornaram mais forte e confiantes.

Apesar do desânimo sentido inicialmente, a verdade é com o decorrer do tempo e experiência, planificar aulas de português tornou-se numa tarefa de prazer e queremos acreditar que nada disto teria sido possível sem o contributo inconsciente dos nossos alunos que nos ajudaram, aula após aula, a não desistir.

Se a aula de português - língua materna - possui a vantagem de ser planificada em tempo reduzido, uma vez que o manual possui a informação de que necessita o aluno para cumprir os objetivos do programa de português para 12ºano, é necessário esclarecer que o considerado “bom” professor de português deixa de ser o indivíduo que analisa isoladamente os poemas do heterónimo para passar a ser aquele que, dotado de conhecimentos aprofundados sobre o autor, consegue interligar poemas com influências literárias ou aspetos da vida do seu autor. É aquele que dinamiza as aulas e apresenta aos alunos documentos autênticos - como excertos de *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* - que complementam o oferecido pelo manual do aluno e ajudam em simultâneo o aluno na compreensão dos conteúdos. Queremos com estas suposições inferir que a nossa prática pedagógica, relativa à abordagem da heteronomia pessoal, teria possivelmente resultado num trabalho diferente, se tivéssemos estudado previamente e em profundidade o pai dos heterónimos. Com base nestas deduções e no âmbito de remediar o lapso cometido, iremos apresentar duas propostas pedagógicas adaptadas como poderá encontrar no último ponto do capítulo I.

2.2. Espanhol

No decorrer deste capítulo, apesar de terem sido lecionadas um total de nove blocos de noventa minutos a alunos do ensino regular - quatro aulas ao 8ºC; quatro aulas ao 10ºA,B,C,D e, finalmente, uma aula aos alunos do 7ºC - neste Relatório de Estágio somente iremos apresentar duas aulas - uma planificação do 7ºC e outra do 10ºano -, uma vez que nos serão útil para ilustrar que a aprendizagem dos conteúdos através de jogos, vídeos, músicas, entre outros, enriquecem a aula e ajudam os alunos na retenção da matéria.

2.2.1. Descrição das aulas lecionadas

Contrariamente ao método utilizado em Português no que concerne à repartição das turmas pelos Professores Estagiários, o tradicional sorteio foi a metodologia adotada pela Professora Orientadora de Espanhol Sandra Espírito Santo, o qual era realizado no início de cada semestre para que todos pudessem ter tempo para planificar a unidade. Deste modo, enquanto o Professor Estagiário Miguel Marcos se responsabilizou pelos alunos do 7ºA - Direção de Turma da Professora Orientadora - assim como a Professora Estagiária Rita Fazendeiro pelos alunos do 10º A,B,C,D, eu fiquei responsável pelos alunos do 8ºC. Todas as aulas, que a seguir apresentamos, contaram com a presença dos Professores Estagiários e da nossa Professora Orientadora, sendo que também esteve presente o Professor Francisco Fidalgo,

supervisor da Universidade da Beira Interior, em três delas. De seguida, apresentamos uma tabela que inclui os conteúdos programáticos abordados no decorrer dos três períodos:

Primeiro Período - 8ºC:

Tabela 5 - Conteúdos programáticos da Unidade 4, nível II.

Unidad 4 - ¡Buen Viaje!	
Contenidos léxicos	<ul style="list-style-type: none"> • Médios de transporte; • Zonas del aeropuerto.
Contenidos funcionales	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir un billete de tren; • Pedir/ dar información; • Contar en pasado.
Contenidos gramaticales	<ul style="list-style-type: none"> • Pretérito Indefinido; • Oraciones Adverbiales.
Contenidos culturales	<ul style="list-style-type: none"> • RENFE

No que diz respeito a estas quatro aulas iniciais, é de destacar pela negativa a primeira aula, de quarenta e cinco minutos, por motivos óbvios: a turma era barulhenta, indisciplinada e os Professores Estagiários estavam nervosos por ser o primeiro contacto direto com os alunos e com o idioma estrangeiro - o Espanhol. No entanto, as aulas seguintes decorreram com mais naturalidade onde se evidenciam vários pontos positivos: cumprimento das planificações e diversificação dos exercícios e das atividades - que tinham como finalidade ir ao encontro dos interesses dos alunos e permitir que aprendessem os conteúdos naturalmente - bom domínio dos conteúdos, do idioma (apesar das gralhas mínimas detetadas pela Professora Orientadora mas que em momento algum dificultaram a nossa comunicação) e dos alunos. Se no decorrer da primeira aula, por falta de fluidez e à-vontade, impor respeito dentro da sala de aula era uma limitação, o mesmo não voltou a acontecer com o decorrer do tempo e da experiência.

Segundo Período - 10ºA,B,C,D:

Tabela 6 - Conteúdos programáticos da Unidade 5, nível I.

Unidad 5- En familia	
Contenidos léxicos	<ul style="list-style-type: none"> • Miembros de la familia; • Partes de la casa; • Muebles y objetos.
Contenidos funcionales	<ul style="list-style-type: none"> • Expresar frecuencia, posesión, necesidad, acciones que se están desarrollando; • Describir una casa.
Contenidos gramaticales	<ul style="list-style-type: none"> • Perífrasis ESTAR + GERUNDIO; • Posesivos;

	<ul style="list-style-type: none"> • Marcadores de frecuencia; • Indicadores de lugar.
Contenidos culturales	<ul style="list-style-type: none"> • Casas típicas de España.

No que diz respeito a estas quatro aulas é de destacar novamente pela negativa a primeira aula, de noventa minutos, pelos seguintes motivos: apesar de a turma ser bastante disciplinada os Professores Estagiários estavam nervosos por ser o primeiro contacto direto com alunos tão próximos da sua idade. Porém, apesar da gralha cultural cometida ao longo da primeira aula, é de salientar o nosso progresso que abrange vários pontos: o à-vontade na sala de aula é cada vez mais perceptível; há contacto visual com os alunos; os conteúdos são dominados e manejados habilmente; a comunicação oral melhora a cada passo permitindo inferir que já são quase imperceptíveis os erros orais cometidos (à exceção de vocabulário esporádico) e as planificações, à semelhança do primeiro período, foram sempre cumpridas - à exceção da última -, e apresentavam atividades/ exercícios diversos e próprios para a faixa etária e nível dos alunos.

Terceiro Período - 7ºA:

Tabela 7 - Conteúdos programáticos da Unidade 9, nível I.

Unidad 9- Vamos de compras	
Contenidos léxicos	<ul style="list-style-type: none"> • Las tiendas y alimentos
Contenidos funcionales	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir y contestar en una tienda; • Preguntar/ decir el precio.
Contenidos gramaticales	<ul style="list-style-type: none"> • Los numerales
Contenidos culturales	<ul style="list-style-type: none"> • La tortilla y el Gazpacho

Concluir a prática pedagógica com estes alunos tão joviais, interessados e dinâmicos foi desafiante. Apesar de lhes termos dado uma aula, a qual supervisionada pelo Professor Francisco, os Professores Estagiários já conheciam os alunos, uma vez que tempos antes lhes deram, a pedido da Professora Sandra, uma aula de substituição. Esta serviu para conhecer os alunos e antecipar o que iria possivelmente acontecer no dia da aula assistida.

Como não podia deixar de ser, apesar do bom domínio oral do idioma, foi cometido uma gralha escrita e preocupante, uma vez que os alunos ficaram com o registo desta perífrase - *¿Dónde voy para comprar estos productos?* - no caderno diário. Nestes casos, a aula seguinte torna-se crucial para alertar os alunos do erro e corrigi-lo atempadamente. Apesar deste contratempo, foram vários os aspetos positivos que merecem ser destacados: a articulação e domínio dos conteúdos, a gestão do tempo e o cumprimento da planificação, o à-vontade

perceptível a olho nu, a segurança dos Professores Estagiários e os demais pontos positivos destacados até agora.

À semelhança do que sucedia nas aulas de Português, cada aula vinha acompanhada de uma planificação que era lida e corrigida previamente pela Professora Orientadora que, por sua vez, dava sugestões com fim último de enriquecer a aula do Professor Estagiário. No final de cada período, o Professor Francisco voltava a rever todas as nossas planificações que, por sua vez, sofriam uma segunda revisão e correção.

As planificações apresentavam o seguinte modelo: uma grelha de aula onde eram indicados os objetivos e os conteúdos - funcionais, sociais, culturais, lexicais -, da aula e uma descrição de aula (roteiro que relatava sumariamente todos os procedimentos). Este documento era distribuído pelos colegas estagiários e pelos Professores, no início da aula, para que todos pudessem estar a par do roteiro da mesma e acompanhar o trabalho que estava a ser desenvolvido pelo colega supervisionado. Apesar de este documento ser essencial para a aula seguir um fio condutor, a indisciplina de estes alunos obrigou-nos a adaptar a planificação e improvisar uma atividade que substituísse a prevista mas que não deixasse de cumprir os mesmos objetivos.

Como foi referido inicialmente, apesar de cada estagiário possuir um total de nove planificações, somente iremos apresentar duas planificações das aulas dadas aos alunos do 7º ano (**Anexo 1 - p. 120**) e 10º ano (**Anexo 11 - p. 138**). Com estas, pretendemos mostrar que aprender pela surpresa, vídeos, objetos, jogos facilita a aprendizagem e permite ao aluno manter o foco de atenção independentemente da idade que tiver.

2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica

A convivência com a professora Sandra permitiu-nos usufruir de momentos gratificantes sem que isso fosse um entrave à nossa formação enquanto futuros Professores de Espanhol. Com esta experiência, pudemos aprender que uma personalidade jovial e amiga dos alunos é igualmente respeitada pela comunidade discente. Ao proceder com tanta familiaridade e à-vontade com os Professores Estagiários, foi-nos possível encarar o Estágio com confiança e simpatia.

Como não podia deixar de ser, os comentários genuínos sobre as nossas aulas, por parte da Orientadora, chegaram a escandalizar-nos e magoar-nos mas sem esta sinceridade não teríamos progredido nem seríamos as pessoas que somos hoje. Quer os comentários, pormenorizados, que eram realizados no final de cada aula, quer as conversas que mantínhamos com os Professores Sandra e Francisco, deram-nos, por um lado, a possibilidade de aprender mais sobre o idioma e, por outro, a oportunidade de aperfeiçoar a nossa prática pedagógica.

Uma vez que no Ensino Secundário as disciplinas de Língua Estrangeira são, como se sabe, opcionais urge a necessidade de o Professor agir estrategicamente para que os alunos adiram a estas disciplinas cada vez mais menosprezadas. À boa personalidade do Professor, como vimos, é necessário diversificar as aulas e fazer com que os alunos não consigam antever o roteiro da aula. Um aluno surpreso terá mais vontade de assistir à aula e estará predisposto a aprender.

A aprendizagem de uma Língua Estrangeira em contexto de sala de aula deve, sempre que possível, refletir a vida real. Queremos com isto dizer que o manual, nestes casos, deveria de ter um peso mínimo na hora de planificar as aulas porque os exercícios e atividades apresentadas não preparam devidamente os alunos.

A preparação de aulas de Espanhol são sempre um prazer, uma vez que permitem ao Professor moldar a Unidade como bem entender, desde que sejam cumpridos os objetivos da mesma. É um gosto enorme assistir à satisfação dos alunos quando surge um exercício ou atividade que suscita neles vontade de aprender sem que para isso seja necessário passar pela fase do aborrecimento. Deixemos o uso abusivo do manual para as disciplinas obrigatórias como Português, por exemplo.

Capítulo III - Envolvimento na Escola

3.1. Contextualização e caracterização da escola



Figura 7 - Escola Secundária Campos Melo

Conforme foi referido anteriormente, o Estágio Pedagógico a que se refere o presente relatório foi realizado na Escola Secundária Campos Melo, localizada na cidade da Covilhã, num espaço bastante aprazível e alegremente decorado. Esta é uma instituição com 129 anos de história, criada com o objetivo de “ministrar o ensino apropriado às indústrias predominantes naquela localidade”, isto é, na Covilhã. A escola começou por se instalar provisoriamente - até à conclusão das obras de adaptação de um edifício posto à disposição pela autarquia -, numa casa cedida por José Maria da Silva Campos Melo, que custeou todas as despesas de mobiliário e a formação de um docente, José da Fonseca Teixeira, que veio a ser o primeiro director da escola. Assim, recebendo a designação de Escola Industrial Campos Melo, o seu funcionamento iniciou a 16 de dezembro de 1884. No ano seguinte, a escola foi transferida para o edifício cedido pela Câmara Municipal, e só em 1912 se instalou no espaço atual que, ano mais tarde, foi ampliado, tendo-se construído um bloco oficial. No ano de 1948 a escola passou a denominar-se Escola Industrial e Comercial Campos Melo e, em 1970, Escola Técnica Campos Melo, tendo recebido a atual designação em 1975. Aquando dos seus 100 anos de existência foi atribuído à Escola Secundária Campos Melo, pela presidência da República, o grau de Membro Honorário da Ordem de Instrução Pública e no âmbito da comemoração dos 120 anos, a Câmara Municipal da Covilhã atribuiu à escola a Medalha de Ouro de Mérito Municipal.

Atualmente, além dos novos espaços construídos - o Pavilhão Gimnodesportivo e o Museu Educativo - a Escola Secundária Campos Melo possui instalações remodeladas e melhoradas, nomeadamente a Biblioteca Escolar, o Auditório, a Sala de alunos, a Oficina de Artes e o Laboratório de Fotografia, dotadas de todas as condições e meios necessários para que a aprendizagem dos alunos decorra da melhor maneira. Permanentemente empenhada neste objetivo encontra-se a atual direcção da Escola, composta pela Dr^a. Isabel Fael, a diretora, pela Dr^a. M^a do Amparo de Jesus, a subdiretora, pelos adjuntos da diretora, o Dr. Luís Lopes e a Dr^a. M^a Leonor Lobo e pela assessora, a Dr^a. Ana Paula Fernandes.

Acompanhando sempre a evolução dos tempos, esta é uma instituição de ensino que prima pela inovação e criatividade, mas também pelo rigor, empenho e entrega de toda a comunidade escolar, comunidade esta composta por cento e quatro docentes, seis docentes estagiários, trinta e cinco funcionários e oitocentos e noventa e nove alunos (ensino diurno e noturno). Estes alunos encontram-se distribuídos por um total de quarenta turmas: sete do 3º Ciclo do Ensino Básico; treze dos Cursos Científicos-Humanísticos (Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades e Artes Visuais); trezes dos Cursos Profissionais (Técnico de Desenho de Mobiliário, Técnico de Recepção, Técnico de Eletrónica, Automação e Computadores, Técnico de Mecatrónica, Técnico de Design Industrial, Técnico Auxiliar de Saúde, Técnico de Energias Renováveis, Técnico de Gestão e Equipamentos Informáticos, Técnico de Design de Equipamentos, Técnico de Apoio Psicossocial e Técnico de Análise Laboratorial); três dos Cursos de Educação e Formação (Assistente Administrativo, Operador de Fotografia e Gestão do Ambiente); e quatro dos Cursos EFA. Além desta vasta oferta formativa, a Escola Secundária Campos Melo proporciona ainda aos seus alunos um vasto leque de atividades extracurriculares, nomeadamente os clubes de teatro, fotografia, artes, jornal, robótica, biotecnologia ambiental, holografia, nanotecnologia, informática, voluntariado e desporto escolar. Por tudo isto, a Escola Secundária Campos Melo tem como atual lema do seu Projeto Educativo “Uma Escola que se orgulha do Passado, que reflete sobre o Presente, que constrói o Futuro...”.

Disponível em: <http://www.camposmelo.pt/index.php/a-escm/54-a-escola/61-historia>, acessado a 26 de junho de 2015.

3.2. Caracterização das turmas

Ao longo do Estágio Pedagógico, os Professores Estagiários foram expostos a um total de cinco turmas do ensino regular. No que concerne às turmas de Português, as aulas foram direcionadas aos alunos do 8ºC do ensino básico, aos alunos do 10ºC do Curso de Ciências e Tecnologias e ao 12ºC de Línguas e Humanidades, turmas do ensino regular. Relativamente a Espanhol, para além das aulas dadas ao 8ºC, também foram dadas aulas à turma do 10ºano (composta por alguns alunos do 10ºC e Artes) assim como aos alunos do 7ºA.

3.2.1. Turmas de Espanhol

Principiemos a caracterização das turmas pelos alunos recém-chegados à instituição escolar: o 7ºA. Esta turma, de dimensão considerável, é composta por 25 alunos: doze raparigas e treze rapazes de nível I e apresentam-se bastante barulhentos e irrequietos. A turma pode dividir-se em dois grupos: por um lado os alunos atentos e disciplinados que conseguiram resultados positivos e por outro, os alunos com algumas dificuldades de aprendizagem mas que no entanto não se importavam de destabilizar a aula e os colegas. Apesar da personalidade dos alunos verificamos que participaram pertinentemente e com entusiasmo nas atividades propostas. Por sua vez, o 8ºA também era composto por um bom grupo de

alunos: dez raparigas e onze rapazes, o que dá um total de vinte e um alunos. Trabalhar com esta turma foi positivo uma vez que a disciplina - à exceção das aulas de 5ª-feira à tarde - e o interesse em aprender soprava a nosso favor. Além disso, os conhecimentos da aluna Esther Ballesteros, de nacionalidade Espanhola, contribuíram para melhorar o normal funcionamento das atividades e das aulas, em geral, porque as suas intervenções dinamizavam toda a nossa prática pedagógica. No entanto, à semelhança do ocorrido com os alunos do 7ºA, apesar de se destacarem alunos com apuradas aptidões intelectuais, presencia-se um grupo de alunos - como as alunas Érica e Alicia - que necessita de apoio suplementar para conseguir acompanhar a matéria dada em aula. Por último, a turma do 10ºano era composta por um grupo reduzido de alunos: doze alunos, sendo que três deles foram nossos alunos a português. Esta foi uma turma com a qual se pôde trabalhar muito bem, não só pelo reduzido número de alunos, como também pelo comportamento destes. Porém, apesar do esforço realizado pelos professores estagiários para moldar a unidade de acordo com os interesses e faixa etária dos alunos, estes mostraram-se desinteressados - raramente faziam os trabalhos de casa - e pouco participativos.

3.2.2. Turmas de Português

Sendo que já foi feita a descrição dos alunos do 8ºC, das três turmas apenas será feita a caracterização das duas restantes, a saber: 10ºC e 12ºC. Atendendo ao 10ºC, a turma é composta por um total de vinte e oito alunos - dezanove raparigas e nove rapazes - disciplinados e atentos. Estamos perante uma turma com valores morais, sensíveis à questão do racismo e do preconceito. Verificamos, por outro lado, que possui alunos de todo o tipo: o grupo de alunos com elevado potencial - como o Pedro Belizário e a Bárbara - que se destacam pelas intervenções assertivas; os alunos que têm muitas capacidades mas que não se interessam



Figura 8 - 10ºC de Línguas e Humanidades.

minimamente em

melhorar e aperfeiçoar os conhecimentos que já possuem - como é o caso do aluno João Brito - e por fim os alunos que, por razões de natureza diversa, sofrem limitações na aprendizagem. Este último caso diz respeito à aluna Maria Conceição que apresenta as seguintes dificuldades: auditivas do lado esquerdo e défice de 30% na velocidade de interpretação e execução. Por fim, e atendendo aos alunos do 12ºC, estamos perante uma turma composta por um total de 21 alunos - dezassete raparigas e quatro rapazes - todos disciplinados, atentos e quase todos interessados. Uma vez que alguns alunos - como a

Mariana e o Pedro Lopes - frequentam o grupo de Teatro, foram conseguidas boas representações teatrais (note-se para o efeito a leitura em voz alta do excerto de *Felizmente Há Luar*, de Sttau Monteiro lido pela Mariana e Patrícia) o que dinamizou as aulas suscitando, assim, a vontade, por parte dos alunos, de aprender. Uma vez que as turmas são heterogéneas, apesar de se destacarem alunos empenhados, também se evidenciam casos de alunos que, para além de desrespeitarem as normas de pontualidade e assiduidade são preguiçosos e pouco participativos.

3.3. Atividades extracurriculares

Ao longo do ano letivo, quer no âmbito da disciplina de Português quer da disciplina de Espanhol, foram algumas as atividades que desenvolvemos e nas quais participamos. Deste modo, iremos no debruçar do seguinte ponto, apresentar a totalidade das atividades extracurriculares que foram realizadas ao longo do nosso Estágio Pedagógico.

Dia Europeu das Línguas

Decorreu a 26 de setembro de 2014, na Escola Secundária Campos Melo, uma palestra sobre tradução que teve por intuito representar o Dia Europeu das Línguas. Este projeto foi desenvolvido pelos Estagiários de Espanhol e Português que puderam contar com a colaboração da Professora de Educação física, Nilza Duarte. A palestra contou com a presença de várias turmas de entre as quais se destacou o 12ºC, turma pela qual nos responsabilizamos ao longo das aulas assistidas. Para comemorar este dia, foi decidido entre todos que a palestra iria ter como base de apoio um *Power Point* e que cada membro do grupo iria ter de apresentar os diapositivos que lhe tinham sido previamente distribuídos. Para que esta apresentação captasse a atenção dos espectadores, foi para além da vertente teórica, elaborado um *quizz* que estivesse relacionado com o tema da tradução. Deste modo, para que o jogo fosse viável, colocava-se a pergunta ao público e aguardava-se a resposta dos alunos.



Figura 9 - Alunos da Escola Secundária Campos Melo



Figura 10 - Palestrantes - Núcleo de Estágio de Português e Espanhol acompanhado da Professora Nilza Duarte

O “Amigo Invisível”

No início de dezembro os professores de Educação Física dinamizaram uma atividade divertida, a qual denominaram de “amigo invisível”. Para o efeito, a professora Nilza Duarte afixou na sala dos professores uma folha de inscrições onde devia de constar o nome, endereço e-mail e contacto telefónico do participante (que compreendia professores e funcionários da Escola Secundária Campos Melo). Passado o prazo das inscrições, que durou aproximadamente uma semana, foi realizado um sorteio e informado, via e-mail, a cada participante, a pessoa que teria de presentear, sem revelar a sua identificação, durante duas semanas. Cada um era livre de escolher o tipo de “amigo invisível” que mais o identificava: o amigo querido que deixa um maminho todos os dias no cacifo do colega ou aquele que prega partidas malvadas no intuito de criar situações caricatas. Esta troca de mimos durou até à celebração do jantar de Natal, decorrido a 23 de dezembro, onde o “amigo invisível” foi obrigado a revelar a sua identidade e oferecer um presente de natal ao seu respetivo.

Uma vez que o jantar se realizou durante as férias de Natal, não foi possível aos Professores Estagiários estarem presentes para partilhar bons momentos entre colegas de trabalho mas todos pediram à Professora Orientadora que lhes fizesse o favor de entregar os presentes às Professoras que lhes correspondiam. Apesar do bom senso dos Professores Estagiários, nenhum deles travou conhecimento com o seu “amigo invisível” nem usufruiu da graça de receber um presente.

Visita de Estudo ao Convento de Mafra

No dia 20 de fevereiro de 2015, o núcleo de Estágio de Português/ Espanhol foi de visita de Estudo a Mafra - visitar o Convento e assistir à representação teatral da obra de Saramago - com os alunos do 12º ano e as Professoras acompanhantes Celeste Nunes e Olga Fonseca. Uma vez que o grupo era colossal e por forma a conseguir uma melhor gestão do tempo, espaço e rendimento por parte dos alunos foi decidido pelos organizadores da visita que os alunos iriam proceder a uma divisão por forma a criar dois grupos devidamente seguidos de uma Professora e de um guia que orientou os mesmos pelo convento.



Figura 11 - Professores Estagiários Miguel e Elsa



Figura 12 - Biblioteca do Convento de Mafra

Visita de Estudo a *Ciudad Rodrigo*

A visita de estudo, que decorreu no dia 19 de março de 2015, foi organizada pelas Professoras Sandra Espírito Santo, Isabel Santos e M^a José Carvalho e direcionadas para os alunos do 7^o A e B. Nesta visita de estudo, os alunos puderam visitar a *Catedral de Santa María*, o *Palácio de los Ávila y Tiedra*, o *Centro de Interpretación de la Ruta de las fortificaciones de Frontera*, a *Plaza Mayor*, a *Casa de los Vásquez* e *el Ayuntamiento de Ciudad Rodrigo*.



Figura 13 - Professora Estagiária com alunos do 7^oA

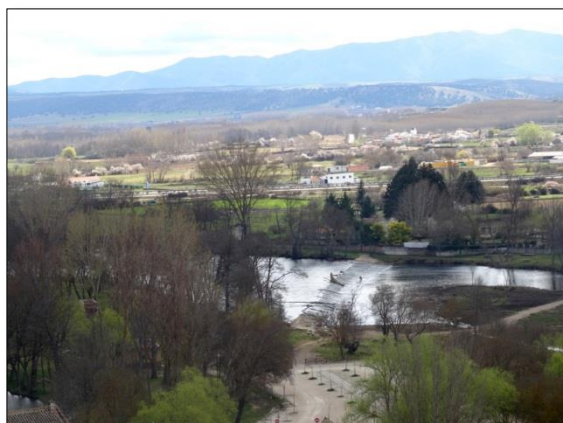


Figura 14 - Ciudad Rodrigo



Figura 15 - Professoras Estagiárias Rita e Elsa



Figura 16 - Professora Orientadora Sandra com Professores Estagiários

Sarau Cultural - ensaio coreográfico

No dia 22 de abril de 2015, pelas 14:15h, o núcleo de Estágio de Espanhol auxiliou a docente Sandra Espírito Santos na formação dos alunos do 7ºA e 8ºA que iriam estrear-se no Sarau Cultural a 15 de maio.



Figura 17 - Professora Orientadora Sandra e alunos do 7ºA e 8ºA no ensaio coreográfico

Dia do Livro

No dia 23 de abril, o Professor Gabriel Magalhães foi convidado para discursar numa palestra que decorreu no anfiteatro da Escola Secundária Campos Melo pelas três e meia da tarde. Esta pretendeu responder à pergunta inicialmente colocada pelo professor Gabriel: “O que pode dar um livro?” Segundo ele, podemos através dos livros, ler os mais belos pensamentos que os homens tiveram; adquirir conhecimentos mais pormenorizados. O autor do livro ainda indica que as palavras fazem magia porque pensamentos filosóficos ajudam o leitor na resolução de conflitos interiores e que “um espelho diz menos do que um livro” uma vez que a escolha dos géneros delinea a nossa personalidade. Em jeito de conclusão, foi feita uma breve apresentação do livro *Como sobreviver a Portugal*.



Figura 18 - Drª Isabel Fael, Professor Gabriel Magalhães e Professora Olga Fonseca.

Exame Nacional de leitura

No dia 16 de abril de 2015 e a pedido da Professora Susel Fonseca, os Professores Estagiários foram vigiar a prova de leitura que decorreu na Escola Secundária Quinta das Palmeiras. Acompanhados pela Professora Celeste e uma vez chegados ao estabelecimento, foi previamente informado pela Diretora que cada Professor iria ficar encarregue de vigiar uma sala com cerca de treze alunos cada. A prova teve duração de quarenta e cinco minutos e contou com a participação de Esther Ballesteros e Maria Garcia, alunas da Escola Secundária Campos Melo.



Figura 19 - Esther Ballesteros, 8ªA.



Figura 20 - Maria Garcia, 7ªA.

Cozinha divertida

Ao longo do ano letivo decorreu na Escola Secundária Campos Melo, às terças-feiras pelas seis da tarde, a Oficina da “Cozinha Divertida”. Uma vez que esta atividade foi dinamizada, entre outros, pela Professora Sandra, os Professores Estagiários tiveram a oportunidade de participar sempre que possível. Esta oficina destinava-se a levar os alunos a cozinhar em grupo e conforme o nome indica, de forma lúdica. Por norma, o trabalho era repartido, o que significa que quer os alunos, quer os professores davam o seu contributo. Na generalidade, cozinhavam-se entradas (patés, mini sanduíches) ou doces (bolachas ou bolinhos) que, concluída a sua elaboração, ou eram repartidos pelos alunos ou, no caso de haver eventos no dia, destinavam-se a ser servidos nestes. No dia 28 de abril em concreto, o Núcleo de Estágio colaborou na confeção das tapas que contou com a participação ativa de alunos de vários anos.



Figura 21 - Alunos, núcleo de Estágio de Português/ Espanhol e Professoras de Espanhol e Inglês.



Figura 22 - Alicia, Joana e Marta - alunas do 8ºA.

Dia da Poesia

No âmbito de comemorar o dia nacional da poesia, o núcleo de Estágio de Português/ Espanhol decidiu organizar um concurso direcionado a toda a comunidade discente. Para o efeito, os alunos só tinham de elaborar um poema cujo vencedor teria direito a um prémio. Para além desta iniciativa ainda nos foi possível ajudar os alunos do 8ºC na concretização dos desenhos ilustrativos de poemas previamente seleccionados pelos alunos.



Figura 23 - Cartaz de divulgação do concurso

Conclusões

Ainda que Fernando Pessoa seja considerado a par de Camões, como um ícone maior da Literatura Portuguesa, apercebemo-nos, após analisarmos quer os Programas de Português quer os manuais, que o seu legado literário não foi nem nunca irá ser devidamente valorizado. Da nossa análise ao *Programa de Português* que esteve em vigor até ao ano letivo 2014/2015, foi-nos possível perceber que os autores dos manuais adotados não souberam aproveitar a oportunidade para propiciar o estudo alargado de Fernando Pessoa noutros anos que não apenas o 12º ano de escolaridade. Já Camões foi continuamente estudado ao longo de vários níveis de ensino com maior incidência no 9º e 12º ano, sendo que neste último a abordagem de *Os Lusíadas* também se presta à comparação com a grandiosa obra de Pessoa, a *Mensagem*. Ainda que o *Programa de Português* permitisse a inclusão do estudo superficial de Pessoa aquando a abordagem de “Poetas do Século XX”, conteúdo programático estudado no 10º ano de escolaridade, verificámos que a grande maioria dos manuais analisados menosprezou a poesia do autor, optando por apresentar poemas de diversos autores como Sophia de Mello Breyner Andresen, por exemplo. Neste sentido, da análise que fizemos a diferentes manuais, somente se verificou um registo poético da obra de Fernando Pessoa no manual *Expressões 10* da Porto Editora, o que é bastante ilustrativo do que acabámos de dizer.

Ainda que a maioria do corpo docente esteja dependente do manual, o *Programa de Português* existe para orientar a prática docente oferecendo autonomia ao professor para adaptar a sua prática pedagógica com vista também ao enriquecimento cultural e literário dos alunos. Assim, apesar de os autores dos manuais insistirem na ideia de que Fernando Pessoa só merece ser estudado no 12º ano, queremos acreditar que vários foram os professores a contornar a situação de maneira a viabilizar o estudo de Fernando Pessoa, sempre que possível, dada a importância do Poeta no panorama literário português.

Não obstante o que já afirmámos, se no *Programa de Português* ainda existia a possibilidade de abordar Pessoa no correr de vários anos, com a reestruturação do documento, que entrará em vigor no ano letivo de 2015/2016, Pessoa foi simplesmente excluído, uma vez que os conteúdos programáticos do 10º ano sofreram fortes alterações e não deixam qualquer espaço para a abordagem da poesia pessoana. Para além disso, apesar de qualquer reestruturação ter naturalmente em conta a melhoria de um sistema constatamos que, infelizmente, as *Metas Curriculares* apresentam graves deficiências na organização do estudo de Fernando Pessoa - defendendo a abordagem da génese dos heterónimos aquando o estudo de Fernando Pessoa ortónimo - e na clareza dos conteúdos a explorar no estudo da obra pessoana. Dito isto por outras palavras e após uma breve análise comparativa entre os dois documentos orientadores foi-nos relativamente fácil entender que, contrariamente às *Metas Curriculares*, o *Programa de Português* sumaria a questão da heteronomia pessoana com clareza e pertinência oferecendo ao corpo docente boas matrizes orientadoras. Deste modo, urge uma tomada de

consciência por parte dos autores dos programas sobre as falhas cometidas aquando a reestruturação do documento orientador para que nos próximos anos letivos, se possa voltar a estudar separadamente cada heterónimo de Fernando Pessoa conforme o estipulado pelo antigo *Programa de Português*.

Na sequência da análise do programa e ainda que não tenhamos tido a oportunidade de analisar toda a curva evolutiva do estudo da heteronomia pessoal, pudemos, contudo, constatar que Fernando Pessoa era lecionado nas Escolas Portuguesas no 11º ano de escolaridade, como podemos depreender da análise sucinta do manual *Textos de Literatura Portuguesa* da Porto Editora, de 1995. Na análise aos manuais adotados entre 2011 e 2015 verificou-se que os autores não foram totalmente fiéis ao programa, na medida em que a maioria deles resume o estudo dos poemas apenas à leitura ou apresenta exercícios relacionados com a primeira fase de escrita de Álvaro de Campos. Em contrapartida, os conteúdos seguem, na sua maioria, a sequência esperada, com exceção de um manual específico, o *Plural 12*, que os apresenta conforme a disposição que consta nas *Metas Curriculares*. Ainda assim, foi possível ver que quase todos os manuais facultam exercícios que fomentam as cinco competências expressas no documento orientador, apesar de os autores apostarem no desenvolvimento da expressão e compreensão escrita, persistindo um notório desequilíbrio nas competências a desenvolver. Por fim, é de louvar todo o trabalho desenvolvido pelos autores do manual *Das palavras aos actos* aquando a seleção dos poemas para o estudo de Álvaro de Campos. Contrariamente aos outros manuais escolares, *Das palavras aos actos* ilustrou as duas últimas fases do heterónimo com poemas para além dos tradicionais *Aniversário*, *O que há em mim é sobretudo cansaço* e *Lisbon Revisited*. Esta atitude por parte dos autores do manual ilustra o que estivemos a defender ao longo do ponto três do relatório: uma vez que o programa oferece autonomia aos professores na escolha dos poemas que contribuirão para estudar cada heterónimo, porque não facultar aos alunos poemas para além dos mais conhecidos? Sendo o legado de Pessoa vastíssimo, esta estratégia atuaria em prol do enriquecimento cultural quer dos alunos, quer dos professores.

Deixamos, finalmente, uma curta reflexão acerca do Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária Campos Melo, isto é, sobre a nossa experiência enquanto docente de Português e Espanhol. Esta experiência, de duração escassa, permitiu-nos progredir a cada passo com vista à nossa formação enquanto professora autónoma e responsável, apta a liderar com uma turma e a formá-la.

A oportunidade que nos foi dada de lecionar a vários níveis, quer em Português quer em Espanhol, para além de desafiante, uma vez que tivemos de adaptar as planificações consoante o público-alvo, veio enriquecer a nossa experiência, já que no caso específico de Português pudemos trabalhar os dois tipos de textos - o literário e o não literário -, e relembramos que as aulas dadas aos alunos do 12º C sobre Alberto Caeiro e Reis estiveram na origem da escolha do tema do Relatório de Estágio. Para além disso, as reuniões de departamento e de conselhos de turma em que participámos, contribuíram para que fôssemos

devidamente integrados pelos colegas e estivéssemos a par do funcionamento interno da instituição que nos acolheu.

Por fim, embora tenhamos planificado aulas de Português sobretudo com base no manual *Expressões 12*, da Porto Editora, defendemos que uma aula deve vir sempre acompanhada do fator surpresa para atrair a atenção dos alunos e motivá-los. Neste sentido, procedemos de maneira diferente em relação às aulas lecionadas aos alunos de Espanhol. Nestas aulas apostou-se em diversos recursos aliciantes como jogos, músicas, vídeos, atividades com o fim último de captar a atenção de toda a comunidade discentes. Esta estratégia, apesar de ter funcionado como esperado, provou que a vertente lúdica, para além de pedagógica, acelera o desempenho e motivação dos alunos, facultando-lhes uma aprendizagem divertida. Para além de o professor conseguir salvaguardar o bom ambiente dentro da sala de aula, este método deu-nos grande satisfação pessoal, ao assistir ao entusiasmo dos alunos, inclusive os mais indisciplinados.

Bibliografia

Apple, Michael (2002), *Manuais escolares e trabalho docente. Uma economia política de relações de classe de género na educação*, Lisboa, Plátano Editora.

Aran, Artur Parcerisa (1997), *Materiales curriculares*, Barcelona, Editorial Grão.

Borregana, António Afonso (2000), *Fernando Pessoa e heterónimos. O texto em análise*, Lisboa, Texto Editora.

Cabral, Avelino Soares (2011), *Análise da obra Fernando Pessoa e heterónimos*, Lisboa, Sebenta Editora.

Cabral, Marianela (2005), *Como analisar manuais escolares*, Lisboa, Texto Editores.

Coelho, Jacinto do Prado (1994), *Dicionário de literatura*, Porto, Mário Figueirinhas Editora, p: 748.

Coelho, Jacinto do Prado (1998), *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Verbo.

Crespo, Angel (1988), *Estudos sobre Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Teorema.

Filho, José Paulo Cavalcanti (2012), *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, Porto, Porto Editora.

Gérard, François-Marie; Roegiers, Xavier (1998), *Conceber e avaliar manuais escolares*, Porto, Porto Editora.

Horácio ([23 a.C.] 2008), *Odes*, trad. de Pedro Falcão, Lisboa, Cotovia.

Lopes, Maria Teresa Rita (1985), *Fernando Pessoa et le drame symboliste: heritage et creation*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

Lopes, Teresa Rita (1990), *Pessoa por conhecer - vol 1: roteiro para uma expedição*, Lisboa, Editorial Estampa.

Lourenço, Eduardo (2000), *Pessoa revisitado*, Lisboa, Gradiva Publicações.

Machado, Álvaro Manuel (1996), *Dicionário de literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, p: 376.

Martins, Fernando Cabral (2008), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português*, Lisboa, Editorial Caminho.

Montalvor, Luiz de (s/d), *Obras completas de Fernando Pessoa. Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Edições Ática.

Montalvor, Luiz de (1994), *Obras completas de Fernando Pessoa. Odes de Ricardo Reis*, Lisboa, Edições Ática.

Montalvor, Luiz de (1997), *Obras completas de Fernando Pessoa. Poemas de Alberto Caeiro*, Lisboa, Edições Áticas.

Morgado, José Carlos (2004), *Manuais escolares. Contributos para uma análise*, Porto, Porto Editora.

Pacheco, José Augusto (1990), *Planificação didáctica: uma abordagem prática*. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Pessoa, Fernando (1966), *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Edições Ática.

Quadros, António (2000), *Fernando Pessoa vida, personalidade e génio*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Sá-Carneiro, Mário de (1996), *Poesia de Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, Editorial Presença.

Sena, Jorge de (1946), *Páginas de doutrina estética*, Lisboa, Editorial Inquérito limitada.

Sena, Jorge de (2000), *Fernando Pessoa & C^a heterónima*, Lisboa, Edições 70.

Torga, Miguel (1999), *Diário*, vols. I a IV, Alfragide, Publicações Dom Quixote, p:21.

Zenith, Richard (2007), *Prosa íntima e de autoconhecimento*, trad. de Manuela Rocha, Lisboa, Assírio & Alvim.

Manuais Escolares

Cardoso, Ana Maria; Fonseca, Célia; Peixoto, Maria José; Oliveira, Vítor (2011), *Das palavras aos actos*, Porto, Edições ASA.

Ferreira, Idalina; Silvano, Purificação; Valente Rodrigues, Sónia (2012), *Português + 12*, Porto, Areal.

Martins, Filomena; Moura, Graça (2012), *Página seguinte*, Lisboa, Textos Editores.

Pinto Costa, Elisa; Fonseca, Paula; Saraiva Baptista, Vera (2012), *Plural 12*, Lisboa, Raiz Editora.

Silva, Pedro; Cardoso, Elsa; Moreira, Maria Céu; Rente, Sofia (2012), *Expressões 12*, Porto, Porto Editora.

Programas

Programa de Português Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos, disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/portugues_10_11_12.pdf, acedido a 7 de julho de 2015.

Programa do Ensino Básico, disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/programa_portugues_homologado.pdf, acedido a 15 de julho de 2015.

Programas e Metas Curriculares de Português - Ensino Secundário, disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/programa_metas_curriculares_portugues_secundario.pdf, acedido a 6 de julho de 2015.

Webgrafia

Decreto-Lei nº5/2004, disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ManuaisEscolares/2014_decretolei_5.pdf, acedido a 15 de julho.

Despacho n.º 868-B/2014, disponível em <https://dre.pt/application/dir/pdf2sdip/2014/01/013000002/0000400004.pdf>, acedido a 15 de julho de 2015.

Diário da República, 1ª série - N.º 165 - 28 de agosto de 2006, disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ManuaisEscolares/2006_lei_47.pdf, acedido a 7 de julho de 2015.

Direção geral da educação, disponível em <http://www.dge.mec.pt/>, acedido a 13 de julho de 2015.

Escola Secundária Campos Melo, disponível em <http://www.camposmelo.pt/index.php/a-escm/54-a-escola/61-historia>, acedido a 26 de junho de 2015.

Anexos

Anexo 1

Unidade 1

OUVIR/FALAR LER ESCRIVER

A leitura atenta da carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro (páginas 67-70), uma tentativa de explicação da génese heteronímica, permite chegar a algumas conclusões que poderá registar no esquema que se segue.

Fenómenos que estão na sua origem

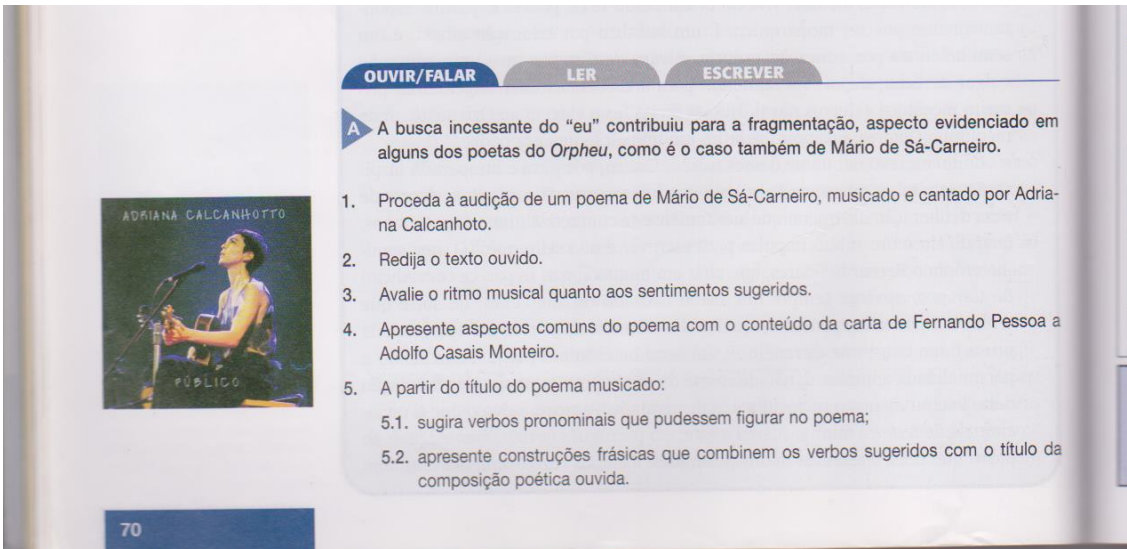
despersonalização

Março de 1914

Alberto Caeiro	Ricardo Reis	Álvaro de Campos
Nascimento	Nascimento	Nascimento
Ano: 1889 Local: Lisboa	Ano: Local:	Ano: Local:
Profissão	Profissão	Profissão
Não teve		
Características físicas	Características físicas	Características físicas
Estatura média Fraco Louro Olhos azuis		
Educação	Educação	Educação
Instrução primária		
Relação com a escrita	Relação com a escrita	Relação com a escrita
Escreve mal o português		
Obra	Obra	Obra
Poemas: "O Guardador de Rebanhos"		
Surge "por pura e inesperada inspiração".		

71

Anexo 2



OUVIR/FALAR **LER** **ESCREVER**

A A busca incessante do “eu” contribuiu para a fragmentação, aspecto evidenciado em alguns dos poetas do *Orpheu*, como é o caso também de Mário de Sá-Carneiro.

1. Proceda à audição de um poema de Mário de Sá-Carneiro, musicado e cantado por Adriana Calcanhoto.
2. Redija o texto ouvido.
3. Avalie o ritmo musical quanto aos sentimentos sugeridos.
4. Apresente aspectos comuns do poema com o conteúdo da carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.
5. A partir do título do poema musicado:
 - 5.1. sugira verbos pronominais que pudessem figurar no poema;
 - 5.2. apresente construções frásicas que combinem os verbos sugeridos com o título da composição poética ouvida.

70

Manual das *Palavras aos actos*, página 70.

Anexo 3

OUVIR/FALAR

LER

ESCREVER

Unidade 1

A título exemplificativo da segunda fase poética de Alvaro de Campos, a futurista-sensacionista, apresentam-se três excertos da *Ode Triunfal*, retirados da obra *Poesia*⁽¹⁾.

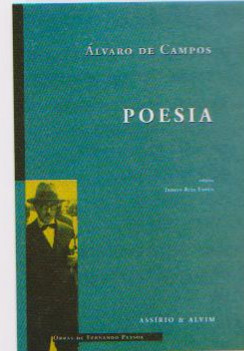
ODE TRIUNFAL

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.


- 5 Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
- 10 Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
- 15 Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas
- 20 Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
- 25 Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
30 Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!
(...)

- Fraternidade com todas as dinâmicas!
35 Promíscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrénuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
40 Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!
(...)



Compilação dos poemas assinados por A. Campos, esse heterónimo engenheiro que, no final de um percurso, se diz "cana ardida" de um foguete.

 TÓPICOS DE LEITURA

Orientar a leitura para:

- marcas de modernismo, sensacionismo e futurismo;
- concepção de beleza defendida;
- estado de espírito do sujeito lírico;
- identificação do sujeito com as máquinas, os tempos, as pessoas e os espaços;
- categorias morfológicas recorrentes;
- tipologia de frase ao serviço da emotividade do "eu";
- excesso do canto presente em vários recursos estilísticos;
- análise a nível fónico;
- relação da irregularidade métrica e estrófica com as intenções do sujeito lírico;
- relação título-poema.

Nota:

(1) Lisboa, Assírio & Alvim, 2001.

ESCRITA

Num texto expositivo-argumentativo de oitenta a cento e trinta palavras, e com base na tua experiência de leitura da obra de Alberto Caeiro, mostra a importância que a Natureza tem na sua poesia.

ORALIDADE

1. Vais escutar uma crónica radiofónica de Fernando Alves, do programa *Sinais* da TSF, emitida no dia 17 de junho de 2011. Antes da primeira audição, recorda qual era a situação política em Portugal nesta data.
2. Escuta atentamente a crónica. Nesta primeira audição, regista no teu caderno a pergunta colocada por Laurie Anderson ao seu entrevistador.
3. Lê as afirmações seguintes antes de ouvires a crónica pela segunda vez. Durante a audição, refere se as afirmações são verdadeiras ou falsas e corrige as falsas.
 - a) O tema da crónica é motivado por uma questão levantada por Laurie Anderson durante uma entrevista.
 - b) Na reflexão que faz, Laurie estabelece um paralelismo entre a influência da arte na mudança do mundo e a da ciência.
 - c) Fernando Alves muda o tema da crónica referindo um colóquio em que os participantes foram convidados a refletir sobre a relação humana com a poesia.
 - d) O poeta granadino defende que em altura de crise a poesia pode ser mais benéfica do que a economia subscrevendo a opinião de Laurie Anderson.
 - e) Fernando Alves reflete sobre a opinião de Laurie Anderson e de Luis Garcia Montero enquanto lê sobre a atualidade política.
 - f) A opinião do cronista sobre o que pode exercer mais influência na mudança do mundo aproxima-se mais da de Laurie Anderson.
 - g) Para Fernando Alves, é indiferente o apreço dos ministros pela poesia.
4. Refere o motivo pelo qual Fernando Alves diz que gostava que os diferentes ministros «por causa da poesia sentissem com muita frequência a vista cansada».
5. Reflete um pouco sobre esta crónica e apresenta à turma o teu ponto de vista sobre o papel que a poesia pode, ou não, ter no desenvolvimento de um mundo melhor. Fundamenta a tua opinião em argumentos e exemplos válidos, numa exposição oral de cinco minutos.

ESCRITA

Tópicos:

- A Natureza como elemento nuclear na poesia de Caeiro («porque amo (a Natureza)»).
- Poeta como pastor para estar em contacto permanente com a Natureza, para a poder sentir num deambulismo que lhe permite absorver através dos sentidos tudo o que é natural e ser feliz.
- Relação íntima, objetiva e sensorial com a Natureza («ser o rebanho espalhado por toda a encosta / A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo»).

ORALIDADE

Emissão do dia 17 de junho de 2011 do programa *Sinais* da TSF. Disponível nos recursos educativos digitais deste manual escolar.

1. Nesta data, as eleições legislativas já tinham tido lugar e o vencedor das eleições estava a formar governo.
2. A questão colocada é "Pode a arte mudar o mundo?".
3. a) Verdadeira
b) Falsa. Na reflexão que faz, Laurie estabelece um paralelismo entre a influência da arte na mudança do mundo e a da política.
c) Falsa. Fernando Alves desenvolve o tema da crónica referindo um colóquio em que os participantes foram convidados a refletir sobre a relação humana com a poesia.
d) Falsa. O poeta granadino defende que em altura de crise a poesia pode ser mais benéfica do que a economia discordando da opinião de Laurie Anderson.
e) Verdadeira
f) Verdadeira
g) Falso. Para Fernando Alves, seria reconfortante que os diferentes ministros gostassem de poesia.
4. Fernando Alves exprime este desejo porque, de acordo com a análise de Luis Garcia Montero, isso significaria que há vontade de continuar a olhar e de olhar para diante. Essa vontade, no desejo de Fernando Alves, seria motivada pela poesia.
5. Resposta pessoal. Esta atividade pode constituir um momento de avaliação formal da competência da oralidade.

APROFUNDAR

PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

1. Características da poesia de Alberto Caeiro:

a) a variedade da natureza (flores, campos, águas, sol, etc.)

Elementos da natureza presentes no Texto 9 («I – Eu nunca guardei rebanhos.»):

«o vento e o sol» (v. 4), «pôr do Sol» (v. 9), «planície» (v. 11), «a noite» (v. 12), «uma borboleta» (v. 13), «flores» (v. 18), «cordeirinho» (v. 32), «rebanho» (v. 33), «encosta» (v. 34), «uma nuvem» (v. 37), «erva» (v. 48), «caminhos» (v. 40), «atalhos» (v. 40), «cajado» (v. 42), «outeiro» (v. 44), «chuva» (v. 54), «árvore» (v. 61).

Elementos da natureza presentes no Texto 10 («II – O meu olhar é nítido como um girassol.»):

«um girassol» (v. 1), «estradas» (v. 2), «malmequer» (v. 13).

Elementos da natureza presentes no Texto 11 («XIV – Não me importo com as rimas. Raras vezes.»):

«árvores» (v. 2), «flores» (v. 3), «a água» (v. 9), «o vento» (v. 10).

Elementos da natureza presentes no Texto 12 («XXXVI – E há poetas que são artistas.»):

«florir» (v. 4), «flores» (v. 10), «Estações» (v. 16), «o vento» (v. 17).

b) a aceitação serena, agradável, calma, do mundo como ele é:

– «Toda a paz da Natureza sem gente / Vem sentar-se a meu lado.» (I – Eu nunca guardei rebanhos.; texto 9, vv. 7-8);

– «Mas a minha tristeza é sossego / Porque é natural e justa / E é o que deve estar na alma» (I – Eu nunca guardei rebanhos.; texto 9, vv. 14-16);

– «Os meus pensamentos são contentes.» (I – Eu nunca guardei rebanhos.; texto 9, v. 21);

– «Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do Mundo...» (II – O meu olhar é nítido como um girassol.; texto 10, vv. 11-12);

– «E olho para as flores e sorrio...»

– (XXXVI – E há poetas que são artistas; texto 12, v. 10);

– «Mas sei que a verdade está nelas e em mim / E na nossa comum divindade» (XXXVII – E há poetas que são artistas; texto 12, vv. 13-14);

c) a presença constante das

REFLEXÃO SOBRE O LITERÁRIO

- Seguindo Jacinto do Prado Coelho, em *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, podemos afirmar que, na poesia de Alberto Caeiro, predominam as seguintes características:
 - a variedade da natureza (flores, campos, águas, sol, etc.);
 - a aceitação serena, agradável, calma do mundo como ele é;
 - a presença constante das impressões visuais;
 - a captação do real objetivo, sobretudo pela via do olhar/ver/contemplar.
- Cita os versos dos poemas estudados que comprovam a presença destas marcas na poesia de Alberto Caeiro.
- Elabora a síntese dos dois textos a seguir apresentados.

Texto A

O método de Caeiro para tomar o partido das coisas consiste em colocar-se perante elas, sem nada que se interponha entre elas e o seu olhar «azul como o céu», cuja perfeita transparência aceita, como um dado fundamental opacidade. As coisas não têm dentro, elas resumem-se à sua aparência. O poeta também não tem interior, ele resume-se ao seu olhar. Vê um mundo diáfano¹, sem sombras, sem obstáculos, sem falhas (...).

Assim posta em contacto imediato com as coisas na sua pura imanência², a consciência do poeta só pode aceitá-las como são. O ser é o único valor possível. Tudo o que existe só pode ser bom. Este sim dito à criação é a única felicidade; a harmonia com o mundo traz a paz interior.(...)

Chegar a esta visão depurada³ das coisas, despojada⁴ de toda a subjetividade, de toda a ilusão lírica, de todo o pensamento (...), é claro que não se consegue sem esforço. Supõe uma formação, uma ascese⁵.

«Isso exige um estudo profundo,

Uma aprendizagem de desaprender...» (Alberto Caeiro)

O *Guardador de Rebanhos*, defesa e ilustração desta nova via para atingir o real, é antes de mais o manual dessa aprendizagem (...).

Robert Bréchon, *Estranho estrangeiro. Uma biografia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Livros Quetzal, 1996, pp. 227 – 228.

VOCABULÁRIO

¹ diáfano: quase transparente, claro, fino, delicado, translúcido.

² imanência: característica do que está contido na natureza de um ser.

³ depurada: purificada, limpa.

⁴ despojada: despida de, livre de.

⁵ ascese: percurso de autodisciplina e de austeridade, de autocontrolo.

Texto B

O verdadeiro Caieiro define-se por íntimas tensões, por uma ascensão da ingenuidade como limite distante; é um civilizado que procura libertar-se da carga, tornada insuportável, dos produtos de uma razão milenária; representa-nos; tenta, como nós, fazer a lavagem ao cérebro tornada necessária: «O essencial é saber ver, / Saber ver sem estar a pensar [...] Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!) / Isso exige um estudo profundo, / Uma aprendizagem de desaprender...».

Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Vero, 1985, p. 31.

3. Relê os versos a seguir transcritos.
- «Só tenho pena de saber que eles [os meus pensamentos] são contentes / Porque, se o não soubesse, / Em vez de serem contentes e tristes, / Seriam alegres e contentes.» (Texto 9, «I – Eu nunca guardei rebanhos», v. 26);
 - «Pensar incomoda como andar à chuva» (Texto 9, «I – Eu nunca guardei rebanhos», vv. 22-25);
 - «Creio no Mundo como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele / Porque pensar é não compreender...» (Texto 10, «II – O meu olhar é nítido como um girassol», vv. 13-15);
 - «O Mundo não se fez para pensarmos nele / (Pensar é estar doente dos olhos) / Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...» (Texto 10, «II – O meu olhar é nítido como um girassol», vv. 16-18);
 - «Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...» (Texto 10, «II – O meu olhar é nítido como um girassol», v. 19);
 - «Amar é a eterna inocência, / E a única inocência é não pensar...» (Texto 10, «II – O meu olhar é nítido como um girassol», vv. 24-25).
- 3.1. Associa a cada verso uma das características da poesia de Alberto Caieiro a seguir indicadas.
- O pensar como fonte de sofrimento e de infelicidade.
 - A dicotomia pensar / sentir (ver).
 - A existência primordial do real captado pelo olhar.
 - A consciência da felicidade como motivo de infelicidade.
 - O modo como o poeta se vê.
- 3.2. Repara nas seguintes formulações: «Pensar incomoda como andar à chuva», «pensar é não compreender», «Pensar é estar doente dos olhos».
- Relaciona estas afirmações de Alberto Caieiro com a dicotomia pensar/sentir.

– «[Minha alma] (...) e anda pela mão das Estações / A seguir e a **olhar**.» (I – Eu nunca guardei rebanhos,»; texto 9, vv. 5-6);

– «E **vejo** um recorte de mim / No cimo dum outeiro;» (I – Eu nunca guardei rebanhos,»; texto 9, vv. 43-44);

– «**Olhando** para o meu rebanho e vendo as minhas ideias, / Ou **olhando** para as minhas ideias e **vendo** o meu rebanho,» (I – Eu nunca guardei rebanhos,»; texto 9, vv. 45-46);

– «**O meu olhar** é nítido como um girassol.» (II – O meu olhar é nítido como um girassol,»; texto 10, v. 1);

– «**Olhando** para a direita e para a esquerda,» (II – O meu olhar é nítido como um girassol,»; texto 10, v. 3);

– «E de vez em quando **olhando** para trás...» (II – O meu olhar é nítido como um girassol,»; texto 10, v. 4);

– «e o que **vejo** a cada momento» (II – O meu olhar é nítido como um girassol,»; texto 10, v. 5);

– «**Creio no Mundo como num malmequer, / Porque o vejo.**» (II – O meu olhar é nítido como um girassol,»; texto 10, vv. 13-14);

– «**Olho** e como-me» (XIV – Não me importo com as rimas. Raras vezes»; texto 11, v. 8);

d) **a captação do real objetivo, sobretudo pela via do olhar/ver/contemplar** (podem ser referidos os versos indicados na alínea c)).

2. Proposta

Robert Bréchon e Jacinto do Prado Coelho destacam como eixo essencial na poesia de Alberto Caieiro a captação do real, tal como ele é, por via do olhar, ocupando a visão ou o ver um lugar central nos seus poemas. Entre a realidade e quem vê nenhum pensamento, nenhum conhecimento, nenhuma ideia se interpõe, porque «Pensar incomoda como andar à chuva.» Ambos referem ainda que a mensagem de olhar translúcido e objetivo da realidade exige uma autodisciplina, uma aprendizagem para esquecer as teorias e conhecimentos adquiridos. Esse percurso para se conseguir ver a realidade, tal como ela é, é

66

FERNANDO PESSOA E O PROCESSO HETERONÍMICO

PRÉ-LEITURA

1. Considera o título da crónica de José Eduardo Aqualusa.

1.1. Avança o possível significado da palavra "heterónimos", partindo dos elementos que a compõem.

Heterónimos mais do que perfeitos

Amina Abdallah Araf al Omari, jovem síria [...] e feminista, tornou-se famosa ao criar um blogue sobre o movimento de democratização no seu país. A consternação foi geral quando, há poucos dias, um norte-americano de 40 anos, radicado em Edimburgo, Tom MacMaster, veio a público confessar ser ele o autor do blogue.

Yasmina Khadra parece-me um caso mais interessante. A escritora irrompeu na cena literária francesa em 1997, entre batiques e fogo de artifício, sendo apresentada como a mais autêntica e revolucionária voz feminina do mundo árabe. Não demorou muito a saber-se que Yasmina era, afinal, um militar argelino chamado Mohammed Moulessehoul. A revelação não prejudicou a carreira literária de Yasmina, a qual assinou entretanto mais de 20 títulos, vendendo muitas centenas de milhares de exemplares. O sucesso de Yasmina permitiu a Moulessehoul abandonar o exército argelino, em 1999, exilando-se em França.

Ao ler a história de Amina lembrei-me também de Bezy Bailey. Entrevistei-o na Cidade do Cabo, há alguns anos, pouco depois do imenso escândalo, perplexidade e pavor, que provocou no meio artístico ao assumir ser ele Joyce Ntobe. Ou melhor, ao assumir que Joyce Ntobe



acontecia (acontece) através dele. Bezy nasceu em Joanesburgo, em 1962, numa família endinheirada de origem inglesa. Cansado de ver a sua obra rejeitada em eventos artísticos, Bezy criou um heterónimo, Joyce Ntobe, empregada doméstica, negra, com certo gosto pelo desenho. Ntobe cometeu por produzir uma série de serigrafias caracterizadas por uma clara "identidade africana", seja lá o que isso for, as quais imediatamente entusiasmaram galeristas e críticos de arte.

Ao contrário do que aconteceu com Khadra, a carreira de Ntobe foi prejudicada pela revelação da sua natureza enquanto heterónimo, o heterónimo de um artista branco, rico, de origem inglesa. Todavia não morreu. Ntobe continua viva, a produzir, e a expor, mesmo não conseguindo que a sua obra seja adquirida por museus, ao abrigo da legislação de ação afirmativa, cujo objetivo é o apoio e a promoção de artistas negros.

Ntobe enquanto encenação e denúncia funciona muito bem, expondo de forma cruel e divertida as contradições do meio artístico. Nos confusos tempos que correm, uma determinada "obra de arte" não vale tanto pela arte que nela eventualmente exista, quanto pela cor dos olhos de quem a produziu.

GUÍA DO PROFESSOR

PRÉ-LEITURA

1.1. A palavra, sendo um composto morfológico, resulta da junção dos elementos gregos *heteros* ("outro" ou "diferente") e *onyma* ("nome"). Assim, numa interpretação etimológica da palavra, "heterónimos" serão outros nomes.

2.1. a. São figuras femininas criadas por homens.


b. Todas começaram por despartir o interesse de comunidades ligadas às suas áreas de atuação: Amina Omari "tornou-se famosa ao criar um blogue sobre o

1 Outro(s) eu

67

O trabalho de um escritor implica quase sempre um exercício de alteridade. Ao criar enquanto Yasmina, Mohamed tem de ser Yasmina. É Yasmina! Bezy Bailey, por outro lado, soube transformar-se de forma muito convincente numa mulher negra. Tal esforço parece-me mais meritório do que o exercício de ser apenas, na nova África do Sul, libertada do *apartheid*¹, mais uma mulher negra. Não vejo motivo para que as instituições sul-africanas se recusem a apoiar e a promover Joyce Ntobe ao abrigo da legislação de ação afirmativa.

A argelina Yasmina Khadra continua a ser a mais autêntica e revolucionária voz feminina do mundo árabe. Sim, manifesta-se através de um homem [...]. Algo que os leitores franceses de Yasmina compreenderam bem, e por isso continuam a lê-la. Foi Mohamed quem criou Yasmina, mas Yasmina vem recriando Mohamed. Fê-lo abandonando o exército e a Argélia, fê-lo cidadão francês, próspero e respeitado. Ofereceu-lhe uma outra vida.



Joyce Ntobe usa as mãos de um cidadão sul-africano chamado Bezy Bailey, da mesma maneira que o artista Bezy Bailey aluga as mãos de um cidadão sul-africano, rico, de origem inglesa, chamado Bezy Bailey. Na verdade, atendendo ao sucesso de Joyce Ntobe, talvez o cidadão Bezy Bailey devesse transformar-se inteiramente nela.

AGUALUSA, José Eduardo, "Heterónimos mais do que perfeitos", in *Ler*, n.º 104, julho-agosto de 2011

1. política sul-africana, em vigor de 1950 a 1991, que se baseava na separação territorial das raças negra, mestiça e branca, e em que a minoria branca tinha uma situação económica, política, social e educativa privilegiada.

2. Ao longo do texto, o cronista descreve e relaciona as histórias de Amina Abdallah Araf al Omari, Yasmina Khadra e Joyce Ntobe.

2.1. Sobre as três protagonistas, refere:

- o que possuem em comum.
- as reações contraditórias provocadas pela sua existência.
- a sua dimensão metafórica.
- a importância que assumiram na vida dos seus criadores.

3. Partindo dos exemplos concretos apresentados na crónica, completa a definição de "heterónimo" que iniciaste na resposta à questão 1.1. da página anterior.

3.1. Compara-a com a apresentada por Pessoa, no primeiro parágrafo do texto que se segue.

GUÍA DO PROFESSOR

movimento de democratização no seu país (II, 3-5); Yasmina Khadra iniciou a sua carreira literária "entre batiques e fogo de artifício, sendo apresentada como a mais autêntica e revolucionária voz feminina do mundo árabe" (II, 14-17); Joyce Ntobe "começou por produzir uma série de serigrafias caracterizadas por uma clara "identidade africana". [...] as quais imediatamente entusiasmaram galeristas e críticos de arte." (II, 44-45); A descoberta da sua natureza heteronímica causou grande espanto e, no caso de Joyce Ntobe, prejudicou a sua carreira artística ("A consternação foi geral", II, 6-7; "imenso escândalo, perplexidade e pavor, que provocou no meio artístico", II, 31-32; "Ao contrário do que aconteceu com Khadra, a carreira de Ntobe foi prejudicada pela revelação da sua natureza enquanto heterónimo", II, 50-53).

c. As três mulheres representam a liberdade libertação, assumindo-se como representantes revolucionárias de minorias (Amina é uma "jovem síria [...] e feminista", II, 2-3; Yasmina assume-se como "a mais autêntica e revolucionária voz feminina do mundo árabe"; II, 16-17; Joyce Ntobe é uma "empregada doméstica, negra", II, 42-43, vivendo na África do Sul pós-apartheid).

d. As mulheres heteronimicamente inventadas permitiram a todos os autores expressar ideais ou motivos artísticos, na sua voz e figuras masculinas, não teriam o mesmo impacto nem despartariam a mesma curiosidade, acarretando-lhes, assim, um reconhecimento público que de outro modo não alcançariam.

3. É já possível acrescentar a noção de alteridade física que os exemplos evidenciam: um heterónimo implica a criação de uma pessoa diferente da do autor. Essa diferença pode ocorrer no género, na nacionalidade, na orientação artística e na profissão, como acontece no caso das três figuras femininas apresentadas na crónica.

3.1. Fernando Pessoa define heterónimo como "uma individualidade completa fabricada por ele [autor], como seriam os filhos de qualquer parentagem de qualquer diáspora sua" (II, 4-6), afirmando, assim, a utilização de um nome diferente, mas também a criação de um corpo e de um carácter distintos dos seus.



Podem considerar-se ainda a seguinte definição de heterónimo: "Personalidade criada por um autor, com qualidades e tendências próprias, claramente distintas das do autor".

Anexo 6



2

Fernando Pessoa

para uma síntese

POETA	LINHAS DE SENTIDO > TEMAS RECORRENTES	ESTILO
<p>FERNANDO PESSOA Ortónimo</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Procura da decifração do enigma do ser. ▪ Fragmentação do eu. Perda de identidade. ▪ Pendor filosófico. ▪ Obsessão da análise, dor de pensar, lucidez. ▪ Fuga da realidade para o sonho. ▪ Incapacidade de viver a vida. ▪ Inquietação, angústia existencial, solidão interior, melancolia, resignação. ▪ Tédio, náusea, desencontro com os outros, desamparo. ▪ Nostalgia do bem perdido, do mundo fantástico da infância. ▪ Fingimento poético: transfiguração da emoção pela razão. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Preferência pela métrica curta. ▪ Uso da rima. ▪ Gosto pelo popular (uso frequente da quadra). ▪ Influência do lirismo lusitano (reminiscências de cantigas de embalar, toadas do romanceiro, contos de fadas). ▪ Linguagem simples, espontânea, mas sóbria. ▪ Criação de metáforas inesperadas; uso frequente do oxímoro (paradoxo). ▪ Versos leves em que recorre frequentemente à interrogação, à negação, às reticências.
<p>ALBERTO CAEIRO</p>  <p>Nasceu em Lisboa, em 16 de abril de 1889, e morreu de tuberculose, na mesma cidade, em 1915, no entanto, viveu quase toda a vida numa quinta no Ribatejo. Órfão de pai e mãe desde muito cedo, viveu de pequenos rendimentos, com uma tia-avó. Não teve profissão nem educação literária para além da 4.ª classe.</p> <p>De estatura média, era louro e tinha olhos azuis.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ É o Mestre de Pessoa, com o qual o poeta quer aprender: <ul style="list-style-type: none"> – a viver sem dor; – a envelhecer sem angústia; a morrer sem desespero; – a não procurar encontrar sentido para a vida; – a sentir sem pensar; – a ser um ser uno (não fragmentado). ▪ Criador do Sensacionismo, vive de sensações, sobretudo visuais, afirmando que é preciso “saber ver sem estar a pensar”, sem tentar “encontrar um sentido às coisas”, porque “as coisas não têm significação: têm existência”. ▪ Recusa a introspeção e a subjetividade, liga-se ao mundo exterior com passividade e alegria. É o poeta do real objetivo. ▪ Identifica-se com a Natureza, vive segundo o seu ritmo, deseja nela diluir-se, integrando-se nas leis do Universo, como se fosse um rio ou uma árvore. ▪ Vive no presente. Não quer saber do passado nem do futuro. ▪ Lírico, instintivo, ingénuo. ▪ Defende a existência antes do pensamento; o corpo antes do espírito. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estilo discursivo. ▪ Pendor argumentativo. ▪ Transformação do abstrato no concreto, frequentemente através da comparação. ▪ Predomínio do nome sobre o adjetivo. ▪ Sintaxe simples, com recurso reiterado às conexões de adição, oposição, causa, tempo, comparação. ▪ Simplicidade da linguagem. Tom familiar. ▪ Liberdade estrófica e do verso, ausência de rima.

para uma síntese

POETA	LINHAS DE SENTIDO > TEMAS RECORRENTES	ESTILO
<p>ÁLVARO DE CAMPOS</p>  <p>Nasceu em Tavira, em 15 de outubro de 1890.</p> <p>Fez o liceu em Portugal e o curso de Engenharia Naval em Glasgow, na Escócia. Viajou pelo Oriente, regressou a Portugal, viveu depois uns anos entre Londres e Lisboa, acabando por se fixar na capital portuguesa.</p> <p>Alto, magro e “com tendência a curvar-se”, tinha o cabelo preto e usava monóculo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Poeta modernista, a sua poesia tem três fases decadentista, futurista e pessoal-intimista. ■ Poeta sensacionista desde que conheceu Caeiro, como o Mestre, vira-se para o exterior, tenta banir o vício de pensar e acolhe todas as sensações. ■ Predomínio da emoção espontânea e torrencial. ■ Excitação da procura, da busca incessante; ansiedade e confusão emocional. ■ Elogio da civilização industrial, moderna, da velocidade e das máquinas, da energia e da força, do progresso. ■ Fuga para a recordação e/ou sonho que tendem a substituir a vida real. ■ Angústia existencial; sentido do absurdo; tédio, náusea, cansaço, desencontro com os outros. ■ Presença terrível e labiríntica do Eu de que o poeta se tenta libertar. ■ Fragmentação do Eu, perda de identidade. ■ Ceticismo e ironia. 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Verso livre, longo, por vezes articulado com o verso curto. ■ Estilo esfuziante, torrencial, dinâmico (sobretudo nos poemas futuristas). ■ Utilização de repetições, anáforas, onomatopeias, exclamações, interjeições. ■ Utilização de comparações e metáforas inesperadas, antíteses e paradoxos. ■ Poetização do prosaico, do comum e quotidiano.
<p>RICARDO REIS</p>  <p>Nasceu no Porto, em 19 de setembro 1887.</p> <p>Estudou num colégio jesuíta e formou-se em Medicina.</p> <p>Por ser monárquico, partiu para o Brasil em 1919, na sequência da derrota da rebelião monárquica do Porto. Era moreno, mais baixo e mais forte que Caeiro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ Discípulo de Caeiro, como o Mestre aconselha a aceitação calma da ordem das coisas e faz o elogio da vida campestre, indiferente ao social (<i>aurea mediocritas</i>). ■ Faz dos Gregos o modelo da sabedoria (aceitação fatalista do destino de uma forma resignada, mas digna e ativa) e do poeta latino Horácio o modelo poético. ■ Reflete sobre o fluir do tempo; tem consciência da dor provocada pela natureza precária do homem; manifesta medo da velhice e da morte. ■ Faz o elogio do epicurismo – a sabedoria consiste em gozar o presente (<i>carpe diem</i>). ■ Faz o elogio do estoicismo – a sabedoria consiste na aceitação da condição humana, através da disciplina e da razão. ■ Paganismo assumido. 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Estilo neoclássico, com utilização preferencial da ode (composição de origem grega), particularmente influenciado pelo poeta latino Horácio. ■ Presença frequente de elementos mitológicos. ■ Uso preferencial do decassílabo combinado com o hexassílabo; verso branco. ■ Linguagem culta, rebuscada, sentenciosa (uso recorrente do imperativo). ■ Frequente utilização do hipérbato e de latinismos.

Anexo 7

Fernando Pessoa Heterónimos

FICHA DE CONTROLO

1. Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmações:

- Lídia era a apaixonada de Ricardo Reis.
- Ricardo Reis é um poeta disciplinado.
- Defende uma vida em «ataraxia e em «apatia».
- Acredita que os deuses exercem controlo sobre o Destino.
- O poeta concilia as filosofias epicurista e estoica.
- A poesia deste heterónimo é de influência horaciana.
- A sua profissão está patente nos seus versos.
- Nos seus poemas, Reis usa o verso de métrica livre.

2. Corrige as afirmações falsas.

3. Estabelece a correspondência correta entre a coluna A e a coluna B.

Coluna A	Coluna B
1. Epicurismo	a) «Breve dia, breve ano, breve tudo / Não tarda nada sermos.»
2. Estoicismo	b) «Lídia, a vida mais vil antes que a morte / Que desconheço quero»
3. Fugacidade do tempo – brevidade da vida	c) «Colhe / o dia, porque és ele.»
4. Consciência da efemeridade da vida	d) «pagãos inocentes da decadência»
5. Nihilismo	e) «Assim façamos da nossa vida um dia / Inscientes, Lídia, voluntariamente»
6. Rejeição da morte (que desconhece)	f) «Hoje, Destino sempre, e nesta ou nessa / Forma alheio e invencível» «Nada, Lídia, devemos ao Fado, senão tê-lo»
7. Outono = passagem do tempo Inverno = o sono, a morte	g) «Põe quanto és / No mínimo que fazes / Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos, / se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias, / Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro»
8. Dor da morte sempre iminente	h) «Pesa-me a lei inimplorável, dói-me / A hora invita, o tempo que não cessa»
9. Desprendimento dos bens terrenos	i) «Porque só na ilusão da liberdade / A liberdade existe»
10. Valorização do presente	j) «Abdica e sê / Rei de ti mesmo.»
11. <i>Carpe diem</i>	k) «Pouco me importa / Amor ou glória / A riqueza é um metal, a glória é um eco / E o amor uma sombra»
12. <i>Carpe diem</i> / Aprendizagem voluntária de inocência	l) «Como acima dos deuses o Destino / É calmo e inexorável»
13. Paganismo	m) «No ciclo eterno das mudáveis coisas / Novo inverno após novo outono volve»
14. Aceitação do Destino (Fado)	n) «Este é o dia, / esta é a hora, este o momento, isto / É quem somos, e é tudo»
15. O Homem sujeito ao Fado (Destino) não tem liberdade	o) «Nada somos que valha»
16. Também os deuses estão sujeitos ao Destino	p) «Nada nos falta porque nada somos»

PROFESSOR
Ficha de controlo

1.
a) F
b) V
c) V
d) F
e) V
f) V
g) F
h) F

2.
a) Lídia era uma mulher imaginária.
d) Acredita que o destino exerce controlo sobre os deuses.
g) A sua profissão não está patente nos seus versos.
h) Nos seus poemas Reis alterna o decassílabo com o hexassílabo.

3.
1. g)
2. j)
3. a)
4. o)
5. p)
6. b)
7. m)
8. h)
9. k)
10. n)
11. c)
12. e)
13. d)
14. f)
15. i)
16. l)

81

Anexo 8



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES

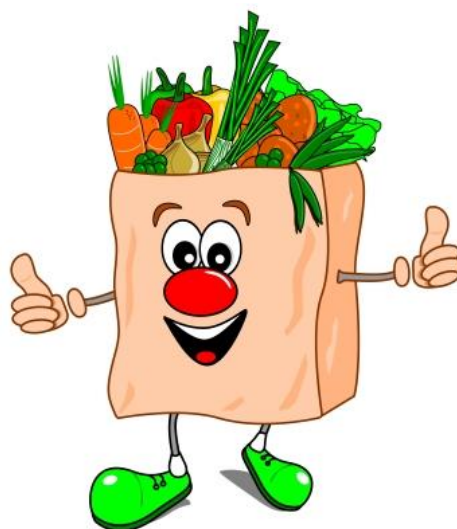


Escola Secundária
Campos Melo

2014/2015

Fecha: 27 de abril de 2015	Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo
Español nivel I: 7ºA.	Profesora en prácticas: Elsa Gonçalves

Clase observada de Español



- Unidad 9 -

Vamos de compras

Objetivos	Contenidos				Actividades/ metodologías	Tiempo	Materiales	Evaluación
	Funcionales	Lexicales	Gramaticales	Culturales				
<p>Movilizar conocimientos previos;</p> <p>Identificar tiendas y productos;</p> <p>Interaccionar en contexto cerca del real</p> <p>Producir frases simples por escrito e oralmente.</p>	Pedir/ contestar en una tienda.	<p>Lojas / productos <i>carnicería, pescadería, tienda de ultramarinos, frutería, supermercado, zapatería, tienda de moda, quiosco, farmacia... - carne, pescado, fruta,</i></p> <p>Falsos amigos.</p> <p>Medidas de los alimentos.</p>	Numerales	La tortilla y el gazpacho.	Escritura del sumario y pasar lista;	5 min	Rotulador;	Expresión oral;
	Preguntar/ decir el precio.				Ver y analizar una imagen;	5 min	Ordenador	Comprensión escrita;
					Resolución del ejercicio 1 de la pág. 110;	5 min	Libro de texto;	Comprensión oral;
					Power Point sobre productos y cantidades (repaso);	20 min	Ficha de trabajo;	Expresión escrita;
					Escritura de una lista de compras;	15 min	Lista de alumnos;	Participación;
					Actividad final: ir al mercado.	25 min	Power Point;	Motivación;
						Tarjetas;	Comportamiento;	
							Puntualidad;	
							Empeño en las actividades/ ejercicios.	

Plan de clase

Unidad 9 - Vamos de compras

Curso: 2014/2015

Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo

Profesora en prácticas: Elsa Gonçalves

Aula: 27

Horario: 08:25 - 09:55

Grupo: 7ªA (25 alumnos)

Clase nº :

Sumario:

- Análisis de una imagen;
- Resolución del ejercicio 1 de la página 110 del libro de texto;
- Actividad 1: ¿Dónde voy a comprar estos productos?
- Repaso de las cantidades;
- Escritura de una lista de compras;
- Actividad final: ir al mercado.

Desarrollo de la clase:

La clase empezará con el saludo a los alumnos. A continuación se pasará lista y se escribirá el sumario.

Para introducir la unidad, se proyecta una imagen (**Anexo 1 - p. 120**) y los alumnos tendrán que analizarla oralmente.

Descubierto el tema de la unidad se resuelve, a la vez, el ejercicio 1 (**Anexo 2 - p. 120**)

Estudiadas todas las tiendas, se realiza la actividad ¿Dónde voy a comprar estos productos? (**Anexo 3 - p. 121**) para repasar y aprender algún léxico. Además, esta actividad permitirá asociar los productos a las tiendas que le corresponden. A continuación, y como repaso, se hará un ejercicio de relacionar dibujos con cantidades (**Anexo 4 - p. 121**).

Ahora, se informa a los alumnos de que deben, en parejas, escribir una lista de compras en función del contexto que les ha tocado (**Anexo 5 - p. 121**)

- Fiesta de cumpleaños;
- Desayuno sorpresa para tu madre;

Duración

10 min

10 min

10 min

20 min

15 min

<ul style="list-style-type: none"> • Cena para amigos extranjeros: tortilla; (Anexo 6 - p. 122) • Comida para amigos extranjeros: gazpacho; (Anexo 7 - p. 122) • Pique-nique en familia. <p>Para que la actividad final (Anexo 8 - p. 122) se logre, la profesora escogerá cinco listas (una para cada situación) y atribuirá para cada alumno una función:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 6 alumnos serán cajeros; • 6 alumnos serán los dependientes de la frutería, pescadería; carnicería; panadería; pastelería y tienda de ultramarinos. • 10 alumnos serán los clientes. Para cada lista, saldrán dos alumnos al mercado. <p>Para concluir, la profesora informa la clase que llevan como deberes el ejercicio 3 de la página 111 del libro de texto (Anexo 9 - p. 123), y se despide de los alumnos pidiéndoles que salgan en silencio.</p>	<p>25 min</p> <p>TOTAL: 90 min</p>
---	------------------------------------

Anexo 1

Duración:	10 minutos
Descripción de la dinámica:	Toda la clase
Destreza:	---



Anexo 2

Duración:	10 minutos
Descripción de la dinámica:	Toda la clase
Destreza:	Comprensión escrita

Escribe los nombres de estas tiendas. Usa las palabras de la lista. Ahora actúa leales p. 54

pastelería
 panadería
 pescadería
 zapatería
 carnicería
 frutería
 tienda de electrónica
 quiosco
 tienda de moda

a. _____ d. _____ g. _____
 b. _____ e. _____ h. _____
 c. _____ f. _____ i. _____

110 Ciento diez

Corrección:

- a. Panadería;
- b. Frutería;
- c. Pastelería;
- d. Carnicería;
- e. Pescadería;
- f. Tienda de moda;
- g. Quiosco;
- h. Zapatería;
- i. Tienda de electrónica

¡Ahora Español 1!, pág. 110.

Anexo 3 y 4

Duración:	20 minutos
Descripción de la dinámica:	Individual
Destreza:	Expresión oral



Anexo 5

Duración:	15 minutos
Descripción de la dinámica:	Parejas
Destreza:	Expresión escrita



Anexo 6 y 7



Anexo 8

Duración:	25 minutos
Descripción de la dinámica:	En grupos.
Destreza:	Expresión oral y interacción

Material de los dependientes:

Ejemplo de tarjeta:



Demás tarjetas:

- + Frutería: Fresa, manzana, melocotón, piña, naranja, cereza, sandía, uvas;
- + Pescadería: Salmón, bacalao, gambas;
- + Carnicería: Jamón York, queso, muslo de pollo, jamón serrano, chorizo, pavo, salchichas.
- + Panadería: Pan de molde, barra de pan;
- + Tienda de ultramarinos: Patatas, huevos, pimiento rojo y verde, cebolla, sal, pimienta, tomate, ajo, vinagre, golosinas, mantequilla, agua, patatas fritas, leche, lata de atún, coca cola, yogures líquidos, cereales, zumo de naranja, bote de salchichas;

✚ Pastelería: Cruasán, tarta de chocolate.

Material de los dependientes y clientes:



Anexo 9

Deberes para casa

5 Observa las listas y di a qué tiendas va cada joven.

<p>a. Manolo</p> <ul style="list-style-type: none"> • pan • pasteles • carne • pescado • manzana 	<p>b. Juanita</p> <ul style="list-style-type: none"> • libro • zapatillas • camiseta • videojuego • galletas
--	--

¡Ahora Español 1!, pág. 111.

Anexo 9



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES



Escola Secundária
Campos Melo

2014/2015

Fecha: 30 de enero de 2015	Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo
Español nivel I: 10ºA, B, C, D	Profesora en prácticas: Elsa Gonçalves

Clase observada de Español



- Unidad 5 -

En familia

Objetivos	Contenidos				Actividades/ metodologías	Tiempo	Materiales	Evaluación
	Funcionales	Lexicales	Gramaticales	Culturales				
Identificar posesivos	Expresar posesión	-----	Perífrasis verbal <i>Estar + Gerundio</i>	<i>La promesa</i> , de Melendi;	Escritura del sumario	5 min	Bolígrafo;	Expresión oral;
Distinguir adjetivos posesivos átonos y tónicos	Expresar acciones que se están desarrollando		Los posesivos	El falso amigo: vaso/ copo (de nieve)	Corrección de los deberes	5 min	Ordenador: Power Point;	Comprensión escrita;
Utilizar correctamente la perífrasis verbal <i>Estar + Gerundio</i>					Análisis de imágenes con posesivos	10 min	Libro de texto	Comprensión oral;
Identificar y conjugar verbos irregulares en gerundio					Explotación de la canción <i>La promesa</i> , de Melendi	10 min	Libro de actividades	Participación;
					Resolución de ejercicios con posesivos	8 min		Motivación;
					Análisis de una imagen con la perífrasis	5 min	Enlace del video y de la canción.	Comportamiento;
					Explotación de un video	15 min		Puntualidad;
					Resolución de ejercicios con la perífrasis	12 min		Empeño en las actividades y ejercicios.
					Actividad de repaso de la Unidad: <i>Quien quiere ser millonario</i> .	20 min		

<p>Plan de clase</p> <p>Unidad 5 - En familia</p> <p>Curso: 2014/ 2015</p> <p>Profesora orientadora: Sandra Espírito Santo</p> <p>Profesora en prácticas: Elsa Gonçalves</p> <p>Aula: 25</p> <p>Horario: 08:25 - 09:55</p> <p style="text-align: right;">Grupos: 10º A, B, C, D (15 alumnos)</p>
--

Clase nº :	
<p>Sumario:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Corrección de los deberes • Análisis de imágenes con posesivos (continuación) • Explotación de la canción <i>La promesa</i> de Melendi • Análisis de una imagen con la perífrasis verbal <i>estar + gerundio</i> • Explotación de un vídeo con la perífrasis verbal <i>estar + gerundio</i> • Resolución de ejercicios • ¡Vamos a jugar al <i>Quien quiere ser millonario!</i> 	
<p>Desarrollo de la clase:</p> <p>La clase empezará con el saludo a los alumnos. A continuación se pasará lista y se proyectará el sumario.</p> <p>Después, se corrigen los deberes a la vez (Anexo 1 - pág. 128) en la pizarra y la profesora apunta quién los ha hecho.</p> <p>Después, mientras los alumnos analizan las imágenes (Anexo 2 - pág. 129) con los posesivos, la profesora dibuja en la pizarra una tabla con los posesivos ya estudiados. Siempre que se identifica un posesivo nuevo, será añadido a la tabla. Ya que las imágenes no enseñan todos los posesivos. Además del análisis de imágenes se explotará la canción <i>La promesa</i>, de Melendi. (Anexo 3 - pág. 130) Una vez más, los posesivos enseñados en la canción formarán parte de la tabla inicialmente dibujada en la pizarra.</p> <p>Para que los alumnos practiquen este contenido, se resolverán a la vez los ejercicios 2 (Anexo 4 - pág. 132) y 4 (Anexo 5 - pág. 133) de las páginas 78/ 79 del libro de texto.</p> <p>Para introducir la perífrasis verbal <i>estar + gerundio</i> se proyecta una imagen (Anexo 6 - pág. 133) y se pide al grupo una traducción de la frase “¿Estás pensando lo mismo que yo?” para que después se pueda enseñar cuándo se usa la perífrasis y cómo se construye. Pasado este momento teórico,</p>	<p>Duración:</p> <p>5 min</p> <p>5 min</p> <p>10 min</p> <p>10 min</p> <p>8 min</p> <p>5 min</p>

<p>los alumnos practicarán el contenido estudiado a través del visionado de un vídeo⁴. Con el visionado, los alumnos tendrán una ficha (Anexo 7 - pág. 134) dónde tendrán que escribir las acciones que los personajes del vídeo desarrollan. Al final, se ponen las respuestas en común y a través de la acción:</p>	15 min
<p><i>el chico está leyendo el periódico</i> - se introducen los verbos irregulares. Para que se estudien estos verbos, los alumnos resolverán los ejercicios 6 (Anexo 8 - pág. 136), 7 (Anexo 9 - pág. 137) y 8 (Anexo 10 - pág. 137) de la página 80 del libro de texto. Los ejercicios serán corregidos a continuación en la pizarra por un alumno.</p>	12 min
<p>Para concluir el estudio de la unidad, se realizará un juego parecido al <i>¿Quién quiere ser millonario?</i> (Anexo 11 - pág. 138) que servirá de repaso de los contenidos lexicales y gramaticales. Para que se logre, se dividirá la clase en dos grupos y se proyectarán unas diapositivas con preguntas o dibujos. El objetivo es muy sencillo. Los grupos tienen que contestar correctamente al pedido en las diapositivas cuando les toca contestar. Para cada respuesta correcta del grupo se gana un punto. Siempre que el grupo a quien le toca la pregunta se equivoca, el grupo B puede intentar adivinar la respuesta correcta. Si este obtiene la respuesta correcta, mientras este grupo saque un punto, el otro pierde uno. El grupo con más puntos al final del juego ganará un regalo simbólico que será, posiblemente, ofrecido en la clase siguiente.</p>	20 min
<p>La profesora se despide de los alumnos y pide que salgan.</p>	TOTAL: 90 min

⁴ <http://pt.pinterest.com/pin/366269382169661248/>


Anexo 1⁵

Duración:	5 minutos
Descripción de la dinámica:	----
Destreza:	----

1 Completa el texto con los posesivos adecuados y los artículos determinados cuando sea necesario.

a.

Carlota, voy a enseñarte 1. _____ casa para que puedas sentirte a gusto. Como ves, hay dos pisos. En la planta baja, está 2. _____ habitación preferida, el salón. Es donde yo y 3. _____ hermanos vemos 4. _____ películas favoritas y jugamos con 5. _____ videojuegos. Cerca de la ventana 6. _____ padre tiene 7. _____ sillón, pero está siempre lleno con 8. _____ libros. Aquí en el primer piso está este dormitorio donde vas a dormir. Hay un gran armario donde puedes ordenar 9. _____ cosas. ¿Te gusta 10. _____ dormitorio?



b.

Me llamo Carmen y voy a presentaros a 1. _____ familia, que es numerosa. Nuestra casa no es muy grande. Yo comparto habitación con 2. _____ hermanas mayores. Paco, 3. _____ hermano menor, comparte 4. _____ con 5. _____ hermanos gemelos. 6. _____ dormitorio no es muy grande, pero a Paco le encanta. El dormitorio de 7. _____ padres está en el primer piso y tiene un cuarto de baño independiente. También tenemos un cuarto de baño para nosotros y es más grande que 8. _____.

Y vosotros ¿también compartís 9. _____ dormitorios? ¿10. _____ familias también son numerosas?

Endirectoactividades, pág. 34

3 Observa la imagen y di dónde están los siguientes muebles u objetos.



a. la mesa _____

b. el sofá _____

c. la alfombra _____

d. la ventana _____

e. la televisión _____

f. la calefacción _____

g. la lámpara _____

Endirecto.com1, pág. 82

5

Ej.1

A. 1. Mi; 2. Mi; 3. Mis; 4. Nuestras; 5. Nuestros; 6. Mi; 7. Su; 8. Sus; 9. Tus; 10. Tu

B. 1. Mi; 2. Mis; 3. Mi; 4. La suya; 5. Nuestros; 6. Su; 7. Mis/ nuestros; 8. El suyo; 9. Vuestros; 10. Vuestras.

Ej 3.

- a. La mesa está sobre la alfombra
- b. El sofá está delante de la tele
- c. La alfombra está entre el sofá y la tele
- d. La ventana está detrás del sofá
- e. La televisión está delante de la mesa
- f. La chimenea está detrás de la mesa
- g. La lámpara está al lado del sofá

Anexo 2

Duración:	10 minutos
Descripción de la dinámica:	Toda la clase
Destreza:	Comprensión escrita



- <http://pt.pinterest.com/pin/456763587180664959/>
- <http://pt.pinterest.com/pin/515169644845414236/>
- <http://pt.pinterest.com/pin/493918284106990271/>
- <http://pt.pinterest.com/pin/510384570243618266/>

Anexo 3

Duración:	10 minutos
Descripción de la dinámica:	Individual
Destreza:	Comprensión oral

GOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES

Escola Secundária
Campos Melo

2014/2015

Nombre: _____ Curso: _____ Fecha: _____

La promesa

Rellena los huecos de la canción:

Yo te prometo que yo
Seré quien cuide **tus** sueños
Y cuando tú estés despierta
El que te ayude a tenerlos

Yo te prometo una luna desnuda
Que sea testigo de **nuestra** locura
Que al final de **nuestros** días
Nos va a sombrar una sombra

Que no cortaré más flores solo por
adornar otras
Que confundirás **tus** manos con **las**
mías

Yo te prometo amor que eres lo más
bonito
Que he visto en **mi** vida

Yo podría prometerte el mundo
Tú prométeme una madrugada
Pa' cantarte por Compay Segundo
Mientras tú me bailas como Lady
Gaga

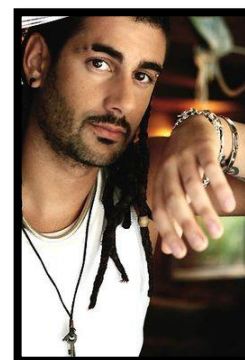
Te prometo amor que solamente

Yo tengo en **mi**
mente pedirte una
noche
Porque no necesitaré
más que un muelle
de San Blas
Sonando en **nuestro**
coche

Si me das la
oportunidad corazón
De que nos besemos a solas
Tu vida será una canción When a man
loves a woman

Yo te prometo que yo
Jamás te haré una promesa
Que no pretenda cumplir
Jamás me iré a la francesa

Yo te prometo una luna desnuda
Que sea testigo de **nuestra** locura
Que al final de **nuestros** días
Nos va a sombrar una sombra



Que no cortaré más flores solo por
adornar otras
Que confundirás **tus** manos con **las**
mías
Yo te prometo amor que eres lo más
bonito
Que he visto en **mi** vida

Yo podría prometerte el mundo
Tú prométeme una madrugada
Pa' cantarte por Compay Segundo
Mientras **tú** me bailas como Lady
Gaga

Te prometo amor que solamente
Yo tengo en **mi** mente pedirte una
noche
Porque no necesitaré más que un
muelle de San Blas
Sonando en **nuestro** coche

Si me das la oportunidad corazón
De que nos besemos a solas
Tu vida será una canción when a man
loves a woman

Porque cuando un hombre ama a una
mujer

Lo sabe desde el momento en que la ve
Y no importa si algo fallo
De la mano de quien vaya
Si se ríe o si se calla...

Porque cuando un hombre ama a una
mujer


Es como si le empezara a parecer
que lleva tiempo dormido
Pensando que estaba vivo
Yo te prometo contigo
Envejecer..

Melendi

<https://www.youtube.com/watch?v=bGBKv1GVqUU>

Anexo 4⁶

Duración:	5 minutos
Descripción de la dinámica:	Individual
Destreza:	---

 Pepe recibió los siguientes correos electrónicos. Complétalos con los posesivos adecuados y los artículos cuando sea necesario.

- a. **Pepe:**
Voy a pasar un fin de semana en Madrid con 1. _____ mujer y 2. _____ hijos. No podemos quedarnos en 3. _____ casa porque vamos con 4. _____ amigos portugueses. Sin embargo, quiero estar contigo y conocer a 5. _____ hijos.
- b. **Hola, Pepe:**
¿Me prestas 1. _____ coche? 2. _____ está en el taller. Le he pedido el coche a 3. _____ madre, pero 4. _____ tampoco funciona.
- c. **¿Qué tal, Pepe?**
Ana y yo vamos a organizar una fiesta. Te invitamos a venir a 1. _____ casa el próximo sábado. 2. _____ primos franceses también estarán aquí. Puedes venir con 3. _____ hermanos y puedes traer a 4. _____ perro. También tenemos uno. A 5. _____ perro le gustará jugar con 6. _____.

Endirecto.com, pág. 78

- a. Mi; mis; vuestra; unos; tus.
b. tu; el mío; mi; el suyo
c. nuestra; mis; tus; tu; nuestro; el tuyo

Anexo 5⁷

Duración:	3 minutos
Descripción de la dinámica:	Individual
Destreza:	---



Completa el diálogo con los posesivos adecuados y los artículos cuando sea necesario.

- a. Andrea – Inés, ¿el paraguas negro es 1 _____?
- Inés – No, Andrea, 2 _____ es rojo y lo tengo aquí.
- Andrea – ¿Este será de Raquel?
- Inés – No, no es de Raquel, 3 _____ es naranja. ¿Ese paraguas negro no es 4 _____, Andrea? Hoy te he visto con él.
- Andrea – Es verdad... Es 5 _____, 6 _____ hermana me lo ha dejado por la mañana. ¡Qué despistada!
- b. – Buenas tardes, señor, ¿puede enseñarme 1 _____ pasaporte?
- Aquí está.
- Este pasaporte no es 2 _____. Es de una chica.
- Perdón, ese es de 3 _____ hija. 4 _____ es este. Y esta maleta rosa también es 5 _____. 6 _____ es la azul, la más grande.

Endirecto.com, pág. 79

Anexo 6

Duración:	5 minutos
Descripción de la destreza:	Toda la clase
Destreza:	Comprensión escrita



<http://pt.pinterest.com/pin/269301252688572864/>

7

- Tuyo; el mío; el suyo; tuyo; mío; mi.
- Su; suyo; mi; el mío; suya; la mía

Anexo 7

Duración:	15 minutos
Descripción de la dinámica:	Individual
Destreza:	---

GOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES

Escola Secundária
Campos Melo

2014/2015

Nombre: _____ Curso: _____ Fecha: _____

Perífrasis verbal *Estar + Gerundio*

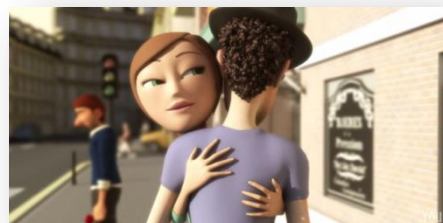
Observa el vídeo e indica las acciones que están desarrollando los personajes.



El chico está leyendo el periódico.



La chica está oyendo música.



Los chicos se están abrazando.



Los chicos están cantando



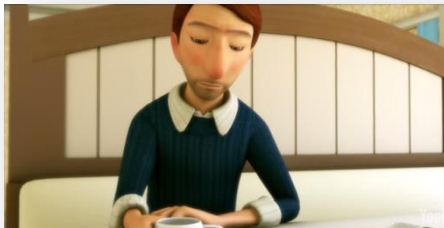
La chica lo está saludando



Los chicos están charlando



Los chicos se están besando



El chico está bebiendo té/ café



El chico está cogiendo una flor



Los novios están viendo el mar

Anexo 8⁸

Duración:	5 minutos
Descripción de la dinámica:	Toda la clase
Destreza:	---

6 Completa el cuadro con las formas verbales de la lista.

Algunos gerundios irregulares			
caer		pedir	
decir		venir	
dormir		reír	
ir		seguir	
leer		sentir	
oír		vestir	

leyendo yendo
riendo pidiendo
oyendo sintiendo
cayendo viniendo
durmiendo vistiendo
siguiendo diciendo

Endirecto.com, pág. 80

⁸ CAER: cayendo; DECIR: diciendo; DORMIR: durmiendo; IR: yendo; LEER: leyendo; OÍR: oyendo; PEDIR: pidiendo; VENIR: viniendo; REÍR: riendo; SEGUIR: siguiendo; SENTIR: sintiendo; VESTIR: vistiendo.

Anexo 9⁹

Duración:	5 minutos
Descripción de la dinámica:	Toda la clase
Destreza:	---

7 Completa con *estar* + *gerundio*.

a. – ¿Ángel _____ (oír) las noticias?
 – No, _____ (leer) un libro.

b. – ¿Tus hermanos _____ (dormir)?
 – No, _____ (vestirse).

c. – José y Raúl, ¿de qué _____ (reírse)?
 – _____ (ver) unas fotos de nuestras vacaciones.


Endirecto.com, pág 80

Anexo 10¹⁰

Duración:	5 minutos
Descripción de la dinámica:	Toda la clase
Destreza:	---

6 Completa el texto usando *estar* + *gerundio*.

leer pintar hacer repetir pedir pensar dormir hablar trabajar escribir



Profesora: – ¿Qué pasa hoy? Nadie 1 _____. Pepe 2 _____ en las musarañas. Ana 3 _____ dibujos. David 4 _____ un cómic. Carlos 5 _____ con la cabeza en la mesa. Santiago 6 _____ permiso para salir. Sofía 7 _____ mensajes en el móvil. Pepe y Felipe 8 _____ como dos loros. Vosotras 9 _____ las uñas. Yo 10 _____ las mismas cosas desde el inicio de la clase y nadie me hace caso.

Endirecto.com1, página 80

9

- a. Estás oyendo; estoy leyendo
- b. Están durmiendo; se están vistiendo;
- c. Os estáis riendo; estamos viendo.

¹⁰ Está trabajando; está pensando; está haciendo; está leyendo; está durmiendo; está pidiendo; está escribiendo; están hablando; estáis pintando; estoy repitiendo.

Anexo 11¹¹

Duración:	20 minutos
Descripción de la destreza:	Dos grupos
Destreza:	Comprensión escrita



¹¹ Amostra da atividade.



21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

Busca la respuesta correcta.

A: Mi perro es perezoso

B: Mi perro es perezoso

C: Mi perro es perezoso

D: Mi perro es perezoso



21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

Traduce la siguiente frase: "Pedro é o meu namorado".

A: Pedro es mi enamorado

B: Pedro es mi novio

C: Pedro es mi novio

D: Pedro es mi nóvio



21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

¿Qué significa la expresión "¡Aquella tia está borracha!" ?

A: "Aquella tia é linda"

B: "Aquella tia é elegante"

C: "Aquella gaja senhora está bêbada"

D: Ninguna de las anteriores



Definición de la RAE: Hijo de uno de los dos consortes con respecto al hijo del otro..

A: Hermanastro **B:** Hijastro

C: Hermano **D:** Ninguna de las anteriores

21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1



¿Cómo se llama esta vivienda?

A: Chalet **B:** Chalé adosado

C: Casas gemelas **D:** Mansión

21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1


Una de las siguientes afirmaciones está correcta. Di cuál es.

a. Un gato está debajo de la alfombra y el outro está sobre la cama.

b. El gato está sobre el sofá y delante de la tele.

c. Un gato está delante de la nevera y outro está delante del grifo.

d. Un gato está a la derecha de la cama y el outro está debajo de la lámpara.



21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1



¿Cómo se llaman estos objetos?

A: Almohadas; alfombra; autoclismo **B:** Cojines; tapete; calefacción

C: Cojines; alfombra; aquecedor **D:** Ninguna de las anteriores

21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

Indica el nombre de cinco objetos/ muebles que ves en la imagen.



21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

¿Qué habitaciones tiene esta casa?



21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1